



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE CULTURA E TERRITÓRIO -  
PPGCULT

**JAISON RIBEIRO MARINHO**

**O AGRONEGÓCIO DA PECUÁRIA DE CORTE EM ARAGUAÍNA (TO):  
TERRITORIALIDADE E REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA**

ARAGUAÍNA-TO  
2019

**JAISON RIBEIRO MARINHO**

**O AGRONEGÓCIO DA PECUÁRIA DE CORTE EM ARAGUAÍNA (TO):  
TERRITORIALIDADE E REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCult) da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus de Araguaína, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Estudos de Cultura e Território.

**Linha de Pesquisa:** Natureza, Poder e Territorialidades

**Orientador:** Prof. Dr. Airton Sieben

ARAGUAÍNA-TO  
2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

- M338a Marinho, Jaison Ribeiro.  
O Agronegócio da Pecuária de Corte em Araguaína (TO): Territorialidade e Representação Simbólica. / Jaison Ribeiro Marinho. – Araguaína, TO, 2019. 130 f.
- Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Estudo de Cultura e Território, 2019.  
Orientador: Airton Sieben
1. Pecuária de Corte.. 2. Território.. 3. Estado.. 4. Poder simbólico.. I. Título
- CDD 306**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

**JAISON RIBEIRO MARINHO**

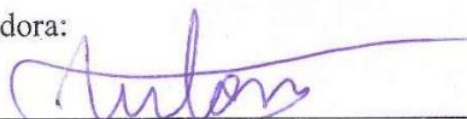
**O AGRONEGÓCIO DA PECUÁRIA DE CORTE EM ARAGUAÍNA (TO):  
TERRITORIALIDADE E REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCult) da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus de Araguaína, foi avaliada para a obtenção do título de Mestre em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca examinadora.

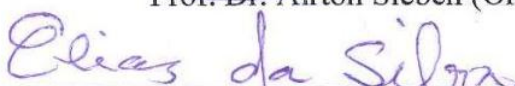
Orientador Prof. Dr. Airton Sieben

Data da Aprovação: 01 / 07 / 2019

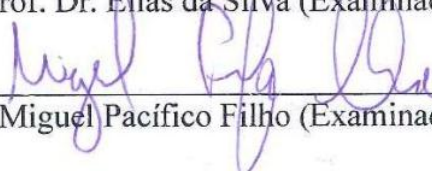
Banca Examinadora:



Prof. Dr. Airton Sieben (Orientador), UFT



Prof. Dr. Elias da Silva (Examinador), UFT



Prof. Dr. Miguel Pacifico Filho (Examinador externo), UFT

## DEDICATÓRIA

À minha mãe Valdiza, chefe da família, aos meus irmãos pelos créditos e apoio e a todos os meus amigos que me ajudaram ao longo desse caminho, a vós dedico!

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal do Tocantins (UFT) pela oferta do curso, bem como, a toda coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território – PPGCULT na pessoa do coordenador o professor Dr. Plábio Marcos Martins Desidério, pela seriedade e respeito ao programa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior (CAPES), agradeço pelo suporte financeiro fornecido a partir da bolsa acadêmica.

Agradeço ao Professor Dr. Airton Sieben pela orientação e todos os momentos de desenvolvimento da pesquisa, especialmente pelo compromisso e dedicação.

Ao Professor Dr. Elias da Silva e o Professor Dr. Miguel Pacífico Filho, por aceitarem o convite para participação na banca de qualificação e defesa e por todas as contribuições para a melhoria do trabalho.

Agradeço ao Sindicato Rural de Araguaína (SRA) pela colaboração durante a elaboração do trabalho.

Agradeço aos voluntários que ajudaram na coleta de informações e dados através da resposta aos questionários aplicados durante a Cavalgada e a realização da EXPOARA.

Agradeço a todos os meus familiares que direta ou indiretamente contribuíram com mais essa etapa da minha caminhada, especialmente a minha querida mãe, Valdiza pelo cuidado com nossa família, e comigo.

Agradeço de forma carinhosa e respeitosa a todos os professores das disciplinas cursadas por toda a dedicação e o zelo com a proposta do Programa.

Agradeço a todos os colegas mestrandos pelas trocas de experiências e também por toda a cordialidade durante o nosso percurso acadêmico.

Agradeço especialmente aos colegas Suzie, Amarildo e Graziane (filhos do mesmo orientador) pela força e por me ajudarem sempre que precisei ao longo do processo de construção da minha dissertação.

Agradeço ao colega Fábio Lopes de Almeida por me ajudar com o passaporte de entrada da EXPOARA.

Agradeço aos funcionários da biblioteca pela a organização e pelo serviço prestado durante o desenvolvimento da minha pesquisa.

Agradeço imensamente a Deus pelo dom da vida e por essa oportunidade de poder continuar os meus estudos.

## ÉPIGRAFE

### NUNCA PARE DE SONHAR

(Gonzaguinha)

Ontem um menino  
Que brincava me falou  
Hoje é a semente do amanhã

Para não ter medo  
Que este tempo vai passar  
Não se desespere, nem pare de sonhar

Nunca se entregue  
Nasça sempre com as manhãs  
Deixe a luz do sol brilhar no céu do seu olhar

Fé na vida, fé no homem, fé no que virá  
Nós podemos tudo, nós podemos mais  
Vamos lá fazer o que será

Ontem um menino  
Que brincava me falou  
Hoje é a semente do amanhã

Para não ter medo  
Que este tempo vai passar  
Não se desespere, nem pare de sonhar

Nunca se entregue  
Nasça sempre com as manhãs  
Deixe a luz do sol brilhar no céu do seu olhar

Fé na vida, fé no homem, fé no que virá  
Nós podemos tudo, nós podemos mais  
Vamos lá fazer o que será.

## RESUMO

A pecuária é uma das atividades primárias da economia mais tradicional realizada em todo o mundo. No Brasil a mesma vem sendo praticada desde a chegada dos portugueses e passou por vários estágios até o momento atual. No passado não muito distante, era uma atividade extremamente importante para a conquista e ocupação do território, em função disso, desde os anos 60 vem sendo bastante fomentada pelo governo federal, especialmente na região da Amazônia Legal. Desta forma, no contexto atual em que o agronegócio se consolida como uma grande força econômica no Brasil devido ao apoio do Estado, do forte capital investido e todo o aparato da mídia, a pecuária recebe uma guinada ainda maior devido ao Brasil ter se tornado o maior produtor mundial de carne bovina. Em consequência disso, muitos municípios brasileiros têm a pecuária como sua principal atividade econômica, neste caso, o município de Araguaína localizado na região Norte do estado do Tocantins, desde a década de 80 tem a pecuária de corte como sua mais importante atividade do agronegócio, em função disso passou a ser considerado a capital do boi gordo. A partir de então a pecuária de corte passa a exercer um forte empoderamento em detrimento de outras atividades do agronegócio em exercício em Araguaína. O município conta, ao longo do seu território, com 1050 propriedades rurais que em menor ou maior grau exercem a atividade da pecuária, além de um grande número de propriedades rurais nos municípios vizinhos que compõem a sua microrregião. Nesta perspectiva, o objetivo desse trabalho é analisar o processo de territorialização do agronegócio da pecuária de corte no município de Araguaína a partir do poder simbólico atribuído ao boi, bem como aos discursos da elite pecuarista e dos representantes do sindicato rural. Faz-se relevante frisar a importância do Estado para o processo de crescimento das atividades do agronegócio, assim como as políticas públicas implementadas pelo mesmo para os diversos atores envolvidos com essa atividade, bem como o cuidado ao meio ambiente uma vez que a pecuária tem sido uma atividade de grande impacto para a natureza em seu processo de desenvolvimento. Em que pese o processo de desenvolvimento da pecuária de corte no município, em parte se deve à ação do sindicato rural e também ao papel da elite pecuarista que em muitos casos têm uma forte ligação com os políticos em exercício, facilitando assim, o atendimento de suas reivindicações e, em consequência disso, o crescimento da categoria. A abordagem desse trabalho se traduz através da pesquisa qualitativa, foram acompanhadas 04 reuniões de repasses do sindicato rural aos seus associados com informações para obtenção de melhores resultados para toda categoria. Assim, foi aplicado um questionário com alternativas fechadas e abertas com uma comitiva que participou da cavalgada em junho de 2018, com intuito de conhecer como é formada a comitiva, o trato com os animais, a importância da festa para os mesmos. Também se realizou a aplicação de questionários a 07 pecuaristas durante a cavalgada, o levantamento se deu para saber se os mesmos eram filiados ao sindicato, a importância da pecuária, o cuidado com o meio ambiente, acesso às linhas de crédito, entre outras questões. Também foi realizada a visita ao parque durante os 10 dias da EXPOARA, observando a interação do público com a festa, o discurso do sindicato. Desse modo, foram aplicados 51 questionários com o intuito de perceber a influência da pecuária na vida dos araguanenses. Neste contexto, fica evidente que a pecuária tem a aceitação de muitos araguanenses, em parte pela tradição da mesma na região e pela aceitação cultural do público, bem como, através do seu poder simbólico.

**Palavras-Chave:** Atores. Pecuária de Corte. Território. Estado. Poder simbólico.



## ABSTRACT

The Livestock farming is one of the primary activities held throughout the world by the more traditional economy. In Brazil, it has been practiced since the arrival of the Portuguese and has passed by several stages until the present moment. In a not too distant past, it was an extremely important activity for the conquest and occupation of the territory, because of this, since the 60's it have been greatly fomented by the federal government, especially in the region of Legal Amazon. Thus, in the current context in which agribusiness has consolidated itself as a major economic force in Brazil due to the support gave by the State, the strong capital invested and the entire media apparatus, the livestock farming receives an even bigger turnaround because Brazil has become the world's largest beef producer. As a result, many Brazilian municipalities have livestock farming as their main economic activity, in this case, the municipality of Araguaína located in the northern region of the state of Tocantins has the beef cattle herding as its most important agribusiness activity since the 80s, in function of this, is now considered the capital of the fat ox. From then on, the beef cattle ranch exerts a strong empowerment to the detriment of other agribusiness activities performed in Araguaína. The municipality counts throughout its territory with 1050 rural properties that to a lesser or greater degree exert the livestock activity, in addition to a great number of rural properties in the neighboring municipalities that compose its micro-region. In this perspective, the objective of this work is to analyze the process of territorialization of the agribusiness of the beef cattle in the municipality of Araguaína from the symbolic power attributed to the ox, as well as the speeches of the cattle breeder elite and the rural syndicate representatives. It is relevant to emphasize the importance of the State for the growth process of agribusiness activities, as well as the public policies implemented by the State for the various actors involved in this activity, as well as the care for the environment since livestock farming has been an activity of great impact to the nature in its development process. Despite the process of beef cattle development in the municipality, it is partly due to the action of the rural syndicate and to the role of the cattle breeder elite, who in many cases have a strong connection with the acting politicians, thus facilitating the claims, and consequently the growth of this category. The approach of this work translates through the qualitative research, were followed 04 meetings of transfers of the rural syndicate to its associates with information to obtain better results for every category. Thus, was applied a questionnaire with closed and open alternatives to a retinue that participated of the cavalcade in June of 2018, in order to know how the retinue is formed, their treatment with the animals and the importance of the party for them. It was also applied questionnaires to 07 livestock farmers during the cavalcade, the survey was to determine if they were affiliated to the syndicate, the importance of livestock, the care for the environment, access to credit lines, among other questions. Was also performed a visit to the park during the 10 days of EXPOARA, observing the interaction of the public with the party and also the syndicate discourse. In this order, were applied 51 questionnaires to perceive the influence of livestock in the lives of the Araguainians. In this context, it is evident that livestock farming has the acceptance of many Araguainans, partly because of its tradition in the region and the cultural acceptance of the public, as well as through its symbolic power.

**Keywords:** Actors. Beef cattle. Territory. State. Symbolic power.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### LISTA DE FIGURAS

|   |     |
|---|-----|
| Figura 1 - Evolução da pecuária na Amazônia entre os anos 1987 – 2013.....                  | 52  |
| Figura 2 - Desigualdade no acesso a incentivos tecnológicos no ano de 2006 - Brasil.....    | 59  |
| Figura 3 - Reivindicação dos pecuaristas para redução do ICMS sobre venda de gado.....      | 64  |
| Figura 4 - Número de deputados da Frente Parlamentar da Agropecuária em exercício/2018 .... | 65  |
| Figura 5 - Evolução da bancada ruralista nas últimas 3 eleições.....                        | 66  |
| Figura 6 - Campanha publicitária a favor do agronegócio - Rede Globo.....                   | 69  |
| Figura 7 - Esquema do jogo relacional de poder da pecuária em Araguaína.....                | 73  |
| Figura 8 - Passo a passo para criação e implantação de agroindústrias.....                  | 78  |
| Figura 9 - Propaganda oficial da EXPOARA/2018.....  | 106 |

### LISTA DE FOTOS

|   |     |
|---|-----|
| Foto 1 - Criação de gado no sistema extensivo na Amazônia Legal.....                        | 25  |
| Foto 2 - Interação do comércio informal nas ruas de Araguaína durante a EXPOARA.....        | 99  |
| Foto 3 - Reunião com os associados do SRA para discutir assuntos inerentes a categoria..... | 101 |
| Foto 4 - Preparação da comitiva Açougue Paulista – margem da Av. Bernardo Sayão.....        | 102 |
| Foto 5 - Cavalgada/2018, início do trajeto na Av. Bernardo Sayão.....                       | 105 |

### LISTA DE GRÁFICOS

|   |     |
|---|-----|
| Gráfico 1 - Produto Interno Bruto por setores da economia em Araguaína (x 1000 R\$) 2015 .... | 44  |
| Gráfico 2 - Composição da Comitativa do Açougue Paulista, cavalgada 2018.....                 | 103 |
| Gráfico 3 - Importância da Pecuária para o município de Araguaína (TO).....                   | 104 |
| Gráfico 4 - Avaliação da festa agropecuária de Araguaína.....                                 | 108 |

### LISTA DE MAPAS

|  |    |
|--|----|
| Mapa 1 – Localização de Araguaína no estado do Tocantins e no Brasil.....                  | 30 |
| Mapa 2 – Municípios da Microrregião de Araguaína influenciados pela pecuária de corte..... | 38 |
| Mapa 3 - Cobertura e uso da terra no município de Araguaína (2007).....                    | 48 |

## **LISTA DE QUADROS**

|   |     |
|---|-----|
| Quadro 1 - Fases do Desenvolvimento Regional na Amazônia.....                             | 23  |
| Quadro 2 - Objetivos específicos da Lei 4. 829/ 65 .....                                  | 57  |
| Quadro 3 - Principais atividades de crédito a partir de 1965 para o produtor rural .....  | 60  |
| Quadro 4 - Exemplo de algumas agroindústrias instaladas na microrregião de Araguaína..... | 77  |
| Quadro 5 - Coeficientes técnicos na agropecuária .....                                    | 85  |
| Quadro 6 - Tratamento de questões do roteiro de entrevistas dos participantes da EXPOARA  | 106 |
| Quadro 7 - Valores do passaporte da EXPOARA nos últimos 4 anos.....                       | 107 |
| Quadro 8 - Questionário aplicado com pecuaristas no dia da Cavalgada/2018 .....           | 112 |

## **LISTA DE ORGANOGRAMA**

|   |    |
|---|----|
| Organograma 1 - Medidas para o desenvolvimento econômico da Amazônia..... | 22 |
|---|----|

## **LISTA DE TABELA**

|   |    |
|---|----|
| Tabela 1 - Efetivo bovino no município de Araguaína (TO) período de 1974 a 2017 .....     | 34 |
| Tabela 2 - Relação de alguns políticos pecuarista do município de Araguaína.....          | 62 |
| Tabela 3 - Efetivo bovino X população da microrregião de Araguaína – 2017.....            | 76 |
| Tabela 4 - Exportações do município de Araguaína (TO) para países parceiros em 2017 ..... | 94 |

## **LISTA DE ABREVIATURAS E DE SIGLAS**

ABAG – Associação Brasileira de Agribusiness

BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

EXPOARA – Exposição Agropecuária de Araguaína

FAO - Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura

FAT – Fundo de Amparo ao Trabalhador

FCO - Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste

FUNRURAL – Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural

FNE - Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste

FNO – Fundo Constitucional de Financiamento do Norte

FPA – Frente Parlamentar da Agropecuária

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICMS – Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços

MAPA – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

MATOPIBA – Região agrícola que compreende o Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia

ONG – Organização Não Governamental

PGC – Programa Grande Carajás

PIB – Produto Interno Bruto

PIN – Programa para a Integração Nacional

SEPLAN – Secretária de Planejamento e Orçamento

SNCR – Sistema Nacional de Crédito Rural

SRA – Sindicato Rural de Araguaína

TO – Tocantins

UDR - União Democrática Ruralista

UHEE – Usina Hidrelétrica Estreito

USP – Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

|  |            |
|--|------------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>12</b>  |
| <b>1- FUNDAMENTOS DO AGRONEGÓCIO E REPRESENTAÇÃO EM ARAGUAÍNA ..19</b>                     |            |
| 1.1 - A cultura rural na Amazônia Legal.....   | 22         |
| 1.2 – História de Araguaína e seu processo de territorialização a partir da pecuária ..... | 27         |
| 1.3 - De onde vem a vocação agropecuária de Araguaína? .....                               | 32         |
| 1.4 – Araguaína e sua localização estratégica para o desenvolvimento do agronegócio .....  | 36         |
| 1.5 – Agronegócio em Araguaína: heterogeneidade e traços comuns.....                       | 45         |
| <b>2 – ESTADO E O AGRONEGÓCIO: TERRITORIALIDADE E PODER .....</b>                          | <b>50</b>  |
| 2.1 – O agronegócio em Araguaína: meio ambiente e políticas públicas .....                 | 51         |
| 2.2 – A relação dos atores da pecuária com o Estado.....                                   | 55         |
| 2.3 – A elite pecuarista de Araguaína e suas tramas .....                                  | 61         |
| 2.4 – Araguaína: a capital do boi gordo e a influência do marketing.....                   | 67         |
| 2.5 – Reconhecimento do agronegócio em Araguaína e sua representação .....                 | 70         |
| <b>3 – PECUÁRIA DE CORTE: SÍMBOLO DE PODER EM ARAGUAÍNA .....</b>                          | <b>80</b>  |
| 3.1 – Expansão e trajetória da pecuária em Araguaína .....                                 | 81         |
| 3.2 – Caminhos do Boi – Para onde vai o Boi de Araguaína? .....                            | 90         |
| 3.3 – As Motivações da Cavalgada e da EXPOARA para os araguanenses .....                   | 96         |
| 3.4 – A pecuária como símbolo de poder em Araguaína.....                                   | 110        |
| 3.5 – O Cenário atual da pecuária em Araguaína e seus desafios.....                        | 115        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>   | <b>118</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>   | <b>122</b> |
| <b>APÊNDICE I – Roteiro de entrevista para Cavaleiros e Amazonas - Cavalgada.....</b>      | <b>130</b> |
| <b>APÊNDICEII – Roteiro de entrevista para os participantes da EXPOARA .....</b>           | <b>131</b> |
| <b>APÊNDICE III – Roteiro de entrevista para os Pecuaristas.....</b>                       | <b>132</b> |
| <b>APÊNDICE IV – Roteiro de entrevista para o presidente do SRA .....</b>                  | <b>133</b> |

## INTRODUÇÃO

As últimas décadas têm sido marcadas pelos grandes embates na ocupação e no uso do território, sobretudo com relação ao avanço das diversas atividades do agronegócio e a expropriação de grupos subalternizados como os camponeses, indígenas e quilombolas que tentam resistir na defesa de seus territórios e/ou em busca de entrar na terra e nela poder permanecer (SOUZA, 2012). Neste sentido, o Estado tem o papel de manter a coesão na organização do território e garantir que as políticas públicas sejam efetivas para os diversos atores a partir de suas ações e normas (FREITAS, 2015).

Tendo em vista que o agronegócio tem ganhado uma importante notoriedade na atualidade, o território passa a ser um espaço de luta constante entre os atores sintagmáticos. Dessa forma, tais atores buscam uma articulação no território no intuito de saber o que pode lhes ajudar ou atrapalhar no jogo relacional de poder existente, nesta questão seria possível pensar que esses atores buscam um “eixo central” para que consigam o controle do espaço e no espaço (RAFFESTIN, 1993).

Nesta perspectiva, o agronegócio ganha uma nova roupagem com relação a investimentos do grande capital e passa a influenciar a economia brasileira, seja por números em consequência de políticas do Estado favoráveis à questão, ou mesmo pelo processo forte de mediação recebido na atualidade. Conforme o exposto, muitos municípios brasileiros vivem sobre a influência atual do agronegócio e têm seus territórios modificados através das relações da territorialização do capital no espaço agrário.

Essa questão toma bastante notoriedade no Brasil a partir da década de 1960, quando o Estado brasileiro passa a incentivar a ocupação de grandes áreas da região Norte, especialmente da região amazônica para promover uma integração dessas áreas ao território nacional. A partir daí, começa a se desenhar um novo cenário, marcado especialmente por diversas lutas pelo uso do território, onde se estabelece uma articulação de grupos com propósito de conquistar a legitimidade na ocupação e uso do espaço.

Nesse primeiro momento, a pecuária se apresentava como uma atividade importante para a ocupação do território exatamente pelo seu baixo custo de investimento inicial e sua considerada alta rentabilidade comparada a outras atividades. Com isso, a região passa a atrair fazendeiros de outras partes, especialmente das regiões do Sul e Sudeste que começam a desenvolver a pecuária na forma extensiva graças à grande quantidade de terras “disponíveis” na região. É importante destacar que nessa época ainda não se falava do termo agronegócio,

mas fazia-se uso do termo agropecuária, já que o primeiro apenas começa a ser usado em larga escala no Brasil a partir da década de 1980 (ARAÚJO, 2005).

Neste contexto, o agronegócio vem se apropriando do território de forma bastante evidente, provocando mudanças na paisagem que não se efetiva somente na forma visível, mas também, a partir dos cheiros, gostos, sons e texturas desse processo produtivo da atividade no território brasileiro (MATOS, 2012). Devido a todo o processo de territorialização do agronegócio, os estados brasileiros que dispõem de territórios e recursos naturais são os mais favoráveis para o desenvolvimento das diversas atividades que o agronegócio reúne.

Por essa razão, o estado do Tocantins apresenta uma importante vocação para as atividades oriundas do agronegócio, e desde muito tempo tem sido ascendido pelo grande capital que tem visto no mesmo, diversos recursos naturais propícios para o desenvolvimento de suas atividades. Em concordância, se evidencia um processo de progresso para a região, no entanto, o que é colocado na mídia como crescimento econômico tem se concentrado nas mãos de um pequeno grupo em detrimento de uma exploração natural e social do território.

Ressalta-se que o estado do Tocantins teve sua primeira gestão formada por um forte grupo de pecuaristas que aqui já mantinham o monopólio do território, a União Democrática Ruralista (UDR) (AMARAL, 1988). Seguindo essa questão, se percebe a articulação dos grupos em prol do que seja vantajoso para sua classe, cabe mencionar, que muitos políticos do estado também são os atores que exercem alguma atividade do agronegócio fazendo, em alguns casos, uso de vantagens a partir da criação de leis favoráveis para a categoria.

A influência do agronegócio é tão grande no estado do Tocantins, que o mesmo passa a fazer parte da mais nova fronteira agrícola do país conhecida como MATOPIBA que engloba áreas de outros estados brasileiros como o Maranhão, Piauí e Bahia, onde se encontram terras planas e a vegetação de cerrado e caatinga favoráveis para a plantação de monoculturas privilegiadas pelo agronegócio, como, por exemplo, a soja.

A cidade de Araguaína, localizada no norte do estado do Tocantins, tem uma economia que se apóia no capitalismo influenciado pelo agronegócio, dessa forma, há muito tempo vem se destacando como uma importante cidade de prestação de serviços, parte dos mesmos, voltados para a segmentação rural (SODRÉ; VASCONCELOS SILVA, 2015). Desde o seu surgimento, o município de Araguaína, conta com diversas atividades agrícolas sendo desenvolvidas, com destaque para a pecuária de corte e para o plantio de algumas monoculturas, tais como: café, mandioca, soja, milho, etc.

No entanto, devido à falta de infraestrutura que se apresentava no município antes da década de 1960, a pecuária foi a atividade mais representativa daquele momento, tanto que a mesma foi se solidificando, chegando ao período atual como sendo a mais significativa atividade do agronegócio desenvolvida no município. Considerada a Capital do Boi Gordo, Araguaína traz uma forte representatividade do agronegócio, grandes frigoríficos foram se instalando ao longo dos últimos anos, casas agropecuárias, cursos como Medicina Veterinária e Zootecnia, entre outros, têm sido favoráveis para mais investimentos do agronegócio em toda sua microrregião. Outro fator relevante, defendido especialmente pelos empresários do agronegócio, é a localização e posição geográfica do município, o mesmo é apresentado como tendo uma localização estratégica na região norte, fazendo ligação com importantes estados, o município é cortado pela rodovia federal BR 153 (Transbrasiliana) que proporcionou um salto em seu desenvolvimento após a década de 1960.

Araguaína também se apresenta como a capital econômica do estado do Tocantins, com isso, faz todo um marketing para promover seu potencial, a cidade é situada entre os rios Araguaia e Tocantins, distante 124 km da Usina Hidrelétrica de Estreito (UHEE), detentora atualmente do segundo efetivo bovino do estado, cortada pela ferrovia Norte-Sul, próxima dos estados com maior potencial para o desenvolvimento das atividades do agronegócio: Pará, Maranhão, Piauí e Bahia; além de apresentar clima favorável e estações bem definidas, isso tem fortalecido o discurso dos empresários do agronegócio do município.

Araguaína dispõe em sua localização de um total de 1055 propriedades rurais de pequeno, médio e grande porte (IBGE, 2017). Isso demonstra o processo de ocupação e uso do território, marcado especialmente pela exploração da pecuária nas áreas de cerrado do município. Com o processo de crescimento dessa atividade, outros municípios vizinhos também foram influenciados, sobretudo, nos estados do Maranhão e Pará. A cidade de Araguaína apresenta uma particularidade expressiva no ramo do agronegócio quando comparada com outras importantes cidades dos estados vizinhos, tais como, Imperatriz (MA) e Marabá (PA).

No processo de segmentação do agronegócio, os pecuaristas do município vêm sendo representados pela instituição Sindicato Rural de Araguaína (SRA) que tem como principal objetivo representar e defender os interesses da categoria frente as demais instituições da sociedade. Assim, o sindicato promove todos os anos na cidade a Exposição Agropecuária de Araguaína (EXPOARA), uma das maiores festas agropecuárias do estado do Tocantins, onde se efetiva o lado positivo do agronegócio através de uma vitrine de propagandas. Este evento está inserido nas festividades culturais do município e tem sido defendido com bastante



eficácia pelos atores do agronegócio que tradicionalmente vinculam o mesmo a um processo de integração entre as distintas classes, bem como, um momento de interação para o produtor rural que tanto contribui para o crescimento econômico regional.

No início, a festa foi pensada somente para os produtores rurais, no entanto, com o passar do tempo ela foi se tornando uma festa popular e apresentando cada vez mais público e, em consequência disso, se tornou uma das principais atividades culturais que acontece no município. Comumente as pessoas mencionam que vão à pecuária, ao invés de dizerem que vão à exposição agropecuária. Isso tem sido algo comemorado pelos pecuaristas do município que têm anunciado a pecuária como a mais importante atividade econômica de Araguaína.

Dessa forma, mesmo a festa tendo se tornado numa grande exploração econômica revelada especialmente pelo valor do ingresso de entrada e também devido ao alto preço dos produtos e serviços que se comercializa no local, a mesma tem concentrado um bom público ao longo de suas edições, isso se explica pelas atrações que o sindicato tem contratado como shows de artistas de renome nacional, pela grande influência midiática, entre outros motivos.

As atividades do agronegócio no município têm gerado análises relevantes, uma delas, pode ser destacada exatamente pela questão mística que está por detrás da mesma, evidenciada pelo fato de que muitas pessoas que não têm nenhuma ligação direta com as atividades do agronegócio (como, por exemplo, a pecuária) se sentem parte desse processo, ao passo de se caracterizarem para a festa e, desta forma, assumirem o papel de protagonistas das atividades provenientes do agronegócio.

Nesse sentido, existem diferentes perspectivas a serem abordadas em relação ao desenvolvimento do agronegócio em Araguaína, começando por assim dizer, ao título que a mesma recebe como sendo a capital do boi gordo. Com este destaque, a ideia que surge, é de que na cidade há uma maior oferta do produto e em consequência disso a carne tem um valor comercial mais acessível. No entanto, não é isso que ocorre, ao passo de que um questionamento se faz necessário: para onde vai o boi gordo de Araguaína?

Continuando nessa perspectiva, faz-se necessário compreender a representação do sujeito pertencente ao seguimento rural, bem como: de onde vem esse sujeito? De que forma ele efetiva uma significação para esse processo? Além de outros vieses importantes, como perceber a influência da pecuária na economia e desenvolvimento do município.

As particularidades ora aqui mencionadas são frutos de outras implicações sobre o desenvolvimento do agronegócio no município de Araguaína, uma vez que, nos últimos anos a cidade tem ganhado novas forças econômicas oriundas do comércio. Nesta lógica, faz-se necessário entender o papel de cada setor da economia para o município, bem como,

compreender a importância do agronegócio, pois, alguns estudos apontam uma arrecadação de cerca de 2% a 4% do Produto Interno Bruto (PIB) o que não é tão expressivo assim como todo processo de intermediarização que o mesmo tem apresentado (IBGE, 2015).

Diante das questões aqui levantadas relacionadas ao desenvolvimento do agronegócio, o objetivo geral consiste em analisar o processo de territorialização do agronegócio da pecuária de corte no município de Araguaína (TO) a partir do poder simbólico atribuído ao boi, bem como através dos discursos da elite pecuarista e da instituição sindical relacionados ao desenvolvimento desta atividade no município. Os objetivos específicos são:

Verificar a territorialidade do agronegócio da pecuária de corte em Araguaína, suas heterogeneidades e traços comuns; perceber a relação entre o Estado e o agronegócio da pecuária de corte e seus impasses; compreender a evolução da pecuária de corte em Araguaína a partir da representação simbólica como força de poder e sua interação no município. Neste contexto, o presente trabalho discute a atualidade que cerca o desenvolvimento das atividades do agronegócio no município, a partir da perspectiva do território e também da relação desenvolvida entre os diversos atores no que se refere à apropriação e uso desse território.

As motivações para o estudo dessa temática estão relacionadas, sobretudo, ao fato de Araguaína ter uma grande representação a partir da presença da pecuária, fazendo com que a mesma tenha reconhecimento a partir da pecuária de corte no cenário nacional e até mesmo mundial, além de ter uma festa anual com grande destaque e a participação de um considerável público, bem como uma forte representação dos políticos com o desenvolvimento dessa atividade. A forma escolhida para a coleta de dados pode ser descrita a partir da participação de reuniões realizadas pelo SRA, dos roteiros de entrevistas aplicados em diferentes momentos, bem como a observação da cavalgada e da EXPOARA/2018. Vale salientar a dificuldade em conseguir entrevistar alguns participantes da Cavalgada e da EXPOARA por não entenderem que a pesquisa tem o cunho acadêmico e por confundir-la como uma pesquisa política.

Desta forma, como processo metodológico deste trabalho foram realizadas 04 observações a reuniões e momentos de repasses da diretoria do sindicato aos seus filiados, a principal ocorreu no dia 21 de março de 2018, buscando orientar a categoria de pecuaristas pelas reivindicações favoráveis à sua classe e outros envolvidos nas atividades promovidas pelo mesmo; também foram feitas observações durante a EXPOARA/2018. A participação nessas reuniões levou ao surgimento de análises de informações relevantes de conversas da

diretoria com os seus associados no sentido de melhorar os resultados da categoria no desenvolvimento da atividade da pecuária de corte e sua representação no município.

Também houve a aplicação de questionários semiestruturados com 10 questões abertas e fechadas (Apêndice I) com 30 participantes da 30ª Cavalgada, edição de 2018, comitiva do Açougue Paulista. A aplicação do questionário se deu logo cedo, antes de iniciar o percurso, a escolha da comitiva se deu mediante a aceitação da mesma em responder aos questionários de forma a colaborar com o trabalho, uma vez que foram procuradas outras comitivas, das quais não se obteve o retorno favorável. Para tratamento dos dados dos questionários foi realizada a análise de conteúdo no intuito de descrever e interpretar o que vai além da leitura comum (MORAES, 1991), bem como, a análise da narrativa a partir da interação entre o entrevistador e o entrevistado para além do questionário aplicado (JOSSO, 2004).

Foram realizadas observações durante os 10 dias da realização da EXPOARA/2018 com o intuito de perceber a interação do público com a festa, os discursos que movimentam o desenvolvimento da atividade no município, entre outros embates. Ainda durante a EXPOARA/2018 houve a aplicação de 51 questionários semiestruturados com perguntas abertas e fechadas (Apêndice II) ao público em geral, que foi convidado a responder o questionário de forma voluntária. A quantidade de questionários aplicados não tem efeito de uma amostragem relevante devido ao grande público que a festa apresentou na edição de 2018, no entanto possibilita a compreensão de algumas inquietações da pesquisa.

Buscou-se também aplicar um questionário aos principais pecuaristas do município, sem muito sucesso devido à dificuldade de entrevistá-los. Desta forma, procedeu a aplicação a 7 pecuaristas durante a realização da Cavalgada 2018 (Apêndice III) no sentido de colher algumas informações sobre os mesmos para a compreensão da importância da pecuária para o desenvolvimento do município, bem como ao poder que a mesma apresenta no município e dentro de sua microrregião.

Como forma de perceber a articulação dos representantes da pecuária de corte no município, buscou-se entrevistar o presidente do SRA, porém, devido à grande procura pelo mesmo durante o ano de 2018 (ano de eleições estadual e federal) não foi possível obter respostas da totalidade do roteiro pretendido (Apêndice IV), no entanto, as questões foram sendo esclarecidas a partir das entrevistas que o mesmo concedeu à imprensa no geral, pois, o sindicato tem usado com muito afinco as mídias no sentido de fazer a divulgação de seus eventos para seus associados e para o público em geral.

Com esse objetivo, o trabalho se divide em três capítulos que sistematicamente realizam uma abordagem em relação ao objeto de estudo e aos temas propostos a partir de

uma análise teórica e metodológica. O primeiro capítulo, intitulado Fundamentos do Agronegócio e Representação em Araguaína, aborda o histórico do agronegócio na Amazônia Legal e a partir de um recorte, além dos recursos usados na consolidação das atividades da pecuária no município, destacando o papel dos atores sintagmáticos no processo de ocupação e uso do território, a vocação do município para a pecuária, especialmente pela sua localização defendida como privilegiada, bem como as heterogeneidades estabelecidas a partir da luta de resistência por parte de alguns atores contrários ao avanço do agronegócio a todo custo, e os traços comuns no desenvolvimento das atividades do agronegócio da pecuária bovina.

O segundo capítulo, Estado e Agronegócio: Territorialidade e Poder destaca o desenvolvimento das atividades do agronegócio a partir da gestão do Estado, que tem o papel de mediador entre os diversos atores que buscam materializar suas atividades no território e o cuidado com o meio ambiente. Neste capítulo busca-se entender quem de fato “carrega” o país: o agronegócio ou o Estado a partir de todos os seus investimentos e através do cumprimento de políticas públicas. Também é realizada uma discussão sobre a elite pecuarista do município, o discurso de capital do boi gordo, o processo de marketing favorável ao agronegócio como “o agro é pop” e, por fim, o reconhecimento do agronegócio no município e sua representação.

O terceiro capítulo, intitulado Pecuária de Corte: Símbolo de Poder em Araguaína apresenta a expansão e a trajetória da pecuária no município através da relação de poder desencadeada pelos diversos atores envolvidos nessa atividade, a força simbólica da pecuária na região, os caminhos do boi – dos pastos para os frigoríficos, as motivações da pecuária sobre os que participam da cavalgada e da EXPOARA, a pecuária como símbolo de poder e o cenário do desenvolvimento da pecuária no município e seus desafios. Este capítulo também traz as observações colhidas no trabalho de campo, tal como, o tratamento dos questionários aplicados durante a cavalgada e a realização da EXPOARA na edição de junho de 2018. Por fim, são apresentadas as considerações finais evidenciando os pontos fortes no intuito de promover reflexões relevantes com relação à temática da pesquisa e alguns apontamentos considerados pertinentes não para concluir, mas para suscitar mais debates relacionados ao assunto.

## **1- FUNDAMENTOS DO AGRONEGÓCIO E REPRESENTAÇÃO EM ARAGUAÍNA**

Desde o início da civilização humana já havia uma procura por territórios favoráveis para o desenvolvimento de bandos nômades que buscavam alimentos para a sua sobrevivência. Por consequência, exploravam os locais por onde passavam para a obtenção de alimentos, e quando estes locais não ofereciam mais condições, os mesmos buscavam outros espaços no sentido de assegurarem a continuidade do seu bando (ARAÚJO, 2005).

De forma geral, a partir do momento em que o homem começa a perceber que as plantas poderiam germinar quando lançadas no solo, que os animais podiam ser domesticados: “É o começo da agropecuária e é também o início da fixação do homem a lugares predefinidos” (ARAÚJO, 2005, p. 13). Desde então, o ser humano tem buscado apropriar-se do território no sentido de garantir o desenvolvimento de seu bando e, conseqüentemente, para a produção de múltiplas atividades através da transformação de matérias-primas (GOMES, 1991).

Partindo desse pressuposto, o desenvolvimento das atividades do homem sobre o território é bastante antiga e tem seu respaldo, sobretudo, a partir da prática da atividade da agricultura, com a qual começa a ter maior ligação com a domesticação de plantas e animais. Neste contexto, com o passar dos anos, esse processo vai se acelerando e o homem começa a buscar o território para a execução de tais atividades, especialmente, quando a mesma passar a ter ligação com o desenvolvimento do capitalismo.

Deste modo, o processo de implantação da agricultura e, conseqüentemente, da pecuária no Brasil, está intimamente ligada ao processo de colonização portuguesa que se estabeleceu a partir do século XVI. Inicialmente, a atividade se desenvolveu especialmente para execução de trabalhos, usando o boi como força motriz para moer a cana-de-açúcar nos engenhos (GANCHO; TOLEDO, 1990).

Muito tempo depois, essa atividade começa a tomar bastante força no Brasil e passa a ser desenvolvida em larga escala, pois, se configurava extremamente importante para a apropriação da terra. Dessa forma, diversos atores passam a desempenhar tal atividade, pois, além de render lucro, também garantia alto prestígio social, uma vez que a terra se configurava numa das principais formas de riqueza daquele período, bem como, se estabelece atualmente.

Desde então, a apropriação do território vai evidenciar também as lutas e resistências travadas entre os diversos atores que buscam no mesmo uma forma de sobreviver e de garantir o desenvolvimento de suas práticas. Segundo Raffestin (1993), o território se

estabelece a partir do espaço e revela as distintas relações marcadas pelo poder exercido por diferentes atores. Desta forma, a agricultura vai ganhando força e passa a ter uma significação importante em termos econômicos para o país, especialmente pela disposição de terras que o mesmo apresenta para o desenvolvimento dessa atividade. O avanço da agricultura a partir da década 1960 deveu-se, sobretudo, à ascensão dos investimentos concedidos pelo governo para esse fim.

Em conformidade, as atividades da agricultura passam a desempenhar um papel relevante para a economia do país e passa a ter uma maior representatividade pelos protagonistas da mesma em busca de garantir uma maior representatividade de sua classe na luta pelo desenvolvimento de suas atividades. Como consequência disso, evidenciam-se as profundas transformações na questão agrária e a multiplicação de conflitos socioterritoriais que colocam os diversos atores, essencialmente, os pequenos produtores como resistentes ao modelo capitalista que se apresenta (FILHO, et al., 2015).

A esse respeito, o agronegócio<sup>1</sup> tem se apresentado como um importante instrumento para o desenvolvimento econômico do Brasil e cada vez mais defendido pelos *thinktanks*<sup>2</sup> no assunto, segundo Porto-Gonçalves (2016). Diante dessa perspectiva, o mesmo vem tomando cada vez mais notoriedade e sendo destaque em diversas discussões, tanto de forma favorável ao seu desenvolvimento, como de forma crítica às suas ações. Toda essa discussão pode ser relacionada com o uso e apropriação do território para o desenvolvimento das atividades do agronegócio, especificamente com relação à atividade da pecuária bovina que dispõe de grandes áreas para o seu desenvolvimento satisfatório.

Conforme Araújo (2005), a palavra agronegócio consiste em uma tradução do termo inglês *agribusiness* criado em 1957 pelos professores da Universidade de Harvard John Davis e Ray Goldberg, buscando entender a nova realidade das atividades da agricultura que se apresentava a partir daquele momento, passou a ser utilizado em larga escala e com maior frequência no Brasil somente a partir da década de 1980/90. Desde então, tem sido fato presente em diversas notícias vinculadas diariamente.

O termo *agribusiness* espalhou-se e foi adotado pelos diversos países. No Brasil, essa nova visão de “agricultura” levou algum tempo para chegar. Só a partir da década de 1980 começa a haver difusão do termo, ainda em inglês. Os primeiros movimentos organizados e sistematizados surgiram de focos, principalmente em São Paulo e no Rio Grande do Sul. Nessa época surgiram a Associação Brasileira de *Agribusiness* (Abag) e o Programa de Estudos

---

<sup>1</sup> O termo agronegócio traduzido do termo inglês *agribusiness* passa a ser usado no Brasil com maior incidência a partir de 1990, Araújo (2005). No entanto, para melhor compreensão do texto como um todo esse termo será usado aqui independente da data para tratar das atividades que o mesmo abarca.

<sup>2</sup> Termo em inglês que na tradução refere-se: especialista em.

dos Negócios do Sistema Agroindustrial, Universidade de São Paulo. (Pensa/USP). (ARAÚJO, 2005, p. 16).

A partir de então, o termo agronegócio passa a ser bastante difundido no Brasil e cada vez mais tem evidenciado os processos de transformação do espaço geográfico a partir das ações humanas. O território vai se configurar no lugar de disputas por diversos “atores sintagmáticos” (RAFFESTIN, 1993) que buscam materializar suas ações e tramam procedimentos que lhes asseguram vantagens de forma individual ou coletiva.

Neste sentido, o território é um espaço de disputa por diversos atores que buscam desenvolver suas ações e se configura como uma “[...] prisão que os homens constroem para si” (RAFFESTIN, 1993, p.144). Desta forma, os diversos atores se mobilizam nesse espaço e buscam desenvolver suas ações no sentido de conseguir a ocupação e uso do território de forma a projetar um trabalho e assim conseguir maior lucratividade.

Em consequência disso, a região da Amazônia Legal passa a ser disputada pelos diversos atores que buscam materializar suas ações neste espaço, a maioria dos municípios que fazem parte dos estados que formam essa região, desempenham alguma atividade relacionada ao agronegócio. O município de Araguaína (TO) apresenta algumas atividades vinculadas ao agronegócio tais como soja, cana-de-açúcar, milho, mandioca, laranja, entre outras, especialmente a pecuária bovina.

A representação do agronegócio para o município de Araguaína se efetiva, sobretudo devido à pecuária que se pratica no município há bastante tempo, e que, com o passar dos anos, tem ganhado forte destaque através dos discursos que seus protagonistas evidenciam, mostrando tal atividade como uma importante fonte para alavancar a economia local. Corroborando com essa ideia, o território segundo Raffestin (1993), é palco de uma série de disputas, e quem age nesse contexto são todos os atores que buscam garantir a posse e hegemonia do espaço. Nessa perspectiva, os sujeitos do fomento da pecuária bovina no município têm buscado ao longo do tempo organizar esse território para desenvolver bem suas atividades, criando uma relação respaldada nas práticas sociais como territorialidade englobada em outras esferas, como a política e a cultura.

Desse modo, faz-se necessário analisar o processo de desenvolvimento das atividades do agronegócio que vêm sendo desempenhadas na região da Amazônia Legal, que no primeiro momento se vincula por uma série de incentivos concedidos para esta finalidade, perpassando ao viés de cultura que o próprio termo agricultura apresenta em sua essência. A agricultura seria uma forma de integrar essa região, no entanto, o desenvolvimento dessa atividade em muitos casos trouxe uma série de resistência e disputas. Percebe-se uma forte

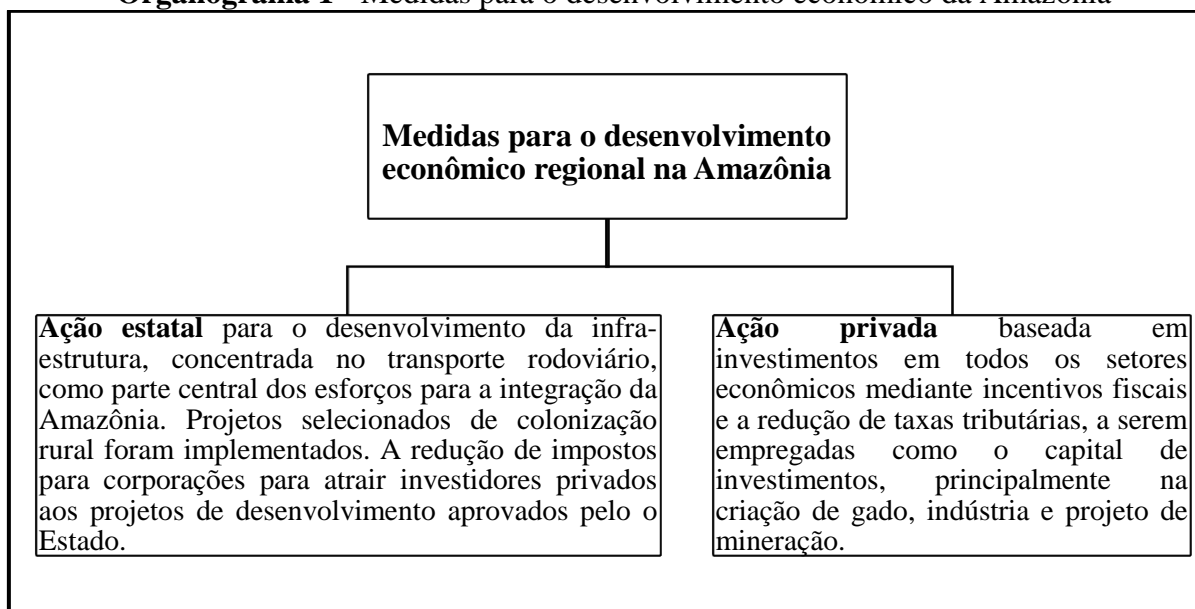
predominância do agronegócio nessa região que culmina em disputas por políticas públicas entre diferentes atores, especialmente com relação a duas classes sociais distintas: a classe capitalista (agronegócio) e a classe camponesa (agricultura familiar) (FILHO et al., 2015).

### 1.1 - A cultura rural na Amazônia Legal

A Amazônia Legal instituída pelo governo brasileiro foi criada com o intuito de promover o desenvolvimento de estados que compõe a região amazônica. Tais estados aproximam-se devido alguns aspectos físicos, bem como, por suas dificuldades econômicas, políticas e sociais, assim como, em alguns casos, por uma baixa densidade demográfica, se comparada a outras regiões do país. “Em 1966, foi iniciada uma nova fase dos programas de desenvolvimento do governo brasileiro para a exploração econômica da região amazônica” (KOHLHEPP, 2002, p.1).

Nas últimas décadas, acelerou-se o processo de ocupação do território da Amazônia Legal. Em parte, isso se deu pelos incentivos concedidos pelo governo federal na busca de promover a colonização de grande parcela de terras contadas como “desabitadas”. Neste intuito, duas importantes medidas foram estabelecidas para o alcance de resultados favoráveis ao processo de habitação dessa região: ação do Estado e ação privada, conforme o organograma 1.

**Organograma 1 - Medidas para o desenvolvimento econômico da Amazônia**



Fonte: KOHLHEPP (2002), organização: MARINHO, Jaison R. (2018).

Diante dessa conjuntura, a Amazônia Legal passa por um processo de transformação, devido a todos os investimentos no âmbito estatal e privado que trazem consigo um grande aparato favorável em sua maioria para o grande latifundiário, em detrimento de outros atores



que tentam resistir à transformação vinda especialmente com a ocupação do território para as mais diversas atividades da agricultura.

O desenvolvimento do capitalismo na agricultura evoca uma série de questões ao passo que evidencia as mais diversas ações sobre o território com vista a estabelecer a sua ocupação. Basta observar a quantidade de projetos que foram desenvolvidos nos últimos anos no território de abrangência da Amazônia Legal com a implementação de programas do governo federal, conforme apresenta o quadro 1.

**Quadro 1 - Fases do Desenvolvimento Regional na Amazônia**

| <b>Período</b>                       | <b>Programa</b>                             | <b>Ação</b>   |
|--------------------------------------|---|---|
| <b>Primeira metade dos anos 1970</b> | Programa para a Integração Nacional (PIN)   | Desenvolvimento infra-estrutural – “corredores de desenvolvimento”.                 |
| <b>1974 a 1980</b>                   | Programa Polamazônia                        | Período do “milagre econômico” brasileiro – recursos minerais e criação de gado     |
| <b>Início dos anos 1980</b>          | Programa de Desenvolvimento Rural Integrado | Colonização Agrícola por Pequenos Agricultores.                                     |
| <b>1980</b>                          | Mega Programas e Projetos                   | Programa Grande Carajás (PGC).  |
| <b>Primeira metade de 1990</b>       | Programa Piloto                             | PPG-7 Programa Piloto para Conservação das Florestas Tropicais Brasileiras.         |
| <b>2000 – 2003</b>                   | Mega Programa Avança Brasil                 | Integração Internacional do Norte, geração de energia e logística no Brasil Central |

Fonte: KOHLHEPP (2002), organização: MARINHO, Jaison R. (2018).

Nota-se que todos os programas projetados e executados no território da Amazônia Legal buscaram efetivar sua integração com o restante do país no discurso de progresso econômico e desenvolvimento sustentável para a região, bem como abriram pressupostos para a valorização da diversidade sociocultural e ambiental, gestão compartilhada de políticas públicas entre as três esferas de governo – federal, estadual e municipal, ampliação da infraestrutura regional, e ainda, a busca por assegurar os direitos territoriais dos povos e comunidades tradicionais (BRASIL, 2008).

No entanto, faz-se necessário perceber que mesmo com todos esses incentivos não houve uma integração de forma satisfatória, uma vez que a Amazônia como um todo é palco de diversos conflitos e “a expansão do capitalismo na mais recente fronteira do Brasil processa-se mediante a criação de empresas sob o incentivo e a direção do Estado Autoritário” (MÜLLER, 1993, p. 8). Assim, o processo de ocupação do território perpassa as ações materializadas pelos diversos atores que se apresentam com seus distintos interesses.

Dentre os diversos atores que foram favorecidos com os incentivos concedidos pelo governo federal no intuito de alavancar o progresso na região amazônica, destaca-se o pecuarista. A pecuária desde então já se configurava numa importante atividade para a ocupação do território e de certa forma para a concentração de terra, prática que se arrasta até os dias atuais no Brasil.

A formação sócio espacial da Amazônia ao longo do seu processo histórico nos permite afirmar que, apesar de todo o esforço da aplicação de políticas e planos de desenvolvimento na busca da tentativa de vencer o subdesenvolvimento da região, esta condição não foi alcançada. Muitos dos fatores ineficientes nessa tentativa estão atrelados aos círculos viciosos de efeito cumulativo que se implantaram na região, responsáveis pelos fracassos das ações mesmo constituindo-se de novos atores, pois não possibilitaram mudanças estruturais profundas. (NASCIMENTO, 2015, p. 217).

O início das atividades da pecuária na região da Amazônia Legal contrasta com o momento de expansão da mais recente fronteira do Brasil, neste sentido, essa atividade se configura como pertinente para a ocupação de grandes espaços de terra que essa região apresenta, sobretudo, nos lugares onde houve um intenso processo de extração de madeira,

Em qualquer região, após a extração da madeira comercializável, os colonos adotavam maciçamente o sistema de corte-e-queima para a exploração agropecuária. Esse sistema é baseado na fertilização do solo pelas cinzas, resultado do corte e da queimada do material vegetal do ecossistema de floresta. (VEIGA, et al., 2004, p. 15).

Diante do exposto, a pecuária “no final dos anos 1960 foi considerada a atividade privilegiada do Governo brasileiro para colonizar a Amazônia” (VEIGA, et al., 2004, p.17). Com isso, é evidente que existia toda uma decisão política que certamente contribuía para tal escolha,

Porém, essa decisão política de ocupar a Amazônia brasileira teve objetivos mais amplos e o estímulo à pecuária era apenas a ferramenta principal de um deles, como mencionado. Os objetivos eram: a) garantir a integridade do território nacional, b) explorar os seus recursos naturais e c) fornecer terra aos colonos que foram excluídos do crescimento econômico de outras regiões, devido à concentração da terra ou a mecanização agrícola [...]. (VEIGA, et al., 2004, p. 17).

O desenvolvimento das atividades do agronegócio tem sido questionado constantemente nessa região, uma vez que a mesma apresenta um grande valor ecológico para o meio ambiente (WALKER et al., 2010). Neste contexto, a consolidação da pecuária, atividade bastante presente nos diversos espaços que integram a Amazônia Legal, traz uma série de entraves para a região, especialmente no que se refere ao desenvolvimento de forma sustentável.

A produção pecuária mais presente na região da Amazônia Legal se dá a partir dos sistemas extensivos ou semi-intensivos. No primeiro os animais são criados soltos, utilizando-se grandes espaços, tem-se a alimentação baseada em pastagens e os resultados esperados acontecem de forma mais lenta, porém, esse sistema é o que iniciou a atividade da pecuária nessa região (Foto 1). No segundo caso, os animais são criados parte solta e parte confinada, somando-se assim as vantagens de ambos os sistemas (ARAÚJO, 2005).

**Foto 1** - Criação de gado no sistema extensivo na Amazônia Legal



Fonte: MARTINS (2011), organização: MARINHO, Jaison R. (2018).

Com a existência de grandes áreas favoráveis ao desenvolvimento da pecuária, a região da Amazônia Legal tem atraído muitos latifundiários que buscam desenvolver suas atividades. Desta forma, nos últimos anos além do desenvolvimento da pecuária bovina, tem se apresentado nas terras amazônicas o cultivo de monoculturas como a soja, representando uma grande transformação no território e apresentando sérios problemas para a região.

Em relação aos impactos sociais, observa-se o deslocamento de populações das áreas rurais das regiões de expansão da fronteira agrícola para as grandes cidades devido à introdução da monocultura da soja por meio da mecanização, uso de fertilizantes e sementes melhoradas geneticamente, além de expansão de grandes propriedades de terra. As grandes empresas ocupam espaços no campo antes ocupado por culturas familiares diversificadas, reduzindo o emprego no campo e a capacidade de produção de alimentos tradicionais, comprometendo a segurança alimentar da população. (DOMINGUES; BERMANN, 2012, p. 2).

A partir daí, é possível perceber os grandes problemas que a região da Amazônia Legal como um todo tem apresentado devido ao acelerado processo de transformação

desenvolvida em seu território, especialmente com o rápido desenvolvimento do capitalismo na atualidade. Faz-se essencial atribuir de forma clara a distinção entre progresso e desenvolvimento, bem como analisar quem são os beneficiários desse desenvolvimento a todo custo.

Na atualidade, esse espaço regional consolida sua participação no processo geral de transformação territorial do Brasil e, especificamente, naquele afeto às mudanças ocorridas no uso da terra, no qual a expansão/intensificação da agropecuária acaba determinando, em grande parte, a dinâmica econômica e demográfica desta imensa região. (BRASIL, 2018, p. 1).

O processo de desenvolvimento da cultura rural na Amazônia Legal comporta níveis diferenciados, principalmente porque se efetiva por meio de diferentes atores que organizam suas lutas conforme seus interesses. Dessa forma, cada grupo tenta agir na busca por controlar ou mesmo gerar um estoque que seja atrelado a diversos sistemas, tais como: políticos, econômicos, sociais e culturais (RAFFESTIN, 1993). Nesse caso, surge o seguinte questionamento: qual a representatividade dessa cultura que vem sendo implantada nos últimos anos na Amazônia? Pois, até onde se sabe, ela ao invés de integrar está cada dia mais separando os diversos atores, promovendo uma grande segregação entre as distintas classes e os diferentes povos que compõem essa região.

Por conseguinte, a ocupação do território em certa medida vai apresentar distintas relações de poder, um processo de disputa que vai evidenciar as diversas tramas que se materializam na busca pela territorialização dos diversos atores, mesmo aqueles que por ventura apresentam alguma semelhança. Isso demonstra claramente que “[...] todo poder se exerce num campo de comunicação; toda comunicação se manifesta no campo de um poder” (RAFFESTIN, 1993, p.50). Mesmo havendo um processo de desenvolvimento das atividades do agronegócio no território da Amazônia Legal, ainda assim, há também grupos de resistência que têm defendido seus interesses e demonstrado como se efetiva na prática a relação de poder, visto que esses atores estão no processo contínuo de territorialização e desterritorialização, deixando evidente que não existe o poder naturalizado, de forma dada.

Portanto, o processo de ocupação da Amazônia Legal evidencia uma série de lutas, onde os diversos atores não se limitam a um campo, mas buscam através de suas ações efetivarem as relações de poder que não se estabelecem de forma retilínea, pois existem diversas formas em que o poder se apresenta. Sendo assim, o processo de difusão de uma cultura sobre determinado território obedece a uma lógica pré-estabelecida por aqueles que atuam num campo de poder e conseqüentemente travam as mais diferentes lutas. Em outras

palavras, “[...] onde há poder há resistência e, no entanto, por isso mesmo, esta jamais está em posição de exterioridade em relação ao poder” (RAFFESTIN, 1993, p.53).

## **1.2 – História de Araguaína e seu processo de territorialização a partir da pecuária**

A história do município de Araguaína demonstra o processo de territorialização dos povos ao longo dos anos de sua consolidação. Desde a sua origem, com localização às margens do rio Lontra, a ocupação pelos povos indígenas Carajás e a chegada dos primeiros imigrantes vindos da região Nordeste, muitas transformações ocorreram em seu território. Em um primeiro momento, o povoado passou a se intitular “Livra-nos Deus”, fazendo alusão aos conflitos existentes entre os diferentes povos e animais no seu processo de territorialização (ARAGUAÍNA, 2017).

A cidade, antes de sua emancipação política ocorrida no ano de 1958, foi administrada por outros municípios, como Filadélfia, São Vicente do Araguaia – hoje Araguatins e Boa Vista do Tocantins – hoje Tocantinópolis. A partir do início da década de 1960, Araguaína passou por um acentuado desenvolvimento econômico que lhe garantiu a permanência entre os principais municípios da região Norte do país.

Essa boa fase econômica se efetivou especialmente pela construção da rodovia BR-153 (Transbrasiliana), que coloca o município de Araguaína numa rota privilegiada de interligação com outros municípios do estado do Tocantins e com estados circunvizinhos. A partir desse momento, o município passou a ser considerado como a “[...] porta de entrada para a conflituosa região do ‘Bico do Papagaio’ [...]” (KOTSCHO, 1981, p.58 apud LOPES, 2015, p.6). Em consequência disso a Amazônia passou receber muitos imigrantes vindos de outras regiões do país em busca de um lugar para se estabelecer.

Dessa forma, inicialmente o município de Araguaína foi conhecido como a “capital dos migrantes” devido à grande rotatividade de pessoas que chegavam de diversas partes do país com o desejo de encontrar um lugar para estabelecer atividades semelhantes às que exerciam em seus locais de origem. Neste período o município, considerado como uma porta de entrada para Amazônia recebia um grande número de pessoas de outras regiões, em especial dos estados do Maranhão e Pará passando por elevado crescimento demográfico. Evidentemente que os mais variados títulos que o município de Araguaína recebeu foram atribuídos pela população recém chegada.

No caso do Estado do Tocantins, além da migração de Goiás e Minas Gerais, este se notabiliza pelas trocas migratórias com a Região Norte e Nordeste, em particular Pará e Maranhão, fato que permite entender o crescimento demográfico tão elevado de áreas em seu extremo norte, como o Bico do

Papagaio e Araguaína, maior até que a própria região da capital Palmas. (CUNHA, 2002, p. 32).

Neste contexto, Araguaína já se estabelecia como uma importante rota de migrantes, tendo esse processo se acelerado a partir da década de 1970, e passa a ser uma importante área de influência para outros estados, se estabelecendo como um importante elo de apoio para os imigrantes.

Foi a partir dos planos de incentivos na década de 1970, que os governos militares criaram para a impulsionar a economia da região amazônica por meio de uma política centralizadora, que resultou a intensificação da imigração em direção a nova fronteira agrícola do país, tantos pelos empresários, grandes proprietários do sudeste e sul, como trabalhadores do Nordeste que vinham na esperança de conseguir um pedaço de terra para trabalhar. As vias de circulação para esta região pelos imigrantes e sua população residente antes era feita pelos os rios, na nova dinâmica do capital a partir da década de 1960 toma nova configuração com a construção das rodovias, servindo de eixo de ligação e facilidade de integração de uma região a outra. (LOPES, 2015, p.5).

Observa-se que o destaque que o município de Araguaína vinha apresentado acaba por atrair mais um título: “capital da região norte”, sobretudo, devido ao destaque que a cidade apresentava na região naquele dado momento e devido à posição geográfica que município dispunha. Esse reconhecimento pode ser entendido também pela distância real que existia entre as cidades mais influentes da época. Concomitante com os grandes fluxos de imigrantes que passavam pela microrregião de Araguaína (TO), uma das primeiras atividades desenvolvidas no município foi à pecuária bovina, sobretudo para o uso interno dos primeiros povos que habitaram essa microrregião, bem como, para ajudar nas principais operações realizadas diariamente nessas localidades.

Dessa forma, o processo de territorialização da pecuária esteve sempre ligado aos anseios de um grupo em detrimento de outro,

O processo de ocupação do nosso município deu-se basicamente pela pecuária de subsistência. A pecuária foi introduzida na área em que hoje se encontra o município de Araguaína e municípios vizinhos através da implantação das primeiras fazendas agropastoris com mão de obra escrava. (SOTTO, 2017, p. 115).

Nesse contexto, o processo de desenvolvimento da atividade da pecuária de corte se deu de forma lenta, com a criação do gado vacum<sup>3</sup> por pequenos agricultores. Com o passar dos anos, houve a junção de um pequeno grupo de fazendeiros que comercializava parte de sua criação para municípios de outros estados, tais como: Carolina (MA), Marabá (PA) e Belém (PA) (SOTTO, 2017).

Desta forma, a atividade da pecuária ganhou destaque no município, sobretudo, porque era tida como uma importante atividade para a ocupação do território e também porque contava com incentivos do governo federal. Sendo assim, a mesma atraía fortes fazendeiros vindos de outras regiões do país, como Sul e Sudeste, onde já exerciam essa atividade e sabiam como conseguir o respaldo do governo para ampliar a mesma no novo território (LOPES, 2015).

Araguaína reúne os maiores fazendeiros da região Norte. Porém, o que muito contribui para o título de “Capital do Boi Gordo” é a riqueza em pastagens naturais e cultiváveis. Além de produzirem a carne, o leite e seus derivados a toda a população, os produtores ainda exportam para outros municípios e estados brasileiros. (ARAÚJO, 2000, p. 59).

Diante disso, de acordo com o mapa 1 que demonstra a localização de Araguaína no estado do Tocantins e no Brasil é possível perceber a centralidade deste município em relação às demais regiões do Brasil, colocando o mesmo em destaque como detentor de uma importante estratégia de entrada e saída para escoação de toda sua produção. Considerando esse cenário de localização precisa e centralizada os protagonistas do agronegócio na região têm buscado respaldar a pecuária como uma atividade produtiva e através disso, têm traçado parcerias para conseguir cada vez mais apoio para o fortalecimento de tais atividades.

Ainda nesse sentido, conforme o mapa 1 o município é beneficiado com a proximidade com outros estados das regiões Norte, Centro-Oeste e Nordeste, e a partir do processo de investimento em infra-estrutura, como o caso da rodovia Belém-Brasília, entre outros, a rede de articulação se torna cada vez mais intensa e provoca o desenvolvimento da região através de vários investimentos ligados à pecuária. A partir disso vai acontecer o processo de afirmação de Araguaína como uma rota importante para o desenvolvimento de diversas atividades ligadas ao agronegócio.

Nesse sentido, os representantes do agronegócio fazem uso desse discurso com vistas a fortalecer suas atividades demonstrando a ligação do município em rede com os demais estados brasileiros e articulando com outros atores as melhores condições para comercialização de seus produtos. Com efeito, os sujeitos do agronegócio buscam conhecer as redes para facilitar o processo de controle se aproximando ou se distanciando conforme o resultado pretendido.

O processo de revelar a localização do município como favorável aos investimentos do grande capital se concretiza como uma ação precisa dos empresários e dirigentes presentes no município. Segundo Raffestin (1993, p. 150) “a partir de uma representação, os atores vão

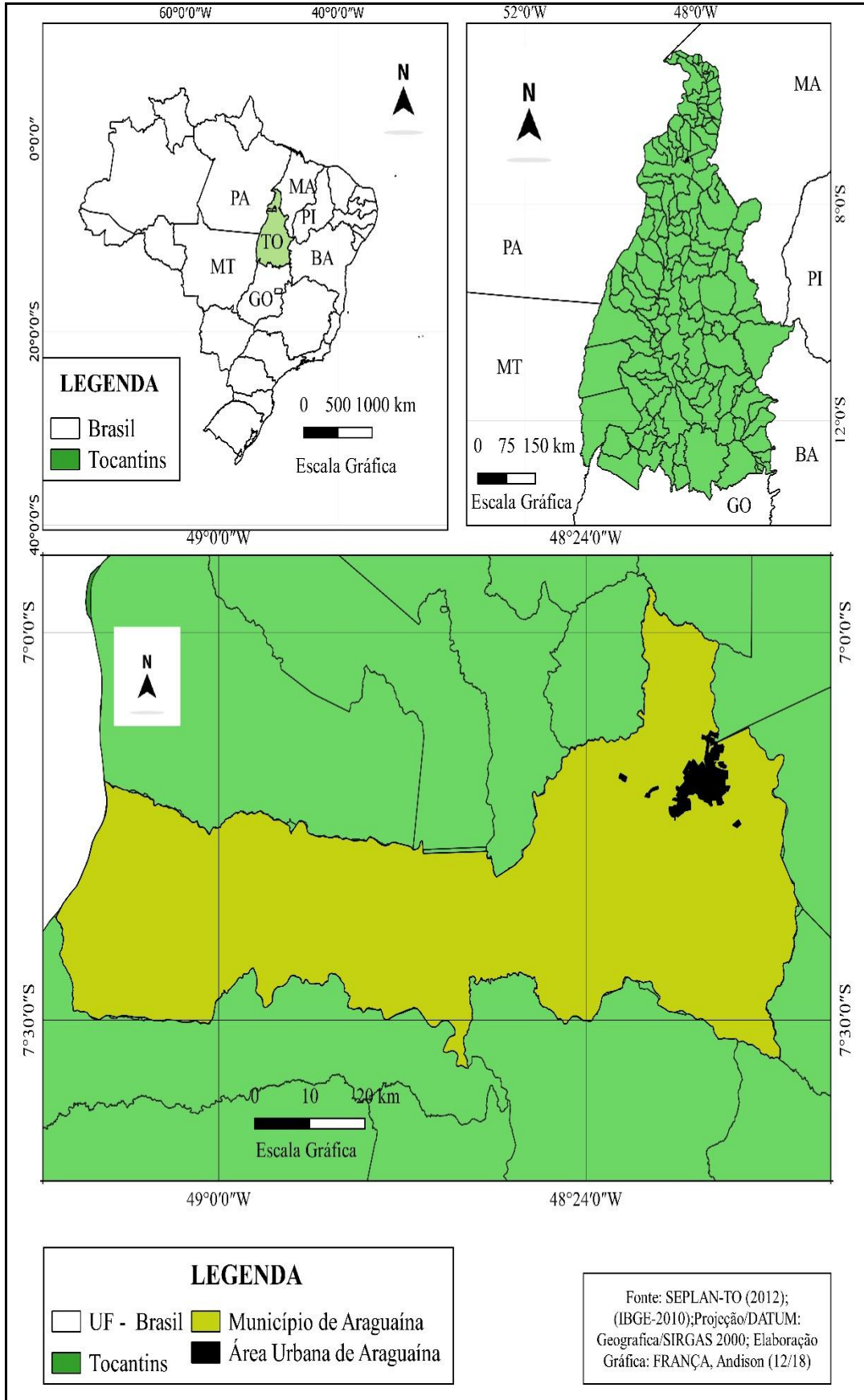
---

<sup>3</sup> Gado vacum – refere-se a vacas, bois e novilhos (GANCHO; TOLEDO, 1990)

proceder à repartição das superfícies, à implantação de nós e à construção de redes”. Desta forma, o ponto de localização do município se torna relevante para a ocupação do seu território pelos diversos atores.

Mapa 1 – Localização de Araguaína no estado do Tocantins e no Brasil





Fonte: FRANÇA (2018), organização: MARINHO, Jaison R. (2018).

### 1.3 - De onde vem a vocação agropecuária de Araguaína?

Desde o surgimento do município de Araguaína (TO) o mesmo já tinha uma inclinação para o desenvolvimento das atividades da agricultura, especialmente pelo seu contexto de criação, sendo que os seus primeiros habitantes já praticavam tais atividades em seus lugares de origem. Diante do exposto, o cenário de desenvolvimento a partir da atividade primária da economia já estava desenhado.

No primeiro momento, havia o cultivo de cereais básicos para a sobrevivência das famílias instaladas no município. Logo em seguida, os primeiros habitantes com o intuito de ascender economicamente começaram a desenvolver o plantio de café no município, atividade que não gerou bons resultados, principalmente devido ao processo de infra-estrutura precário que existia naquele momento na cidade, especialmente por conta da falta de estradas para o escoamento da produção. Desta forma, essa atividade logo foi abandonada (ARAGUAÍNA, 2017).

Com efeito, naquele momento seria necessário desenvolver uma atividade que não necessitava de vias de transporte terrestre e que não dispusesse de uma grande logística para o seu desenvolvimento, neste sentido, a pecuária bovina se apresentava como oportuna. Posteriormente, especialmente devido ao cenário nacional, no qual o governo federal incentivava o processo de ocupação dos vastos territórios da região, a pecuária bovina já era bastante presente no município.

Neste contexto, o processo de implantação da pecuária bovina no município se deu devido à forte influência que existia para toda a região norte, que se efetivava exatamente pelo caráter de desenvolver a região e fazer com que a mesma pudesse fazer jus ao seu potencial, especialmente pelos vastos territórios propícios para tal atividade. Deste modo, Araguaína passou a desenvolver tal atividade a partir dos grandes incentivos direcionados para essa região.

Pode-se destacar o relevante fato de que ao longo do processo de consolidação da pecuária bovina no município se percebe dois distintos grupos que desenvolvem as atividades de forma bastante heterogênea,

O setor econômico-agropecuário do município caracteriza-se por dois grupos: um dele situado no patamar mais elevado, formados por médios e grandes pecuaristas que exploram suas atividades com o uso de tecnologia aceitável. Não reside nos imóveis rurais, e sim na sede do município, ou em outros grandes centros urbanos como Goiânia, Uberlândia e Uberaba. Outro grupo, formado essencialmente por pequenos produtores, ocupa as terras em diferentes situações fundiárias, como assentados, posseiros, arrendatários, proprietários, meeiros e outros. Este pequeno grupo produz para sustentar

suas famílias, procedendo, ainda a venda dos produtos excedentes nos mercados mais próximos. (ARAÚJO, 2000, p.59).

Em relação a isso, o processo de evolução do efetivo bovino no município, evidencia o quanto essa atividade tem tido uma representação por parte de seus protagonistas e como a mesma tem desencadeado uma série de fatores diretamente ligados ao desenvolvimento de outras atividades relacionadas à pecuária, como é caso, das agroindústrias que foram atraídas para o município devido à importância do gado para a região. Vale ressaltar que as agroindústrias se instalam em locais que têm mais disponibilidade de recursos, neste caso, matéria-prima para desenvolver seus produtos de forma que venha conseguir um bom retorno financeiro. “As agroindústrias são unidades empresariais onde ocorrem as etapas de beneficiamento, processamento e transformação de produtos agropecuários *in natura* até a embalagem, prontos para a comercialização” (ARAÚJO, 2005, p. 93).

Nessa reflexão, a tabela 1 demonstra o efetivo bovino no recorte temporal de 1974 até 2017 demonstrando a presença do boi no município e potencializando essa presença através dos números. Com relação à tabela observa-se que o auge do efetivo bovino no município se deu no ano de 1992 com uma quantidade de 515.000 mil cabeças e a menor quantidade depois do ano inicial da contagem foi no ano de 1996, no qual o efetivo bovino era de 158.000 mil cabeças. Pode-se observar, ainda de acordo com a tabela, que a maior quantidade de rebanho bovino registrada no município ocorre na década de 1980 até os dois primeiros anos da década de 1990, bem como há uma queda significativa a partir do ano de 1993, em parte isso se explica pelo uso do solo para outras atividades, como a cultivo de monocultura, especialmente a soja.

Esse período de crescimento do efetivo bovino em Araguaína evidencia o processo de agitação que vivia a região na expectativa da criação do estado do Tocantins, exatamente com o fortalecimento da atividade da pecuária fomentado pelo grupo de pecuaristas da União Democrática Ruralista (UDR) que se dedicou à formação de sindicatos nos mais diversos municípios que faria parte do novo estado, com o objetivo de fortalecer ainda mais o grupo (AMARAL, 1988). Nesta questão, pode-se apontar que a vocação agropecuária de Araguaína se fortaleceu por meio da influência desse grupo no poder e, sobretudo, pelos bons resultados que atividade apresentou a partir da década de 1980.

A área em que o município está inserido, na qual integra a Amazônia Legal, vai registrar um crescimento significativo, “passou de 10% a 30% entre 1980 e 2000” (VEIGA, et al., 2004, p. 18). Isso reforça o processo de expansão da pecuária no município e em sua microrregião, a partir do fortalecimento dos produtores e suas articulações, no sentido de

conseguir um maior retorno financeiro com a expansão de suas relações de produção capitalista.

**Tabela 1** - Efetivo bovino no município de Araguaína (TO) período de 1974 a 2017

| <b>Ano</b>  | <b>Efetivo bovino</b> | <b>Ano</b>  | <b>Efetivo Bovino</b> | <b>Ano</b>  | <b>Efetivo bovino</b> |
|-------------|-----------------------|-------------|-----------------------|-------------|-----------------------|
| <b>1974</b> | 145.000               | <b>1989</b> | 470.000               | <b>2004</b> | 271.000               |
| <b>1975</b> | 177.923               | <b>1990</b> | 480.000               | <b>2005</b> | 271.500               |
| <b>1976</b> | 185.000               | <b>1991</b> | 500.000               | <b>2006</b> | 272.000               |
| <b>1977</b> | 205.000               | <b>1992</b> | 515.000               | <b>2007</b> | 230.000               |
| <b>1978</b> | 290.000               | <b>1993</b> | 202.000               | <b>2008</b> | 225.000               |
| <b>1979</b> | 303.600               | <b>1994</b> | 212.000               | <b>2009</b> | 226.000               |
| <b>1980</b> | 322.487               | <b>1995</b> | 216.000               | <b>2010</b> | 237.300               |
| <b>1981</b> | 333.400               | <b>1996</b> | 158.600               | <b>2011</b> | 217.400               |
| <b>1982</b> | 350.000               | <b>1997</b> | 160.000               | <b>2012</b> | 222.700               |
| <b>1983</b> | 367.000               | <b>1998</b> | 161.500               | <b>2013</b> | 223.985               |
| <b>1984</b> | 379.000               | <b>1999</b> | 230.000               | <b>2014</b> | 226.770               |
| <b>1985</b> | 401.740               | <b>2000</b> | 210.700               | <b>2015</b> | 243.744               |
| <b>1986</b> | 434.000               | <b>2001</b> | 212.400               | <b>2016</b> | 232.522               |
| <b>1987</b> | 450.000               | <b>2002</b> | 214.000               | <b>2017</b> | 237.591               |
| <b>1988</b> | 460.000               | <b>2003</b> | 259.580               |             |                       |

Fonte: IBGE/SIDRA (2012), organização: MARINHO, Jaison R. (2018).

É possível observar também, a partir da tabela 1, o processo de manutenção da quantidade de efetivo bovino de forma equilibrada nos últimos anos, em torno de 200 a 271 mil cabeças. No entanto, mesmo com esse elevado número demonstrado na tabela 1, atualmente, o município de Araguaína não detém mais o maior rebanho de gado do estado, tendo sido ultrapassado pelo município de Araguaçu, que conta com efetivo bovino de 345.827 cabeças (IBGE, 2017).

Ainda assim, o município de Araguaína continua com a imponência de ser a capital do boi gordo. Isso em grande parte se deve à atuação do Sindicato Rural de Araguaína (SRA), instituição criada em 1967 que busca fortalecer os interesses da categoria nos diversos âmbitos sociais, sobretudo, no que diz respeito ao desenvolvimento dessa atividade no município. Em face disso, o sindicato tem promovido desde a sua formação, mas, sobretudo na atualidade, um grande marketing para defender os interesses de seu grupo.

Em conformidade, Raffestin (1993) coloca que, a comunicação é uma grande forma de poder que se exerce na atualidade, especialmente pelo alcance da mesma. Assim, os atores do sindicato rural têm buscado respaldo para o crescimento de suas atividades, promovendo propagandas publicitárias que justificam suas ações no território.

Isso pode ser evidenciado nos discursos muitas vezes proferidos no município em relação à forte presença do meio rural no urbano. Por consequência, a instituição que defende os interesses dos fazendeiros e outros empresários do agronegócio profere o discurso de integração do homem da cidade com o homem do campo, no sentido de estimular uma homogeneização de ambos, favorecendo desta maneira as atividades do seguimento rural para a cidade.

Desse modo, a presença da instituição do sindicato rural busca por meio de suas ações cada vez mais visibilidade para as atividades dos seus associados, com vistas a promover estratégias de desenvolvimento para a categoria e também um maior acesso às fontes de recursos que possam favorecer um melhor resultado. De início, busca-se aproximar dos sujeitos que detêm os recursos e caminhos para uma melhor articulação de apropriação do território.

Dentro desse imaginário de Araguaína ser a capital do boi gordo, existem as representações e práticas que favorecem esse discurso, e que têm respaldo por detrás de tudo isso, sendo concretizado por um grupo no poder. Isso significa dizer que o papel das instituições se efetiva, em certa medida, em passar ordens a um número cada vez maior de indivíduos e que a mesma seja internalizada pelo receptor como sendo algo positivo.

Neste caso, o SRA tem a incumbência de divulgar todos os eventos que a categoria promove ao longo do ano, de forma a atrair um público cada vez maior e que tal público se torne coeso ao desenvolvimento de suas práticas, no sentido de conseguir homogeneizar suas ações e promover uma representação social bem edificada. Assim, as instituições para Castoriadis (1982) têm uma grande representatividade.

Para Castoriadis, a tarefa da instituição é dotar as coisas de significação. Isto implica dizer que tais coisas são “isso que são”; instaura-se um princípio de existência, de pensamento, de valor e ação. Na realidade é a própria sociedade que realiza sua autocriação. Mas essa consciência de autonomia da sociedade só apareceu duas vezes na história: na Grécia antiga do século V a.C. e no capitalismo moderno. No geral, a sociedade não reconhece seu próprio poder instituinte, isto porque a significação imposta ao mundo é essencialmente arbitrária. Ao constituir o mundo e organizar a vida social, a significação sujeita a sociedade a fins específicos. (MANIERI, 2017, p. 122, grifo do autor).

É evidente, que a instituição sindical é uma grande aliada do desenvolvimento das diversas atividades do agronegócio no município, e nos últimos anos tem sustentado o discurso da importância da pecuária bovina. Neste caso, é perceptível o poder que o SRA enquanto instituição foi acumulando ao longo dos anos de sua existência, e que no atual momento encontra nos meios de comunicação cada vez mais respaldo para continuar difundindo aquilo que seus representantes almejam. Assim, pode-se verificar que Castoriadis (1982) coloca que a existência, ou melhor, a elaboração de uma imagem que cada sociedade cria não depende do racional e sim do imaginário. Desta forma, Araguaína é “imaginada” por muitos como um município do agronegócio, especialmente, por uma pecuária bovina forte.

Aqui, faz-se necessário uma análise mais precisa sobre o que Castoriadis propõe com relação à autonomia da sociedade. Quando o autor afirma que, no segundo caso, essa autonomia começa a se fortalecer na “era” do capitalismo moderno, mesmo esse sistema atribuindo certa liberdade à sociedade, a mesma ainda está sob domínio de uma significação estabelecida pelas instituições, que se apropriam do sistema capitalista para difundir seus ideais e estabelecer uma coletividade fundamental para seu universo de significações.

Para Castoriadis (1982), a vida moderna tem uma dependência muito grande do imaginário, tanto que as instituições estão absorvendo pessoas que colocam o imaginário para fluir e que traga isso para a prática. No caso específico do agronegócio em Araguaína, o SRA por meio de seus representantes tem promovido todos os anos a Exposição Agropecuária de Araguaína (EXPOARA) que a cada edição tem buscado novas técnicas que o mundo moderno oferece no intuito de respaldar sua abrangência enquanto instituição.

Castoriadis (1982) destaca ainda que a economia do capitalismo atual só se efetiva, na medida em que ela responde às suas próprias necessidades. Conforme o mesmo, o imaginário moderno vai criando a partir dos atores que gerenciam essas instituições, sistemas de regras formais que lhes garantam êxito no presente e lhes auxiliem a calcular o futuro. Portanto, a pecuária bovina vem sendo representada pela instituição sindical criada desde o final da década 1960, que concomitantemente se liga ao período dos incentivos concedidos pelo governo federal para o desenvolvimento da pecuária no norte do Brasil. Diante disso, o SRA tem o intuito de fortalecer as atividades do agronegócio, sobretudo, a pecuária de corte e, desde então, tem buscado atender seus interesses através das significações imaginárias colocadas para a vida em sociedade.

#### **1.4 – Araguaína e sua localização estratégica para o desenvolvimento do agronegócio**

É evidente que para o desenvolvimento de qualquer atividade em determinado território faz-se necessário o aparelhamento do mesmo, especialmente no que toca a questão da infra-estrutura e logística de escoação da produção. Dessa forma, o município de Araguaína (TO) tem sido referenciado, sobretudo, aos pecuaristas e outros atores que se interessam por esta questão, como tendo uma localização privilegiada para o desenvolvimento das diversas atividades do agronegócio. Além disso, o município apresenta clima favorável e estações bem definidas, o que faz com que o pecuarista se programe corretamente com relação aos períodos de estiagem das chuvas durante o ano.

Nesse contexto, a pecuária bovina se apresenta como uma importante atividade para a região norte do estado e Araguaína passou a ser considerada como município destaque neste segmento, sobretudo pela prestação de serviços de que dispõe para atender as demandas provenientes do crescimento da pecuária bovina na região. Desta forma, é possível pensar na grande influência da cidade para os demais municípios, ou seja, um raio de influência maior, especialmente na microrregião de Araguaína conforme o mapa 2. Ainda com relação ao mapa, o município se encontra centralizado, o que lhe proporciona uma localização privilegiada com relação aos demais municípios de sua microrregião.

Dentre as cidades que compõem a microrregião de Araguaína, nenhuma conta com o aporte de serviços que a mesma oferece como medicamentos e produtos para higiene animal, arames e telas, equipamentos para montaria, máquinas e implementos agrícolas, adubos e fertilizantes, ração e suplementação animal, sementes, mudas, etc., propiciando assim uma subordinação desses municípios da microrregião e outras de estados vizinhos para com o município de Araguaína. A partir disso, é preciso destacar a consolidação da microrregião em questão com um grau de fortalecimento, sobretudo, no que diz respeito ao desenvolvimento econômico que a cidade mantém, bem como pela presença de instituições que legitimam essa força.

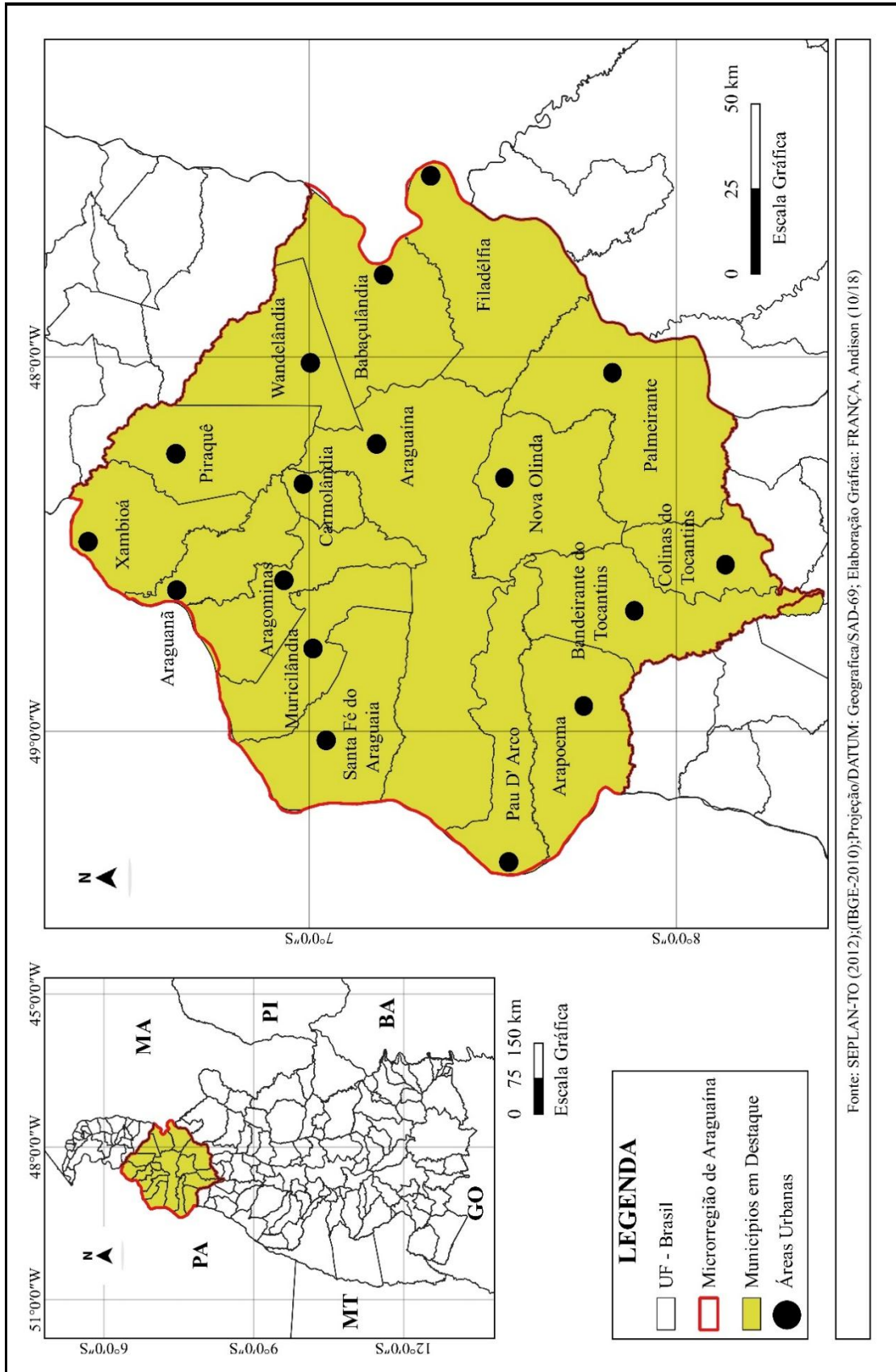
Dentro desse processo de hegemonia do município de Araguaína, com relação às atividades da pecuária, o conhecimento do território e o estudo de ações para o uso do mesmo é essencial, conforme menciona Costa (2000, p. 19): “Daí a necessidade da geografia política passar a interessar-se pelos processos ligados às formas atuais de gestão do território [...]”.

Araguaína encabeça esse processo a partir de suas lideranças que têm buscado na política de organização do território uma forma de melhor gerir o mesmo através do seu uso e ocupação. É preciso verificar o conjunto de aspectos convenientes para a consolidação da pecuária de corte na microrregião, especialmente com relação a extensão territorial que a mesma apresenta, bem como, com a ligação territorial com outros importantes estados que

têm a pecuária de corte como uma importante atividade, a presença de frigoríficos e o mercado consumidor, entre outros aspectos que têm fomentando assim, o desenvolvimento da mesma nessa microrregião.

**Mapa 2** – Municípios da Microrregião de Araguaína influenciados pela pecuária de corte





Fonte: FRANÇA (2018), organização: MARINHO, Jaison R. (2018).

As cidades circunvizinhas ao município passam a depender da prestação de serviços que o mesmo dispõe com relação à pecuária. Outra questão importante, diz respeito ao fato de

grande parte dos fazendeiros das cidades vizinhas ter residência na cidade de Araguaína e manter relações sociais diariamente, ou no curto espaço de tempo, tais como educação, procedimentos referentes à saúde, compras, entre outras. Como se vê, com os grandes incentivos concedidos para a região norte do Brasil, essa região se configura como um território bastante disputado, se apresentando como uma área de expansão para diversos atores: fazendeiros, posseiros, grileiros, entre outros. No intuito, de se apossar do território e materializar suas práticas.

O que se percebe é a formação das frentes de expansão derivada pelos primeiros imigrantes para o município de Araguaína em busca de uma melhor sobrevivência como no caso os posseiros que lutam pela posse da terra ainda em determinadas áreas da região Amazônica. No outro aspecto, podemos observar as frentes pioneiras que a partir da década de 1970 foram impulsionadas pelo incentivo dos militares para levar o milagre econômico para o campo. É diante dessa questão que as frentes pioneiras desenvolvem-se os mais trágicos processos de grilagem na região, especulação, destruição das áreas ocupadas pelos posseiros, numa demonstração de força e poder. (LOPES, 2015, p.5).

A isso, se acrescenta a hegemonia da atividade da pecuária no município que vem sendo exercida praticamente desde o seu surgimento e que é defendida por muitos pecuaristas da região como uma atividade tradicional, passando de pais para filhos. Com base nisso, a pecuária se insere no rol de atividades privilegiadas. Exatamente, pois, do boi se aproveita tudo, o leite, carne, os chifres, os ossos, o couro, o sebo, as fezes e a urina (GANCHO; TOLEDO, 1990).

Neste sentido, o boi passa a ter um lugar de destaque no município, se configurando como um protagonista central para o desenvolvimento da economia local. Visto que a região norte como um todo apresenta uma grande vantagem para o desenvolvimento da pecuária devido as suas pastagens naturais e plantadas e aos baixos custos de produção para o desenvolvimento de tal atividade. Acresce a isso, que na pecuária bovina pode haver produtividade mesmo sem muitos investimentos, ou seja, essa atividade para ser implantada necessita de poucos recursos financeiros e também de pouca mão de obra.

Em decorrência disso, a pecuária de corte passa a ser bastante praticada no município de Araguaína e seu entorno, conforme já mencionado, por ser uma atividade de baixo custo de investimento e ainda por ser um importante instrumento de ocupação dos vastos territórios que essa região apresenta. Portanto, a pecuária a partir da década de 1960 começa a exercer uma maior influência no município e, de certa forma, a evidenciar um grupo de atores que vão fazer dessa atividade uma importante ferramenta para materializar o seu processo de territorialização, bem como as relações de poder a partir de suas práticas.

Esses são os maiores destaques que o município tem apresentado para atrair cada vez mais investidores, no entanto, o grande trunfo está presente através do desenvolvimento das atividades da pecuária de corte, que conta com seis grandes frigoríficos e outras agroindústrias que têm sido sustentados pela força do agronegócio, não só de Araguaína, mas, também da área no seu entorno. Neste sentido, é preciso pensar a quem interessa a divulgação do município como sendo um local estratégico para investimentos do grande capital? De fato, esta consideração pode ser bastante questionada, uma vez que cada ator está em busca de poder, e faz isso através de diversos modos, especialmente através da comunicação, ou seja, por meio do discurso na busca por conquistar uma posição de destaque frente a outros atores que se estabelecem na disputa pelo território.

É fácil perceber no município o interesse que os diversos sujeitos têm apresentado com relação aos desdobramentos de suas ações na ocupação do território, isso é bem claro em relação à questão de Araguaína ser cotada como uma cidade que apresenta forte influência das estruturas de desenvolvimento do agronegócio. Isto posto evidencia o processo de territorialização do agronegócio e sua rede de circulação. Neste sentido, faz-se necessário pensar nos instrumentos que são mobilizados pelos atores do agronegócio e no caso mais específico do município, a pecuária de corte, propondo mudanças a partir da mobilização desses atores que geram e controlam os pontos da rede, no caso mais claro, da posição que cada um desempenha em relação aos fluxos que se materializam através das redes, (RAFFESTIN, 1993).

A partir dessa mobilização dos diversos atores do agronegócio no município passa a existir o fortalecimento das atividades da pecuária e o estabelecimento de laços através da circulação e gestão por parte dos sujeitos ligados ao processo de territorialização destas ações no espaço. Tais redes, de acordo com Raffestin (1993), devido à sua mobilidade no território podem ser comparadas a um “organismo vivo” (RAFFESTIN, 1993).

É exatamente através da mobilidade dos atores que se percebe a visão econômica do território no município de Araguaína como um campo de luta, no qual a presença do agronegócio tem marcado uma transformação significativa desde o início das atividades da pecuária de corte até os dias atuais. Essas lutas são evidenciadas pelos diferentes atores que materializam no território suas ações, demonstrando dessa forma, o processo de circulação e, ao mesmo tempo apresentando a existência dessa dinâmica como algo em movimento.

Nesse sentido, o desenvolvimento da pecuária no município tem provocado modificações no território e em consequência disso, os atores que têm menos

representatividade frente ao Estado<sup>4</sup> têm sido considerados como um atraso, uma vez, que o pecuarista moderno tem se apresentado no município como uma figura importante para o avanço econômico. Com efeito, é preciso perceber que no caso do agronegócio, o território é essencialmente importante e se configura como um campo econômico onde há uma relação de poder entre os diversos sujeitos na busca pela sua apropriação. A pecuária desde muito tempo é vista como uma atividade que favorece a disputa pelo território e em consequência disso provoca uma série de conflitos entre os diversos atores que necessitam do espaço para materializar suas mais diversas atividades.

Pode-se imaginar a ocupação do território no município com a presença de diversos pastos para a criação do gado na forma extensiva e de outras atividades correlacionadas com a pecuária. Isso demonstra o processo de territorialização do município através das atividades do agronegócio que se configura como um processo de produção, desta forma, pode-se destacar a visão econômica do mesmo e as diversas tramas materializadas pelos atores na busca de acumulação de capital através da relevância que à terra apresenta.

Porto-Gonçalves (2016) demonstra a importância da terra no Brasil para a formação de grupos de poder que usam de todas as artimanhas para conseguir e manter a propriedade da mesma, ainda que em alguns momentos ocasione a violência e conflitos nas diversas áreas. Com efeito, o cenário de expansão da pecuária bovina que é uma das atividades mais tradicionais do ramo do agronegócio, contrastando com outras atividades tidas como mais rentáveis.

Por esta razão, é preciso considerar o território como um espaço de lutas constantes no sentido de seus atores estabelecerem suas rotas em busca da formação de grupos que tenham os mesmos interesses, proporcionando assim, um maior poder de luta em favor do desenvolvimento de suas atividades, e deste modo, a obtenção de maiores lucros a partir de suas produções.

Cabe ressaltar que, na composição do território como um campo econômico, os atores buscam medidas que respondam às suas próprias necessidades de avanço do capitalismo. Para Raffestin (1993, p. 159), “o poder é inevitável e, de modo algum, inocente. Enfim, é impossível manter uma relação que não seja marcada por ele”. Neste caso, os atores criam soluções que vão ao encontro de atender as expectativas do mercado consumidor.

---

<sup>4</sup> O capítulo 02 traz uma melhor abordagem com relação ao Estado e o agronegócio.

Seguindo essa mesma lógica da visão econômica do território para a pecuária de corte no município de Araguaína, podem-se evidenciar as características que favoreceram esse cenário.

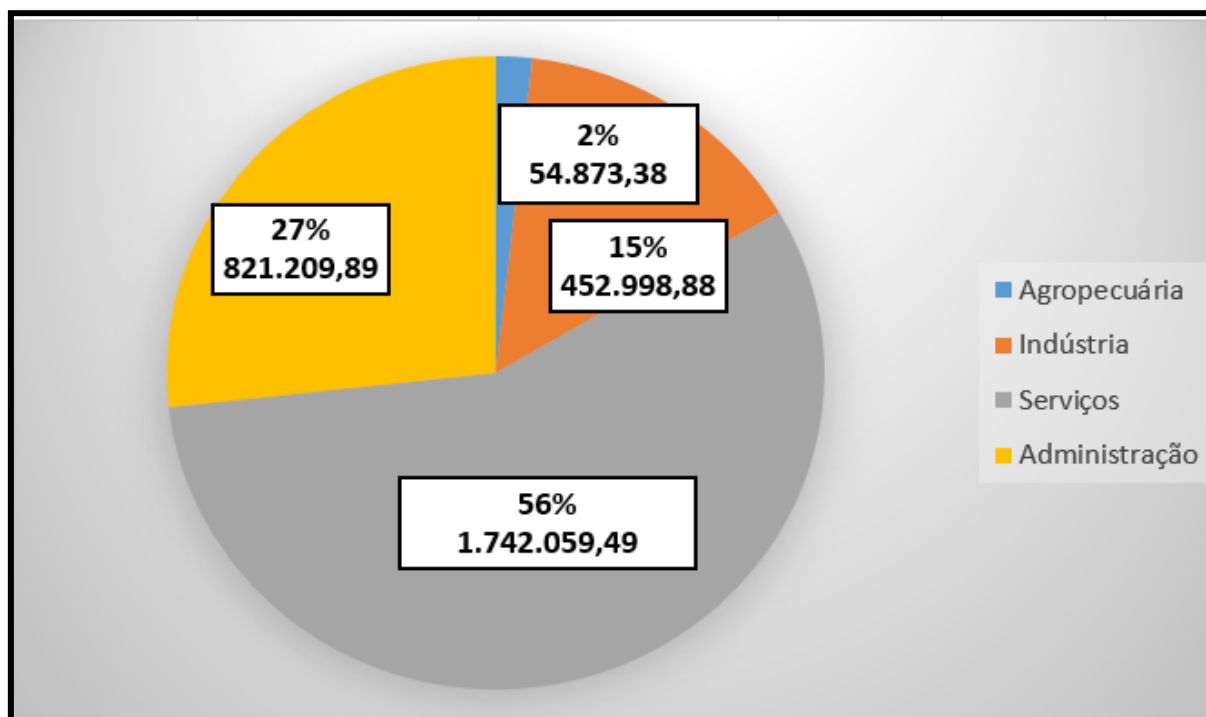
Araguaína é dotada de infraestrutura econômica urbana e regional de apoio a pecuária. Como cidade mediadora de acumulação da pecuária capitalista, concentra empresas multinacionais e nacionais que controlam o beneficiamento e a comercialização da produção regional, com ruas e avenidas que se transformam em corredores especializados na distribuição de bens e serviços de apoio a produção primária, caracterizando a cidade como expressão dessa atividade econômica (SILVA, 2017, p. 195).

Neste contexto, a partir do período de fortalecimento das atividades da pecuária bovina, especialmente na década de 1990 o município passa a atrair empresas do segmento do agronegócio, como as agroindústrias que fortalecem ainda mais a representatividade da pecuária em Araguaína. Isso pode ser destacado a partir da implantação dos frigoríficos no município, bem como, com a implantação de outras empresas ligadas a este setor.

Vale ressaltar que as empresas que foram chegando ao município de Araguaína, bem como a sua ascensão demográfica, de certa forma, se deve ao “[...] papel de Araguaína como um importante entreposto comercial, sua localização e estratégica em termos de acessibilidades [...]” (CUNHA, 2002, p.33). Esse aspecto tem justificado o discurso dos pecuaristas para atrair investimentos para o desenvolvimento de suas atividades.

O processo de desenvolvimento do agronegócio em Araguaína é bastante discutido especialmente por sua participação na economia do município. Os pecuaristas que defendem essa atividade mencionam o poder de agregação da mesma com relação a outros serviços que são atraídos pelo processo de execução de tais atividades. No entanto, a economia do município é impulsionada por outros setores que são mais presentes, como a indústria e a prestação de serviços.

Nessa perspectiva, o gráfico 1 demonstra a participação do PIB do município no ano de 2015 por setores da economia. Os números apresentados são os seguintes: R\$ 54.873,38 no segmento da agropecuária, R\$ 452.998,88 no segmento industrial, R\$ 1.742.059,49 no segmento da prestação de serviços e R\$ 821.209,89 no segmento da administração, o que correspondem no gráfico a 2%, 15%, 56% e 27% respectivamente. A partir disso, os dados evidenciam que a participação das atividades da agropecuária é bem menor se comparada com os outros três setores. Com isso, os defensores da pecuária no município apontam que a pecuária influencia o comércio local e a prestação de serviços, impulsionando a economia.

**Gráfico 1** - Produto Interno Bruto por setores da economia em Araguaína (x 1000 R\$) 2015

Fonte: IBGE (2015), organizado pelo autor (jul/2019)

Ainda conforme o gráfico 1 é possível questionar sobre a real importância das atividades do agronegócio para o município, uma vez que essa representatividade em números não é tão expressiva assim. Então o questionamento é: o que está por detrás dessa representação de 2% no PIB da agropecuária do município no ano de 2015? Pois, o que fica visível com relação ao desenvolvimento da atividade da pecuária em Araguaína é que a mesma é fundamental para o crescimento econômico e que sem sua presença esse desenvolvimento não se faz de forma satisfatória.

Outro importante aspecto é a questão de que o desenvolvimento da pecuária na cidade se efetiva de forma tradicional, sendo defendido pelos pecuaristas que desempenham essas atividades a bastante tempo, além de ser fortalecida pela instituição que defende os atores dessa atividade, o SRA. Outro ponto bastante incisivo para isso, diz respeito ao fato de o município ter grande representatividade na região exatamente pela influência na prestação de serviços relacionados ao segmento do agronegócio.

Portanto, são muitos os pontos de questionamentos relacionados com o desenvolvimento do agronegócio no município, assim também como os grandes embates entre os diversos atores que buscam materializar suas ações no território no sentido de possuir a terra e concretizar uma ação. No entanto, o território na atualidade está carregado do aspecto econômico e vem sofrendo um grande processo de estruturação proveniente das lutas dos

sujeitos relacionados, neste sentido, o mesmo apresenta alguns traços comuns, mas, em sua maioria, tem apresentado significativas heterogeneidades.

### **1.5 – Agronegócio em Araguaína: heterogeneidade e traços comuns**

O processo de desenvolvimento do agronegócio em toda parte tem evidenciado um histórico de lutas e embates frequentes em busca de conseguir se apossar de um território e, desta forma, entrar na terra de trabalho. Esse processo não se faz diferente no município de Araguaína, pois, o mesmo ao longo de sua consolidação tem sido evidenciado como um importante produtor de carne bovina e desta forma tem enaltecido as atividades da pecuária bovina.

Porém, o desenvolvimento das atividades do agronegócio tem mostrado que isso não acontece de forma homogênea, uma vez que os atores têm interesses diversos apresentando assim suas heterogeneidades. O fato é que há uma resistência por parte de alguns sujeitos com relação à forma com que o agronegócio tem se apropriado do território, como no caso do desmatamento de áreas do Cerrado para a implantação de pastos para o gado, bem como, o processo de expansão da pecuária em territórios tradicionais, especialmente pelos conflitos emergentes deste processo (ver mapa 03).

A questão da terra, em território brasileiro, constitui um problema, de amplitude temporal e espacial, que está na raiz do processo desigual de desenvolvimento social, econômico e político do país. Este território foi construído nas bases da expropriação e/ ou da exclusão da terra de milhares de camponeses. O latifundiário está na base primeira da conformação do território nacional brasileiro, assim como estão os seus resultados, representados pela expropriação e massacre de uma infinidade de etnias indígenas, pela escravidão de milhares de africanos violentamente desterritorializados além-mar. (SOUZA, 2012, p. 29).

Observa-se assim que o território se configura como um espaço de lutas de diferentes atores, que em muitos casos têm buscado uma união em grupo para lutarem por seus interesses, sobretudo “[...] em luta pela posse da terra, em busca de um espaço para territorializar seu modo de produção e vida” (SOUZA, 2012, p.31).

Nesta perspectiva, o agronegócio no município de Araguaína tem se territorializado a partir da relação que os atores envolvidos têm executado com vistas à apropriação do território para o desenvolvimento das mais diversas atividades. Deve-se considerar os muitos aspectos relacionados com esse fator, mas, o mais importante deles é o avanço do capital no espaço que condiciona tais atores numa busca por melhores técnicas que possam gerar melhores resultados, tanto ao nível individual como no coletivo.

Nesse sentido, o processo de territorialização da pecuária no município de Araguaína se estabelece a partir das ações dos pecuaristas com o respaldo de seus parceiros, em busca de enaltecer o processo de crescimento da mesma. Desta forma, a pecuária assume lugar de destaque correspondendo ao processo de globalização que se evidencia a partir da efetivação de suas principais atividades, abarcando assim, as distintas etapas executadas diariamente o que permite perceber “[...] a aceleração de todas as formas de circulação e seu papel crescente na regulação das atividades localizadas, com o fortalecimento da divisão territorial e da divisão social do trabalho; e da dependência deste em relação às formas espaciais e às normas sociais (jurídicas e outras) em todos os escalões” [...] (SANTOS, 2008, p.47).

Ressalta-se o processo de divisão social do trabalho apresentada pela atividade da pecuária com relação a outras formas de trabalho atualmente. Basta perceber o marketing que as atividades do homem do campo têm recebido, especialmente por estabelecer uma ligação com a terra, o homem do campo acorda cedo e faz o trabalho fluir, sua atividade se torna importante para o homem urbano.

Cabe, portanto, uma observação com relação ao processo de desenvolvimento das atividades da pecuária no município e aqueles que de certa forma não reconhecem a mesma como primordial para o crescimento econômico, uma vez que essa atividade tem implicações diretas ao meio ambiente e impacta também a vida dos atores e grupos que são considerados subalternos no avanço da economia. Para Oliveira (1996) o agronegócio tem aumentado a concentração de terra nas mãos de um pequeno grupo de latifundiários, fazendo com que ocorra a expropriação de pequenos camponeses. No entanto, esse processo também tem demonstrado a luta desses pequenos produtores pela recuperação de suas terras e assim, o contínuo processo na obtenção de uma “fração” do território que lhes permita continuar como camponeses.

Evidentemente que em todo o processo de expansão da pecuária no município tem-se demonstrado a existência de sujeitos de lutas, pois, segundo Raffestin (1993), o território é um lugar de luta, no sentido de que os sujeitos contrários ao processo de ocupação de grandes áreas do bioma Cerrado para as atividades da pecuária fazem a sua articulação e tentam a partir dessa luta minimizar os impactos que essa atividade tem causado ao longo dos anos no município. Nesse contexto, existe no município um processo de evidenciar o agronegócio da pecuária bovina como uma forma de poder, isso é percebido, sobretudo, a partir dos discursos presentes na fala dos defensores dessa atividade e mais ainda pelo marketing que se anuncia favorável à questão. Porém, é evidente que a pecuária tem provocado diversos problemas ao



município, isso fica claro a partir do mapa 3 que demonstra a cobertura e o uso da terra durante o ano de 2007.



Ainda com relação ao mapa 3, nota-se que a maior parte do território do município de Araguaína está tomada por pastagens. Como consequência, o município tem atravessado alguns problemas que são provenientes da pecuária, tais como o desmatamento, extinção de espécies animais e vegetais, erosão de córregos, e até mesmo a contribuição para o aquecimento global, entre outros problemas.

A agricultura familiar se opõe ao desenvolvimento das atividades pecuaristas provenientes do agronegócio, especialmente pela disputa que existe pelo território e ainda mais pelo apoio que o grande latifundiário tem recebido. Dessa forma, o grande pecuarista tem sua produção destinada à exportação, com uma grande margem de lucro, enquanto o agricultor familiar tem a sua produção voltada para o mercado consumidor interno, não tendo um retorno financeiro tão satisfatório.

Outra questão que fortalece as heterogeneidades do desenvolvimento da pecuária de corte em Araguaína se dá pela grande quantidade de água utilizada nos frigoríficos para o abate do gado de corte, tanto no processo produtivo, quanto na higienização do local de trabalho (ARAÚJO; COSTA, 2014). Neste sentido, os protagonistas da pecuária de corte buscam legitimar suas atividades a partir do discurso de crescimento econômico para o município tendo o apoio do Estado. Com isso, evidenciam os traços comuns do desenvolvimento da atividade da pecuária de corte em Araguaína, especialmente através do discurso da unificação de classes entre o peão e o patrão no sentido de ambos estarem inseridos no mesmo processo de desenvolvimento econômico para o município.

Contudo, o próprio local de desenvolvimento da festa agropecuária do município evidencia a segregação em relação ao processo de integração das distintas classes. Isto é claro a partir dos ingressos da entrada no parque e continua nos ambientes que estão disponíveis ao longo do local, como bares e restaurantes de renome do município onde só se reúnem os grandes pecuaristas e seus convidados de honra, outros empresários da cidade.

Portanto, o avanço das atividades do agronegócio no município tem caracterizado um processo de heterogeneidades bem visível, especialmente devido aos problemas que o mesmo tem provocado ao território, como os diversos embates relacionados ao meio ambiente e também à expropriação de alguns atores subalternizados e inferiorizados pelos grandes empresários do agronegócio. Esses grupos subalternos têm lutado para continuar com pelo menos um “pedaço” de terra, mesmo com a atuação do Estado sendo contrária às suas demandas e sendo o grande fomentador do desenvolvimento do agronegócio em todo país.

## 2 – ESTADO E O AGRONEGÓCIO: TERRITORIALIDADE E PODER

O Estado é o grande fomentador de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento do agronegócio. Desta forma, são perceptíveis as relações de poder estabelecidas no território em busca de uma afirmação do seu crescimento, mesmo em alguns casos havendo uma supremacia em detrimento de grupos considerados minoritários. Neste sentido, busca-se analisar a relação existente entre o Estado e o desenvolvimento do agronegócio na perspectiva de visualizar as “tramas” que são materializadas no território no âmbito das relações de poder.

Considerando esse cenário, o atual momento se faz favorável para o desenvolvimento do agronegócio, isso se dá especialmente pela grande notoriedade que a mídia vem proporcionando ao mesmo. O agronegócio passou a ter um grande destaque, o agro é pop, o agro é a força do homem do campo. No entanto, será que realmente esse agronegócio pode ser considerado o pop do momento? Outra questão bem pertinente: será que é o agronegócio que carrega o Brasil ou será o Brasil que carrega o agronegócio?

Araguaína no estado do Tocantins é considerado um forte município no desenvolvimento das atividades da pecuária bovina, considerado como a “capital do boi gordo” e sustentado, sobretudo, através de uma elite pecuarista que em sua maioria também possui cargos políticos ou está diretamente ligada a políticos, favorecendo assim o avanço do agronegócio de forma exponencial. Contudo, o debate sobre o assunto ora exposto serve para buscar uma melhor compreensão sobre as políticas públicas implementadas pelo Estado, que em muitos casos só beneficiam uma minoria no poder em detrimento da exploração de uma grande maioria.

Neste sentido, o avanço do agronegócio no território do município de Araguaína é marcado por grandes transformações e também permeado pelos embates dos diversos atores que tentam sustentar suas atividades neste território. Mesmo que as implicabilidades não sejam aparentes para quem está de fora do jogo relacional da conquista do território, ela existe. Os atores do agronegócio estão sempre armados em busca de conseguir uma maior parcela do território para expandir seus negócios.

Neste capítulo será abordada a influência do agronegócio da pecuária de corte no município e sua relação com o meio ambiente, a questão do desenvolvimento do agronegócio e sua relação com o Estado, como é formada a elite pecuarista do município, o título de capital do boi gordo e, por fim, a representação do agronegócio no município.

## 2.1 – O agronegócio em Araguaína: meio ambiente e políticas públicas

A pecuária de corte é uma das principais atividades do agronegócio desenvolvidas no município de Araguaína, sendo bastante praticada na região da Amazônia Legal. Vários fatores são importantes para isso acontecer, especialmente em virtude de ser uma atividade que não necessita de grande investimento financeiro e que tem um retorno considerado bom. Porém, essa atividade tem promovido uma série de problemas relacionados ao meio ambiente, como o desmatamento de grandes biomas para o crescimento de pastos para a criação do gado, na maioria das vezes no sistema extensivo.

Costa (2000) evidencia as políticas públicas voltadas para o uso e a ocupação do território, neste sentido o debate territorial em muitos casos, se limita à ação do governo e sua forma de distribuir recursos para cada região. No entanto, é preciso destacar, segundo o autor, o processo complexo de desenvolvimento que o território carrega e a urgência para que ocorra a integração de atividades entre os diversos atores que compõem esse território.

Mesmo que no momento se discuta a promoção do sistema intensivo e de formas mais sustentáveis para a pecuária, o sistema extensivo ainda prevalece como sendo o mais praticado na região, dessa forma, os promotores da pecuária de corte do município têm defendido as vantagens dessa atividade, usando o discurso de desenvolvimento econômico. Por outro lado, as contradições de tal atividade vêm sendo evidenciadas com bastante notoriedade, tais como o desequilíbrio ecológico e ambiental e a falta do devido cuidado com o meio ambiente.

Neste sentido, é preciso pensar que toda atividade produtiva gera algum impacto sobre o meio ambiente (VESCHI; BARROS; RAMOS, 2010). Desta forma, o município de Araguaína que apresenta uma grande área com o bioma do Cerrado vem sendo prejudicado há muito tempo, especialmente porque esse bioma é considerado como uma caixa d'água, e uma vez retirado a sua cobertura vegetal se reduz significativamente a infiltração e armazenamento de água, provocando assim diversos problemas ambientais, dentre eles, o assoreamento das nascentes de córregos, entre outros.

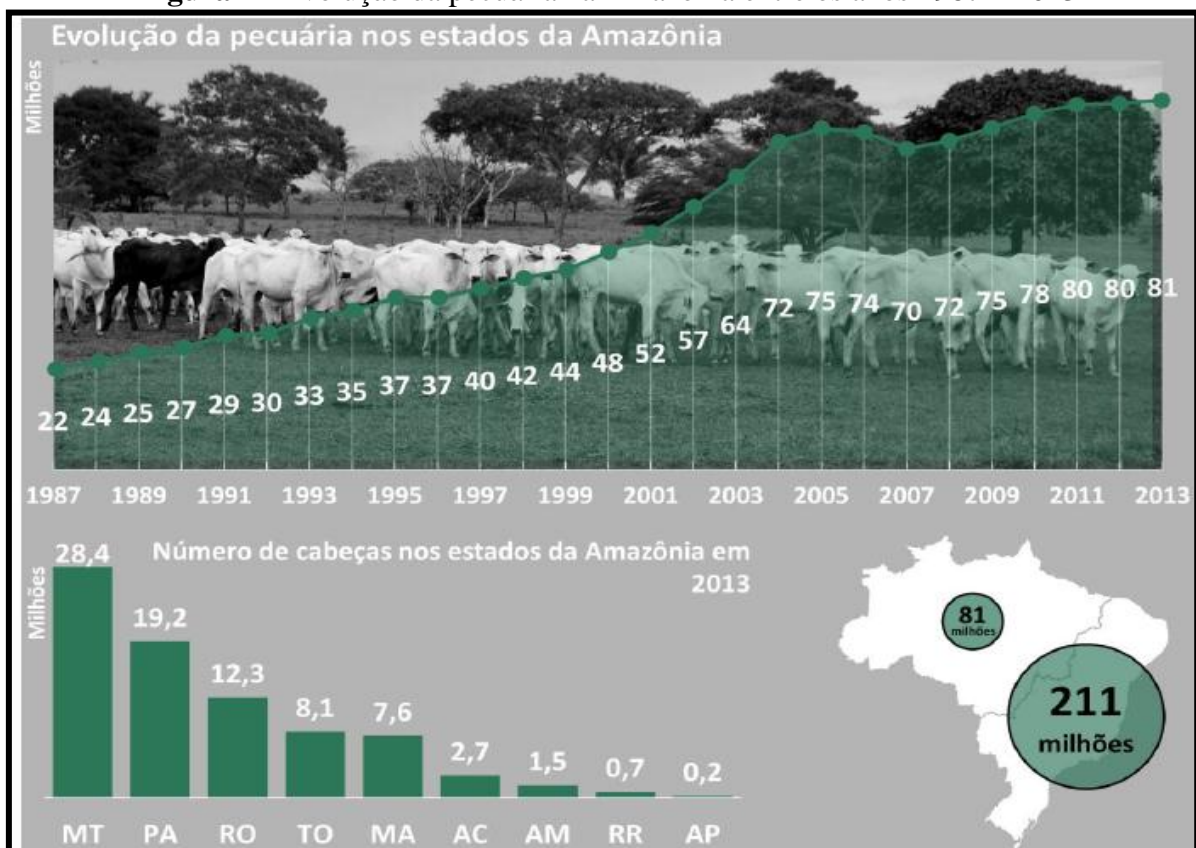
Pensando assim, a pecuária enquanto atividade que se desenvolve diretamente no contato com o solo é muito propensa a causar grandes impactos ao meio ambiente, sendo assim, a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO) revelou que no ano de 2016 o “[...] agronegócio foi responsável por quase 70% do desmatamento na América Latina” (MEZA, 2016, n. p.) o mesmo, apontou ainda: “Especialmente na Amazônia, a produção do agronegócio para os mercados internacionais foi o principal fator de

desmatamento após 1990, resultado de práticas como o pastoreio extensivo, o cultivo de soja e as plantações de palma azeiteira (dendê)” (MEZA, 2016, n. p.).

Vale acrescentar que esse índice de desmatamento na região amazônica se explica exatamente pelo efetivo bovino que nos últimos anos tem aumentado significativamente, colocando a região Norte do país como a segunda maior região com efetivo bovino. Isso é um fator que os pecuaristas têm comemorado, pois, a região é uma importante exportadora de carne para o exterior e tem aumentado sua receita. No entanto, existem os grandes problemas que muitas vezes não são destacados e que fazem parte do desenvolvimento dessa atividade e refletem na qualidade de vida de todos, até mesmo daqueles que se não opõem a ela.

Isso fica claro a partir da figura 1 que demonstra a evolução do efetivo bovino nos estados da Amazônia Legal, remetendo ao incentivo dos governos militares desde a década de 1960, mas, também aos governos da república nova com continuidade de políticas favoráveis a essa prática. Assim, os estados do Mato Grosso, Pará, Rondônia e Tocantins são os que contam com maior efetivo bovino respectivamente dessa região.

**Figura 1** - Evolução da pecuária na Amazônia entre os anos 1987 – 2013



Fonte: SOARES-FILHO (2015), organização: MARINHO, Jaison R. (2018).

Neste contexto, é preciso pensar no desafio da pecuária relacionada ao desenvolvimento de algumas atividades tais como: mineração, agricultura, etc.,

desempenhadas por outros atores que também buscam o território como campo de reprodução capitalista e como forma de desenvolvimento. Muitas dessas atividades também integram o agronegócio, como é o caso da agricultura, mas, em alguns casos, não têm a mesma forma de atuação. Sendo assim, é preciso pensar os diversos atores que estão na luta pela apropriação do território buscando novas opções para desenvolver suas atividades.

A esse respeito, pode-se destacar que a atividade da pecuária ocupa um espaço de tradicionalidade no rol das atividades do agronegócio sendo no passado uma das principais atividades desenvolvidas para a ocupação de grandes faixas de terra, sobretudo, devido aos incentivos concedidos para a ocupação das terras tidas como “desabitadas”. Hoje, existe uma supervalorização da terra aliada ainda a um processo tecnológico de desenvolvimento do agronegócio que em muitos casos não valoriza tanto a pecuária, especialmente aquela praticada de forma mais rústica, deslocando a mesma para novas fronteiras e desafiando sua competitividade frente a outras opções do agronegócio. Ademais, a região amazônica desde muito se apresenta como a nova fronteira que teve a pecuária bovina como uma abertura para a chegada de outras atividades do agronegócio que hoje contam com maior destaque, tais como as monoculturas, especialmente a soja, pois, se configura como importante atividade para o grande capital, especialmente por ser um produto de exportação tão apreciado pelo Estado e suas políticas.

Observa-se ainda que com relação ao desenvolvimento da região amazônica, outras atividades apresentam-se na disputa pelo território, tais como, o extrativismo vegetal e mineral, a indústria e a pesca. Com isso, os diversos atores organizam-se para se apropriar da faixa de território mais viável para o desenvolvimento de suas práticas. Essa questão evidencia o processo de disputa acirrada entre os diversos grupos.

Nos últimos anos o agronegócio tem se apresentado como protagonista pela disputa das terras, especialmente através das políticas que foram sendo criadas para esse fim. Para organizar essa disputa de interesses presente na região amazônica como também em outras regiões do país, o Estado tem um papel significativo, mas às vezes age de forma ineficiente na busca de atender aos anseios do mercado capitalista.

Na disputa de interesses inerente ao sistema de reprodução capitalista, o Estado possui importante papel de intermediador e regulador entre os agentes, e deste modo acaba se inserindo em uma relação conflitante, pois busca ao mesmo tempo atender aos interesses do mercado e da população, ainda que demandas sociais normalmente não figurem como prioritárias. E é nesse contexto de relações de poder conflitantes que se definem os diversos vetores de ação política no território, que imprimem nele situações antagônicas. (PEREIRA; SILVA, 2015, p. 56).

Assim, as mais diversas relações de poder que se materializam no território culminam em um conjunto de ações que em certa medida não apresentam uma relação harmoniosa com o meio ambiente propondo neste caso que o Estado crie mecanismos para fomentar o desenvolvimento da região e, ao mesmo tempo, possa estipular políticas territoriais que atendam à necessidade dos atores envolvidos considerando a sustentabilidade. Cabe destacar ainda, que o avanço das diferentes atividades na região amazônica requer uma visão precisa sobre o território. Isso se dá porque o território une as práticas naturais e sociais e se configura como um espaço de ação de distintos grupos, desta forma, é preciso haver uma organização do território.

Assim sendo, é possível compreender que política territorial diz respeito ao conjunto das orientações gerais que guiam a ação estatal no seio da dinâmica territorial, prevendo ações continuadas a partir de uma visão estratégica que toma o território nacional como elemento fundamental. (FREITAS, 2015, p. 215).

Observa-se que é necessário que o Estado tenha grande atenção para os diversos usos do território, mediando assim às relações de poder, bem como resguardando o cuidado com o meio ambiente e também dando acesso aos atores com menor representatividade nesse processo. Pensando assim, vale destacar a diferenciação entre política territorial e política ambiental. A política ambiental é importante para o desenvolvimento de qualquer território.

A partir da recuperação dessas reflexões sobre política territorial, é possível começar a tecer algumas considerações sobre política ambiental, visando a uma compreensão de ambiente que considere os elementos naturais e a dinâmica social. Inicialmente é possível compreender que a política ambiental se lança para o mérito da relação sociedade-natureza e tem como objetivo, em última instância, uma harmonia (do ponto de vista natural, mas também social) dessa relação. Considerando os agravos nessa relação que construíram a problemática ambiental contemporânea, a política ambiental é de fato compensatória. (FREITAS, 2015, p. 215).

Tendo em vista essas discussões, é preciso destacar que o desenvolvimento de qualquer região está ligado ao processo de incorporação das políticas territorial e ambiental. No caso da atividade da pecuária isso é totalmente relevante, pois o território é o espaço de sua atuação, e se não houver a participação do Estado, e, sobretudo, de atores que defendem o desenvolvimento da região de forma mais harmoniosa com o meio ambiente, os problemas em relação ao uso do território se agravariam ainda mais. Portanto, as dimensões territorial e ambiental fazem parte da efetivação das políticas públicas que o Estado precisa manter no planejamento de desenvolvimento de cada região, especialmente com relação à região amazônica que têm um enorme potencial natural e uma diversidade muito grande de etnias



que já fazem uso desse território há muitos anos e precisa ser considerada em todas as ações que forem planejadas e executadas para essa região.

## **2.2 – A relação dos atores da pecuária com o Estado**

A pecuária é uma das atividades econômicas mais antigas praticadas no município de Araguaína. Certamente, essa relação está ligada a todos os incentivos concedidos no passado e, a partir do final da década de 1980, essa questão ganhou maior impulso com a criação do mais novo estado brasileiro, o Tocantins, no ano de 1988. A partir daí, começa a se desenhar um quadro que continua até os dias atuais com algumas modificações: a conquista do poder pelo grupo político composto pelos grandes pecuaristas da região naquela época. A consequência desse feito pode ser evidenciada pelas analogias dos pecuaristas do agronegócio com o Estado, numa busca de condições favoráveis para conseguir vantagens para sua categoria e dessa forma manter relações com quem de fato pode lhes assegurar os melhores resultados no processo de territorialização de suas atividades.

Para Raffestin (1993) os atores buscam saber dentro da relação de poder quem são os seus possíveis adversários ou aliados e quem pode ou não lhes prejudicar ou de fato lhes ajudar, numa questão bem clara a posição em que cada ator se encontra faz-se fundamental no processo de interesses entre os sujeitos sintagmáticos. Nota-se nesta questão uma proximidade dos pecuaristas do município com os representantes políticos do Estado. O Estado se caracteriza como um “eixo central” (RAFFESTIN, 1993) para assegurar a conquista e o controle do território.

Nesta perspectiva, Amaral (1988) ressalta que desde a criação do estado do Tocantins já existia um forte grupo político ligado às atividades da pecuária com interesses claros, por exemplo, a União Democrática Ruralista (UDR).

‘O Estado do Tocantins é a UDR no poder’, afirma sem rodeios o presidente da Federação da Agricultura de Goiás (Faeg), Aroldo Rastoldo. Pecuárta em Formoso (297 km a noroeste de Goiânia) e candidato a senador pelo novo Estado, Rastoldo assumiu a presidência da Faeg em 1985 com o objetivo de implantar sindicatos rurais identificados com a UDR no norte de Goiás. Em dois anos, criou 48 sindicatos e fundou nove regionais da UDR no que será o Tocantins. O objetivo agora é outro: ‘Vamos fazer o governador e 80% dos novos prefeitos’, desafia. (AMARAL, 1988, p. 5, grifos do autor).

Isso explica o grande número de políticos que são grandes fazendeiros no estado do Tocantins e conseqüentemente no município de Araguaína. Assim, para Raffestin (1993),

existe a produção de território articulado ao campo de poder, onde cada ator combina sua energia e informação na elaboração de estratégias específicas para materializar essas relações de poder. Ainda segundo o autor, isso é possível a partir da linguagem que se coloca como um instrumento valioso para a produção do território.

Neste sentido, os pecuaristas do município têm mantido um diálogo com os representantes do Estado para fortalecer os laços de suas atividades e, como já mencionado anteriormente, assegurar vantagens para o avanço de suas produções. Dessa maneira, é possível colocar um questionamento: o agronegócio tem carregado o Estado, ou o Estado tem levado o agronegócio para o patamar que o mesmo se encontra?

Desde muito tempo essa discussão vem sendo apresentada, de um lado os atores favoráveis às atividades do agronegócio têm defendido a sua importância econômica para todo país, dessa forma, mencionam os resultados positivos da balança de exportações e os recordes que o agronegócio vem conquistando com o passar do tempo. Por outro lado, os contrários ao avanço do agronegócio mencionam que o Estado sempre “apadrinhou” o agronegócio com o direcionamento de recursos e políticas públicas.

Dessa forma, em um relatório publicado pela ONG internacional de combate a pobreza, as desigualdades e as injustiças pelo mundo, Oxfam Brasil, traz alguns apontamentos de como o agronegócio tem sido tratado pelo Estado em detrimento de outros grupos considerados como minorias, como o caso dos camponeses, indígenas e quilombolas.

O atual modelo, que privilegia latifúndios monocultores e a extração de recursos naturais em larga escala, coloca à margem do desenvolvimento as populações camponesas, indígenas e quilombolas. As populações mais fragilizadas acabam recorrendo a ocupações e mobilizações para reivindicar o direito à terra em um cenário onde elites rurais e grandes corporações encontram na política o aliado que necessitam para manter seus privilégios. (SAUER, et al., 2016, p. 24).

Por essa razão, o agronegócio tem encontrado os caminhos que lhe garantem respaldo uma vez que seus protagonistas em alguns casos são os que representam o Estado ou de alguma forma têm uma ligação estreita com o mesmo. Assim, desde o ano de 1965 o agronegócio já começava a ter as portas de incentivos abertas, sobretudo, a partir da criação do Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR) que pode ser considerado como uma política agrícola no sentido de promover o aumento da produção e produtividade do setor com a visão de exportar o excedente e conseguir preços competitivos no mercado. (SCHLESINGER, 2010).

O quadro 2 demonstra os objetivos específicos da lei 4.829/65 que instituiu o SNCR, voltado exclusivamente para atender os anseios dos produtores rurais. Nota-se a partir do

mesmo que a lei tem como objetivos específicos atender o proprietário rural de forma individual ou através da formação de cooperativas, também está voltada ao custeio da produção e comercialização dos produtos da propriedade rural. Talvez o terceiro objetivo (do quadro 2) seja o mais relevante, sobretudo, porque o mesmo esclarece que esse crédito está voltado para fortalecer economicamente pequenos e médios produtores rurais, isso significa abrir um questionamento a respeito da dificuldade que muitas vezes o pequeno produtor encontra para conseguir fomento para desenvolver suas atividades, ao passo que aquele que exerce alguma atividade de destaque do agronegócio recebe facilidades para conseguir seu financiamento. Por último, o quarto objetivo complementa os três primeiros e enfatiza a questão do crédito para todos, a melhoria da qualidade de vida dos produtores rurais e o cuidado com o solo. Neste sentido, conforme abordado, os objetivos da lei favorecem as atividades do agronegócio.

**Quadro 2 - Objetivos específicos da Lei 4. 829/ 65**

|   |
|---|
| <b>I</b> - Estimular o incremento ordenado dos investimentos rurais, inclusive para armazenamento beneficiamento e industrialização dos produtos agropecuários, quando efetuado por cooperativas ou pelo produtor na sua propriedade rural. |
| <b>II</b> - Favorecer o custeio oportuno e adequado da produção e a comercialização de produtos agropecuários.  |
| <b>III</b> - Possibilitar o fortalecimento econômico dos produtores rurais, notadamente pequenos e médios.  |
| <b>IV</b> - Incentivar a introdução de métodos racionais de produção, visando ao aumento da produtividade e à melhoria do padrão de vida das populações rurais, e à adequada defesa do solo.  |

Fonte: BRASIL (1965), organização: MARINHO, Jaison R. (2018).

Essa talvez seja a questão primordial da discussão para o embate de se saber quem de fato tem o papel mais relevante quanto ao desempenho do agronegócio, se de fato é o agronegócio, através de toda sua produção ou se é proveniente dos muitos benefícios concedidos para o mesmo através do Estado.

Os territórios do agronegócio têm se valido de políticas públicas e privadas para se desenvolverem a partir da lógica do trabalho assalariado e da produção de *commodities* para exportação. Os territórios camponeses necessitam de políticas de desenvolvimento a partir da lógica do trabalho familiar, cooperativo ou associado, para a produção de diversas culturas para os mercados locais, regionais e nacional e para exportação. Enfatizando, novamente, cada território precisa produzir políticas de acordo com sua lógica, seu modo de produção. A ação do agronegócio em territórios camponeses rompe a territorialidade camponesa e cria a subordinação,

expressa pela territorialidade do agronegócio. As políticas dos territórios camponeses não podem, portanto, ser elaboradas a partir da lógica do agronegócio [...]. (FERNANDES, 2015, p. 28).

Seguindo essa lógica, Fernandes (2015) propõe que é preciso perceber o campo das políticas públicas que estão sendo colocadas em prática e para quem elas estão sendo direcionadas, sobre isso aponta:

O termo 'política pública' pode ser compreendido de acordo com as premissas selecionadas. Quando utilizamos a expressão política pública, estamos nos referindo a um programa, projeto ou plano de desenvolvimento elaborado pelos governos ou por estes com organizadores da sociedade civil que transformam espaços e territórios. A partir desse pensamento, as políticas públicas são elaboradas em determinados espaços e territórios por instituições públicas e privadas que defendem diferentes modelos de desenvolvimento no país. (FERNANDES, 2015, p. 29, grifos do autor).

Eis o porquê de muitas vezes haver embates entre os representantes do agronegócio e os demais atores que estão em busca de sua territorialização, em muitos casos isso tem acontecido exatamente por conta da falta de cumprimento das políticas que possibilitam a melhor ascensão dos pequenos produtores às linhas de crédito mais favoráveis ao desenvolvimento de suas atividades. Como aborda Costa (2000), é preciso a participação do governo, juntamente com os diversos atores que estão exercendo suas atividades no território, para que de fato as políticas possam atender os lugares de forma mais eficiente, bem como, fazer com que se possa usufruir de todo o potencial que o território dispõe de forma a integrar os espaços favorecendo, dessa forma, o desenvolvimento.

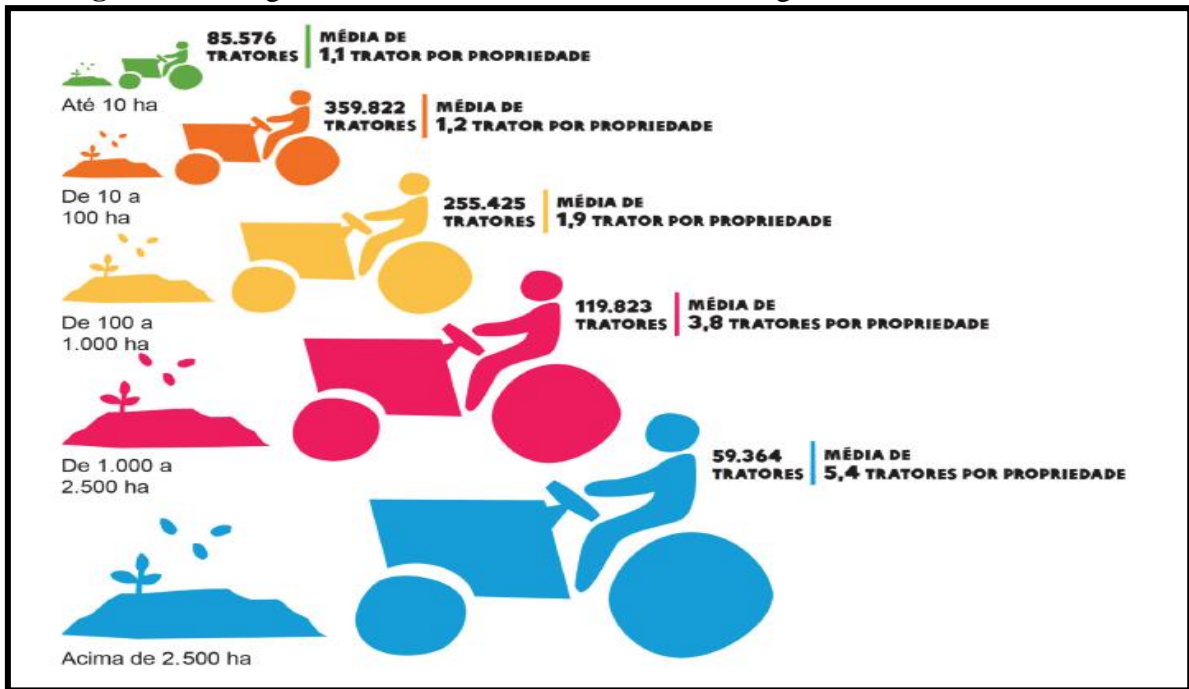
Costa (2000) destaca ainda que as políticas territoriais isoladamente não podem explicar a realidade, bem como os processos econômicos sozinhos não conseguem revelar a totalidade da situação. Desta forma, o autor propõe uma política pública atuante para as modificações territoriais em todo o país e destaca para isso uma ação conjunta do Estado juntamente com os demais atores no sentido de garantir a eficiência no desenvolvimento dessas políticas de forma integradora e satisfatória.

Infelizmente, o que se percebe é que o Estado que formula e executa essas políticas, na maioria dos casos tem favorecido o grande capital que tem se apropriado do território, como no caso dos grandes latifúndios existentes no Brasil, especialmente na região da Amazônia Legal devido à grande extensão territorial.

Para efeito de comparação a figura 2 aponta a desigualdade no acesso a incentivos tecnológicos entre o pequeno e o grande proprietário de terras no Brasil no ano de 2006. Enquanto os pequenos proprietários têm acesso a 1 trator por propriedade, os grandes proprietários contam com 5 tratores, demonstrando dessa forma a desigualdade entre as duas

categorias, bem como, a má gestão do Estado com relação ao desenvolvimento das políticas públicas.

**Figura 2** - Desigualdade no acesso a incentivos tecnológicos no ano de 2006 - Brasil



Fonte: SAUER (2016), organização: MARINHO, Jaison R. (2018).

Retomando a questão dos incentivos concedidos pelo Estado para o desenvolvimento das atividades da pecuária, cabe reconhecer que eles possuem uma dimensão de amparo direcionado especialmente para os grandes fazendeiros com vistas a favorecer o crescimento do mercado nacional e elevar a participação do país no cenário internacional, mantendo o mesmo como o maior produtor de carnes na atualidade. Em geral, pode-se destacar que os grandes fazendeiros são os que têm acesso a informações mais privilegiadas, neste sentido, estão sempre em busca das vantagens que o Estado tem oferecido para promover o desenvolvimento do país, na maioria das vezes esse desenvolvimento não conta com os pequenos produtores. A atuação do Estado para o desenvolvimento das atividades do agronegócio tem sido cada vez mais relevante e, desde a criação do Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR) em 1965 com o decreto de Lei nº 4.829/65, outras fontes de recursos foram surgindo, diversificando o financiamento as atividades agropecuárias.

O quadro 3 demonstra algumas das principais atividades que foram desenvolvidas para facilitar o financiamento aos produtores rurais de todas as regiões do Brasil, com alternativas voltadas especialmente para as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste em busca de promover o desenvolvimento dessas regiões. Vale ressaltar que em muitos casos esses financiamentos

são voltados para um público mais privilegiado, não levando em conta a necessidade dos pequenos produtores.

Quadro 3 - Principais atividades de crédito a partir de 1965 para o produtor rural

| Anos | Atividades  |
|------|---|
| 1967 | Foi estabelecido a destinação obrigatória de 10% do total de depósitos à vista dos bancos comerciais para facilitar o financiamento da agropecuária.  |
| 1980 | Introdução do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), os Fundos de Aplicações Extramercado e a Poupança Rural.  |
| 1989 | Foram criados os fundos constitucionais de financiamento das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste (FNO, FNE e FCO).   |
| 1997 | O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) passou a financiar investimentos no setor agropecuário para aquisição de máquinas e equipamentos novos de fabricação nacional. |
| 1998 | Início de operações com recursos captados no exterior.  |
| 1999 | Os bancos cooperativos passaram a direcionar parte de seus recursos para o crédito rural.   |

Fonte: SCHLESINGER (2010), organização: MARINHO, Jaison R. (2018).

Portanto, em relação às discussões levantadas através do envolvimento dos atores do agronegócio com o Estado no que diz respeito a modificação territorial, é preciso destacar que o mesmo deve ter um posicionamento que seja favorável a todos os atores, tanto os grandes, quanto os pequenos e que fomente o progresso e o desenvolvimento de forma a integrar as regiões com responsabilidade, sobretudo ao meio ambiente.

As políticas públicas governamentais nas suas diversas escalas de atuação devem proporcionar o desenvolvimento de todos os sujeitos e realizar o controle das atividades exercidas no território buscando o bem-comum aos que dela dependem, principalmente, promovendo a preservação dos recursos naturais de forma responsável.

Infelizmente o Estado tem sido mais favorável aos atores do agronegócio, dessa forma, em muitos casos tem sido ausente em seu papel de intermediador e regulador entre os diversos atores que se articulam para a apropriação do território (PEREIRA; SILVA, 2015). Neste contexto, surgem os conflitos e embates pela conquista do território que na atualidade têm se tornado cada vez mais frequentes, especialmente por conta do grande capital presente no desenvolvimento das atividades do agronegócio que visam cada vez mais lucro em detrimento

da exploração do território de forma consciente e com ela a preservação de seus recursos naturais.

### 2.3 – A elite pecuarista de Araguaína e suas tramas

A organização de qualquer território passa efetivamente pelo controle do Estado. A luta pela conquista de privilégios entre os distintos grupos existentes em uma sociedade consiste em uma realidade que perdura há muitos anos, isto é pertinente devido à questão de que nenhuma sociedade escapa à necessidade de organizar o campo operatório de sua ação. Dessa forma, existe dentro do sistema territorial a interação entre diversos segmentos, tais como a política, sociedade, economia e cultura (RAFFESTIN, 1993).

De acordo com essa questão, em qualquer espaço os grupos organizados e com interesses comuns têm buscado uma hegemonia com relação aos demais coletivos sociais e, a partir disso, tem procurado fazer parte dos locais em que o poder se apresenta com maior “espontaneidade” e garanta maior controle do território e dessa forma, dos recursos presentes no mesmo. Nesse contexto, o surgimento do termo elite se evidencia conforme os seguintes aspectos:

Surgiu a teoria das elites e se desenvolveu pela especial relação mantida entre as elites políticas e o Estado. E essa teoria pode ser redefinida como bem esclarece Bobbio, segundo a qual, em cada sociedade, o poder político pertence ao restrito círculo de pessoas que toma e impõe decisões válidas para todos os membros do grupo, mesmo que tenha que recorrer à força, como *últimaratio* (LEITE, 2006, p. 1).

Sendo assim, a questão da existência de uma elite pressupõe a união de um grupo em prol de alguns benefícios comuns. No caso do município de Araguaína foi formada a elite pecuarista em busca de aumentar sua representatividade com relação aos interesses do desenvolvimento da pecuária e uma maior aproximação com o Estado, que tem a hegemonia na organização e gestão do território.

Seguindo essa lógica, Aron (1988, p. 116) evidencia que: “Numa sociedade moderna, a elite se subdivide, me parece em cinco grupos: os dirigentes políticos, os administradores de Estado, os patrões da economia, os líderes de massa e os chefes militares”. Assim, na composição da elite pecuarista do município há uma junção de vários atores apresentados por pelo autor supracitado como sendo os grupos mais representativos para a formação de tal elite.

Na década de 1980, quando a notícia de criação do estado do Tocantins ganhava ainda mais repercussão, a pecuária também se delineava como uma atividade de bastante prestígio,

sendo praticada por grupos seletos que se destacavam por sua força representativa frente ao Estado. Nesse caso, essa atividade já contava com o apoio de alguns políticos que também eram pecuaristas e, ao mesmo tempo, representantes do Estado, como o caso do ex-senador e empresário Benedito Vicente Ferreira, (falecido no ano de 1997), que na época possuía bastante influência, pois, além de exercer as atividades de pecuarista, ainda detinha a concessão de uma emissora de TV (AMARAL, 1988).

Alguns anos se passaram depois da criação do estado do Tocantins que teve seus primeiros representantes ligados às atividades da pecuária. Dessa forma, muitos dos que hoje exercem cargos políticos, são também os pecuaristas mais influentes do estado. No caso do município de Araguaína, esse fato é bem notório, pois boa parte dos pecuaristas do município exercem ou já exerceram cargos políticos, demonstrando assim quem de fato faz parte da elite pecuarista do município e como essa representação se faz decisiva para os embates que vão surgindo contra a categoria.

A tabela 2 faz menção a seis nomes que já exerceram algum cargo político ou que estão no exercício de seus mandatos e que são pecuaristas no município de Araguaína ou em outros municípios vizinhos, fazendo parte dos protagonistas da elite pecuarista, exatamente por serem representantes do Estado e terem a legitimidade de conseguir as benesses que a categoria necessita. Assim, esses pecuaristas a partir de suas ações tornam as relações de poder mais explícitas evidenciando o seu grau de articulação com o Estado.

**Tabela 2 - Relação de alguns políticos pecuarista do município de Araguaína**

| <b>Cargo político</b> | <b>Quantidade</b> |
|-----------------------|-------------------|
| Ex Deputado Federal   | 2                 |
| VEREADOR              | 1                 |
| EX PREFEITO           | 1                 |
| DEPUTADO ESTADUAL     | 2                 |

Fonte: TRE/TO (2016), organizado pelo autor (out/2018)

No entanto, existem outros pecuaristas que se ligam à política de forma indireta que também fazem parte da lista dos mais influentes do município. Nesta perspectiva, como menciona Raffestin (1993), os atores sintagmáticos através de uma organização e amparados em grande parte pelos mesmos interesses somam suas forças e ações em prol de alcançar uma legitimidade no processo de aproximação com o Estado, pois, o “[...] Estado, em geral, tem uma permanência maior do que as resultantes de uma ação dos atores empregados na realização de um programa [...]” (RAFFESTIN, 1993, p. 155).



A esse respeito, cabe ressaltar que mesmo a elite aparentando ter uma unidade, em alguns casos há embates entre seus representantes.

Esta unidade não proíbe evidentemente a concorrência entre os administradores ou as rivalidades entre as pessoas que pertencem ao fluxo corrente de todas as sociedades humanas. Mas estas competições ou rivalidades não se exprimem a céu aberto, não tomam forma na luta da organização, são quase condenadas a dissolver-se na sombra dos complôs. (ARON, 1988, p. 118)

Cabe, portanto, pensar na relação que se estabelece entre os pecuaristas que desenvolvem suas atividades de forma diferenciada, especialmente pelos caminhos que foram surgindo ao longo dos anos relacionados com a tecnologia e as exigências ambientais para o desenvolvimento da atividade da pecuária. Desta forma, alguns deles praticam a atividade de forma mais tradicional, ao passo que outros foram se modernizando conforme os aparatos apresentados pela tecnologia moderna.

Pensando assim, as relações entre a elite às vezes sofrem essas interferências. No entanto, para se manter no aparato de liderança esses “complôs” devem ser desfeitos em virtude do bem-estar da classe, pois “a elite unificada exerce poder total e sem limites” (ARON, 1988, p.121). Ainda em relação ao município de Araguaína, o sindicato rural tem sido um instrumento de recrutamento de atores que ajudam a manter a elite fortalecida.

Por essa razão, ao longo da constituição da elite pecuarista do município, o sindicato rural tem trabalhado para evidenciar a atividade da pecuária como atividade honrosa, que merece ser respeitada pelos representantes do Estado, especialmente pela sua contribuição econômica. Assim este grupo, como qualquer outra elite, mesmo tendo ideias diferenciadas entre os seus atores, age de forma a manter uma unicidade. Pois, “uma elite unificada tem o monopólio do poder econômico e político” (ARON, 1988, p.121).

Através da união dos pecuaristas em prol de suas necessidades é que esse grupo tem conseguido que suas reivindicações sejam atendidas junto aos representantes do Estado, demonstrando assim a importância dessa união, pois, outros grupos que não conseguem se articular enquanto categoria são deixados de lado e não têm suas reivindicações atendidas. Na prática, funciona da seguinte maneira: um pequeno grupo bem articulado e coeso consegue muito mais do que uma grande multidão sem coesão e desarticulada.

Isso significa que dizer que o engajamento dos pecuaristas em relação às suas reivindicações potencializa o seu poder de atuação frente ao Estado e lhes garante melhores resultados. No caso do município de Araguaína e de outros municípios que compõem a sua

microrregião, existe uma representatividade a partir do sindicato rural, estabelecendo o posicionamento de sua categoria.

A figura 3 demonstra o resultado da reivindicação dos pecuaristas junto ao governo do estado do Tocantins para a redução do Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) referente à venda de gado para outros estados brasileiros. A campanha intitulada “Levanta a Cabeça”, organizada pelas lideranças pecuaristas do município propôs a redução do imposto de 7% para 4%, representando um resultado significativo para a categoria.

**Figura 3** - Reivindicação dos pecuaristas para redução do ICMS sobre venda de gado



Fonte: O Norte (2017), organização: MARINHO, Jaison R. (2018).

A ligação entre a atividade da pecuária e a política é tão forte que hoje existe um número bastante expressivo de deputados federais e senadores que compõem a “bancada ruralista” que a muito vem atuando no congresso nacional, tendo como principal objetivo votar os projetos de lei de interesse do segmento agrário, como o caso dos pecuaristas, produtores rurais e empresários, mesmo que, em muitos casos, estes projetos sejam contrários até mesmo à legislação ambiental. Diante disso, a bancada ruralista tem uma representatividade muito grande e constantemente está na mesa de negociata com outros atores que buscam ter suas pautas atendidas, especialmente os grandes empresários do agronegócio que, em troca, financiam as campanhas políticas de grande parte desse grupo.

O *lobby* do agronegócio no Brasil é institucionalizado. Ele funciona no Congresso a partir da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA, formalizada com este nome em 2008), a face mais organizada da bancada

ruralista em Brasília. Adotada como instrumento organizativo desde a sua formalização, a instituição vem se reunindo semanalmente, em evento organizado por lobistas, para definir o que os políticos chamam de “cardápio da semana”: os temas de interesse do setor que serão debatidos em plenário ou nas comissões temáticas, como as de agricultura, meio ambiente ou orçamento. As reuniões e a estrutura física dessa frente – uma equipe fixa numa mansão no Lago Sul de Brasília – são financiadas pelo setor privado, a partir de um *thinktank* chamado Instituto Pensar Agro (IPA), por sua vez sustentado por entidades do setor, como a Associação dos Produtores de Soja do Brasil (Aprosoja) e a Associação Brasileira dos Produtores de Milho (Abramilho) (CASTILHO, 2018, p. 1).

Assim o poder dos empresários do agronegócio se fortalece em todo o país, mas, sobretudo, nas áreas de interesse do grande capital e onde esses políticos pecuarista são mais presentes. A figura 4 traz uma demonstração da distribuição da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA) no ano de 2018 no Brasil. Pela figura percebe-se a força desse grupo por todo o país, no caso do estado do Tocantins, o mesmo conta com 06 parlamentares que defendem os interesses do segmento do agronegócio na região.

**Figura 4** - Número de deputados da Frente Parlamentar da Agropecuária em exercício/2018



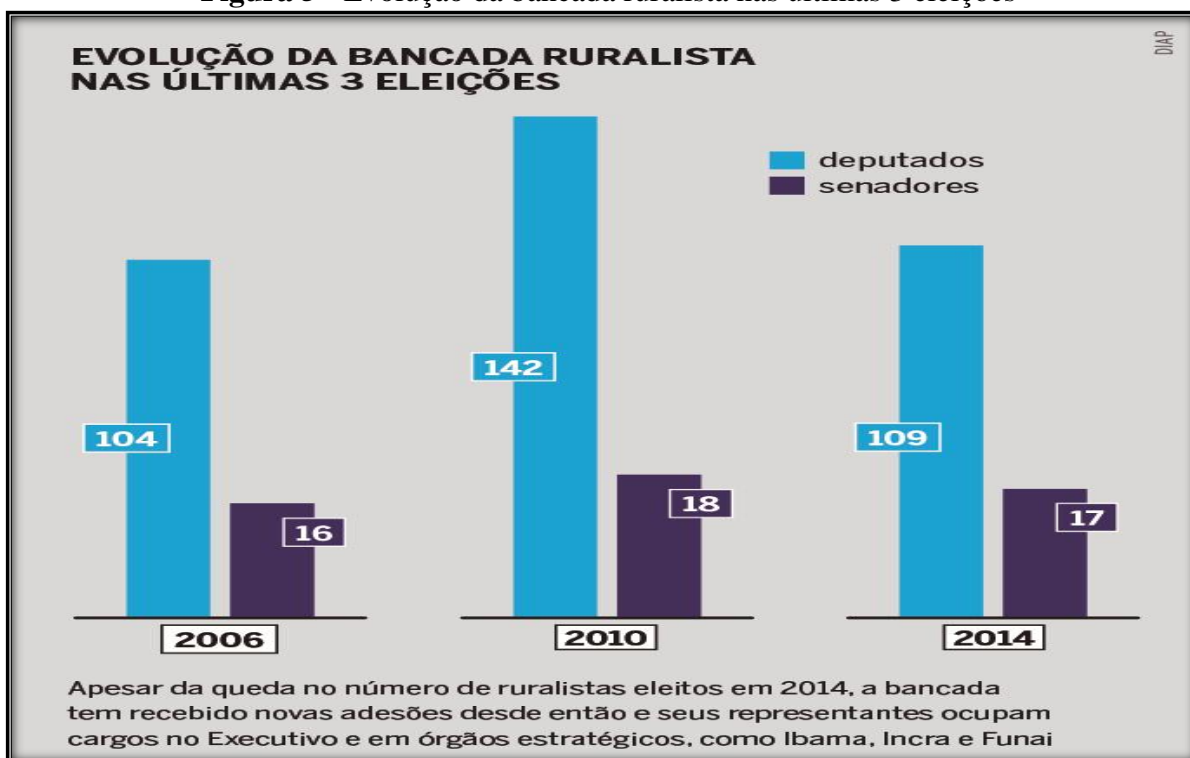
Fonte: CASTILHO (2018), organização: MARINHO, Jaison R. (2018).

Sem dúvida, os representantes ruralistas que de certa forma compõem a elite pecuarista do Brasil têm sido bastante atuantes na defesa não dos interesses públicos da sociedade, mas ostensivamente vêm representando seus próprios interesses e os dos grandes empresários do agronegócio.

A figura 5 traz uma demonstração da existência da bancada ruralista nas três últimas eleições. Conforme a mesma é possível observar uma estabilidade e consolidação com um

pequeno aumento desse grupo, esse aumento também se efetiva graças a influência que o grupo detém e devido ao grande crescimento de suas atividades no território brasileiro e todo o processo de midiaticização em prol do agronegócio. Outra questão se refere ao processo de interação da classe política em busca de atender os seus interesses e os interesses dos grupos considerados aliados.

**Figura 5 - Evolução da bancada ruralista nas últimas 3 eleições**



Fonte: CASTILHO (2018), organização: MARINHO, Jaison R. (2018).

O crescimento da bancada ruralista tem colocado em xeque a existência de diversas comunidades tradicionais que lutam para conseguir continuar em seus territórios, ao passo que tem favorecido o desenvolvimento do grande capital.

Um dos interesses diretos da bancada é enfraquecer a defesa, pelo Estado, dos territórios indígenas, quilombolas e das Unidades de Conservação, diante da demanda de expansão do agronegócio. O setor precisa cada vez mais ampliar seu território para manter as margens de lucro. Ao mesmo tempo em que querem permitir a venda de terras para estrangeiros, alguns parlamentares já estiveram envolvidos com exploração de trabalho escravo e outras violações de direitos. No que se refere à relação com o Estado, acostumaram-se a regularizar as pendências anteriores, da anistia dos crimes ambientais ao perdão sistemático de dívidas dos produtores rurais (CASTILHO, 2018, p. 1).

Portanto, a força da elite pecuarista, da elite ruralista e de tantas outras denominações que se poderia dar, se pauta nas tramas que esses políticos vêm colocando em prática há muito tempo, mas, que agora ganha mais destaque exatamente pelos conchavos entre os diversos

poderes do Estado brasileiro, “dominando o Legislativo, pressionando o Executivo e influenciando o Judiciário, o setor vem se configurando como principal força no retrocesso de legislações socioambientais e defesa dos direitos” (CASTILHO, 2018, p.1).

#### **2.4 – Araguaína: a capital do boi gordo e a influência do marketing**

A influência do discurso sobre a pecuária em Araguaína é tão forte que a partir da década de 1980 a mesma passou a ser conhecida como a “capital do boi gordo” (BARROS, 2014). A partir de então esse título tem lhe rendido bastante prestígio e, evidentemente, é defendido pela categoria de pecuaristas que faz uso do mesmo como um importante ponto a seu favor. Desse modo, a cidade tem criado uma rede de influência ao seu redor, proveniente de um comércio segmentado para atender as atividades da pecuária e outras mais do agronegócio.

A trajetória de Araguaína como capital do boi gordo se consolida pelo efetivo bovino que o município possui, figurando entre os maiores do estado do Tocantins (conforme tabela 01). Outro fator extremamente relevante para isso, diz respeito à proximidade do município com o sul do estado do Pará, uma área de grande criação de gado para a pecuária de corte, favorecendo assim a atividade na região e colocado o município em evidência pela sua localização e infraestrutura relevante.

Em virtude desse título o município passou a receber investimentos importantes em consonância com o desenvolvimento da pecuária de corte. O título de capital do boi gordo se deve à implantação de frigoríficos que recebem diariamente grande quantidade de gado pronto para o abate advindo de várias localidades no entorno do município. Desta forma, a circulação de gado pronto para o abate nos frigoríficos da cidade é bastante expressiva, fato que a torna reconhecida como capital do boi gordo.

Nessa perspectiva, nos últimos anos o agronegócio tem investido muito em marketing, fato que tem chamado a atenção de muitos brasileiros, especialmente pelo foco nos números e o seu engrandecimento econômico, se apresentando como o setor mais importante para a economia do país.

Convém mencionar alguns argumentos usados pelos partidários do agronegócio. Por exemplo, é recorrente a defesa de sua participação expressiva na composição do Produto Interno Bruto (PIB) via *commodities* agrícolas (grãos, carnes, celulose, cana-de-açúcar e outros produtos) como carro-chefe da pauta de exportação nacional nos últimos anos. Nesse ciclo, a geração de saldos comerciais externos é revestida em balança comercial favorável, contribuindo significativamente para elevar o superávit primário. Eis um argumento político-ideológico central propagado pelos agronegociantes para solidificar o apoio do Estado e

consolidar esse modelo de desenvolvimento. Os meios de comunicação de massa, sobretudo, jornais de grande circulação, tratam de “informar” a sociedade sobre os benefícios trazidos pelo setor à economia nacional e ao país: recordes de produtividade e de cifras alcançadas em comercialização: mas se esquecem de mencionar o custo socioambiental elevado da reprodução desse sistema econômico-produtivo ao país e o destino da riqueza produzida (RIBEIRO, 2009, p. 76 e 77).

Uma das explicações para todo o marketing que o agronegócio tem recebido nesses últimos anos se deve à ligação de seus empresários com os representantes do Estado e também a proximidade dos mesmos com as grandes emissoras de TV devido ao grande poder de manipulação que as mesmas possuem.

As grandes empresas de rádio e televisão são detentoras de concessões públicas para a exploração da **comunicação** utilizando-se do espectro de radiofrequências – elevado à categoria de bem público (lei 9.472/97). Elas recebem uma delegação do Estado para atender a finalidades e interesses públicos por meio da exploração de tais serviços (artigo 21, da CF/88). Portanto, as regulamentações que organizam suas atividades, trazem, dentre suas obrigações, **deveres** para com a **sociedade** (GUIMARÃES, 2018, p. 1, grifos do autor).

Porém, já há muitos anos o agronegócio vem se promovendo a partir dos grandes anúncios exibidos na TV, demonstrando a força de sua atividade e, em consequência disso, a força do produtor, bem como, a sua ascensão econômica e o resultado disso para a economia do país. O homem do campo que aparece nesses comerciais tem uma grande facilidade de acesso ao crédito junto às instituições financeiras, possui a melhor caminhonete do momento, sua produção, seja ela qual for, é mais tecnológica e o mesmo está constantemente se aperfeiçoando diante das modernidades que vão surgindo com a evolução contínua da ciência.

Para a mídia, o agronegócio tem uma pujança produtiva bastante elevada e representa o alimento do dia a dia do brasileiro. No passado, o homem do campo não representava nenhum *status* importante, na maioria das vezes era visto como sinal de atraso, e isso valia tanto para os trabalhadores como para os proprietários rurais. No entanto, devido ao investimento do grande capital, o proprietário rural passou a ter uma maior representatividade e, atualmente, se configura como um importante agente de transformação social e econômica.

Nesse sentido, o grande capital tem se interessado em divulgar as atividades do agronegócio a um público cada vez maior, para isso utiliza os recursos mais aprimorados da atualidade, como, por exemplo, a mídia de maior alcance como o caso da televisão, numa forma de apresentar o lado positivo de suas atividades, demonstrado dessa forma a importância das mesmas para o crescimento econômico do país e sua segurança alimentar, bem como, no sentido de conseguir a propriedade de mais espaços para o aumento da produtividade.

Sobre o grande foco dado ao agronegócio pela mídia, a figura 6 traz a demonstração de uma das maiores campanhas publicitárias a favor do agronegócio exibida em TV aberta pela emissora Rede Globo, conhecida pelo seu poder de manipulação. A campanha intitulada “agro é tudo” mostra a importância do agronegócio para a economia brasileira.

**Figura 6 - Campanha publicitária a favor do agronegócio - Rede Globo**



Fonte: PETER (2017), organização: MARINHO, Jaison R. (2018).

Dessa forma, as emissoras que estão vinculando as campanhas publicitárias em favor do agronegócio, certamente não fazem de “graça” e são movidas por um grande interesse. Não se pode negar o crescimento desse setor, especialmente devido aos incentivos concedidos para isso, e também aos investimentos internacionais por parte de grandes empresas alimentícias que têm visto o potencial de produção que o país possui, especialmente pela sua grande extensão territorial e na riqueza hídrica.

Pode-se dizer que as campanhas massivas e nacionais intituladas “Agro é Tudo”, apoiadas pela Ford e Seara (pertencente ao grupo JBS) na Rede Globo, e a “Nosso Agro”, veiculada na Rede Bandeirantes, são parte desse rol de **publicidade ruim**. Essas campanhas caríssimas e massivas são um exemplo de tentativa de **manipulação** da opinião pública em prol de um setor que, em tempos de crise, posiciona-se arrogantemente como “salvador da pátria” (GUIMARÃES, 2018, p. 1, grifos do autor).

Cabe ressaltar ainda, que todas as mídias divulgadas relacionadas ao agronegócio só mencionam o grande potencial econômico do mesmo para o país, nenhuma notícia os problemas ambientais e sociais que estão por trás do avanço voraz do agronegócio é veiculada, especialmente, o enriquecimento de um pequeno grupo em detrimento da exploração de uma grande maioria e, conseqüentemente do meio ambiente. Desta forma, faz-

se necessário mencionar que o marketing comprado pelos empresários do agronegócio tem grande apoio do Estado e ganha bastante fôlego nos dias atuais.

No caso específico do município de Araguaína, o marketing de capital do boi gordo também se deve à articulação dos atores que compõem a elite pecuarista e sua influência junto ao Estado, dando foco à territorialidade e ao poder exercido pelo desenvolvimento da atividade da pecuária no município e fazendo a ligação de tudo isso à forma tradicional e cultural vivenciada no município.

## **2.5 – Reconhecimento do agronegócio em Araguaína e sua representação**

O processo de reconhecimento do agronegócio e sua representação em Araguaína se fundamenta especialmente através do fluxo de desenvolvimento da pecuária de corte, bem como aos arranjos empreendidos ao longo do tempo pelos atores na busca de estabelecer a territorialidade dessa atividade. Neste aspecto, a pecuária representa uma atividade extremamente importante para a consolidação e representação do agronegócio no município, sobretudo, no rol das diversas atividades compreendidas nesse segmento.

Nesse intuito, cada ator inicialmente tem buscado maneiras necessárias para o desenvolvimento de seus feitos e, a partir disso, fazer as representações possíveis para aumentar seu espaço de influência na conquista do território.

Não se trata, pois do ‘espaço’, mas de um espaço construído pelo ator, que comunica suas intenções e a realidade material por intermédio de um sistema sêmico. Portanto, o espaço representado não é mais o espaço, mas a imagem do espaço, ou melhor, do território visto e/ou vivido. É, em suma, o espaço que se tornou o território de um ator, desde que tomado numa relação social de comunicação (RAFFESTIN, 1993, p. 147, grifo do autor).

Nessa perspectiva, pode-se colocar a importância dos arranjos, dentre eles, o elo com os representantes do Estado e a sustentação da importância da pecuária através do discurso. Tais arranjos foram se solidificando para o desenvolvimento dessa atividade no município e criando assim condições favoráveis para os atores da pecuária estabelecerem no território essa dinamização e todo o processo de se atribuir significados ao espaço visto e/ou vivido.

A representação a partir dos laços estabelecidos pelos atores da pecuária em consonância com o respaldo do Estado para o desenvolvimento dessa prática possibilita uma estruturação mais sólida como reconhecimento do agronegócio, ao mesmo tempo em que efetiva essa prática como uma importante atividade no município. Isso se mostra exatamente pelo número de atores que desenvolvem a pecuária e, ao mesmo tempo possui uma ligação



muito estreita com os administradores do Estado, possibilitando um favorecimento de suas práticas.

Cabe destacar ainda, que o processo de representação do agronegócio e, sobretudo, a evolução da pecuária se traduz a partir das energias empregadas por seus atores no intuito de fortalecer essa função, haja vista que na atualidade, especialmente pelo grande marketing que o agronegócio tem recebido, essa atividade tem figurado como importante para alavancar o crescimento das exportações do setor, contribuindo assim para o desenvolvimento econômico do país.

Esse tem sido o discurso defendido pelos pecuaristas e que, de certa maneira, tem encontrado um importante respaldo para a consolidação da representação do agronegócio da pecuária de corte na região. Por essa razão, os atores que desenvolvem essa atividade têm empenhado suas energias na busca de maior reconhecimento e assim aumentar também sua representação no campo do agronegócio. Assim, Raffestin (1993) destaca que, “[...] o espaço só existe em função dos objetivos intencionais do ator” (RAFFESTIN, 1993, p. 147), ou seja, os atores da pecuária, através de suas intenções, estão em busca de maior representação para suas atividades.

Nesse contexto, as práticas desenvolvidas pelos atores da pecuária bovina em Araguaína apresentam alguns questionamentos relacionados ao seu reconhecimento, no entanto, os mesmos são tidos como favoráveis e mobilizam cada vez mais a representação da atividade no município. Certamente, ao longo dos anos os atores da pecuária têm demonstrado com bastante foco a significação dessa atividade para o desenvolvimento econômico da cidade, e através disso, estabelece o convencimento do público pela importância econômica da mesma.

A partir disso, o desenvolvimento do agronegócio no município de Araguaína através da pecuária é visto como uma forma de progresso, especialmente pelo destaque da geração de emprego e renda para o município. Outra questão importante se refere à gama de serviços que o município tem prestado para os produtores rurais, com grande destaque para o fazendeiro.

Nesta lógica, a atividade da pecuária é bastante presente no município e tem ao longo dos anos se consolidado como importante, atraindo assim algumas empresas e agroindústrias do segmento agropecuário. Com isso, se reforça o grande destaque concedido à pecuária no município, exatamente pela implantação das agroindústrias que têm como principal objetivo a transformação dos produtos primários em subprodutos, o que demanda mais mão de obra, isso, conseqüentemente é visto como um fator importante para a economia local.

Neste contexto, o forte do agronegócio em Araguaína, por assim dizer, se respalda na pecuária, que nos últimos anos tem aumentado sua produção mesmo com a redução do efetivo bovino. Uma explicação para isso se dá a partir da implantação das agroindústrias que têm a capacidade de atrair matéria-prima e também devido ao processo de intensificação da atividade da pecuária nas regiões vizinhas ao município.

A estrutura estabelecida pelas atividades da pecuária nos últimos anos tem atribuído forte respaldo à sua consolidação e cristalização a partir do viés da representação. Isso ocorre devido às articulações dos atores no espaço em busca de processos que lhe assegurem as vantagens necessárias para garantir os resultados importantes para sua categoria.

Entretanto, nota-se que, se nos situarmos no ‘ponto de vista’ do ator A, a expressão ‘o espaço é um lugar ou um campo de possibilidades’ atinge todo o seu valor. De fato, a partir dessa representação original, o ator pode decidir ‘construir’ vários tipos de tessituras e articular todos os pontos, ou somente alguns, em redes. Pode decidir ligar certos pontos, assegurando entre eles a continuidade por meio de um sistema de junções ou, ao contrário, impedir que certos pontos sejam ligados entre si, imaginando um sistema de disjunções. (RAFFESTIN, 1993, p. 148, grifos do autor).

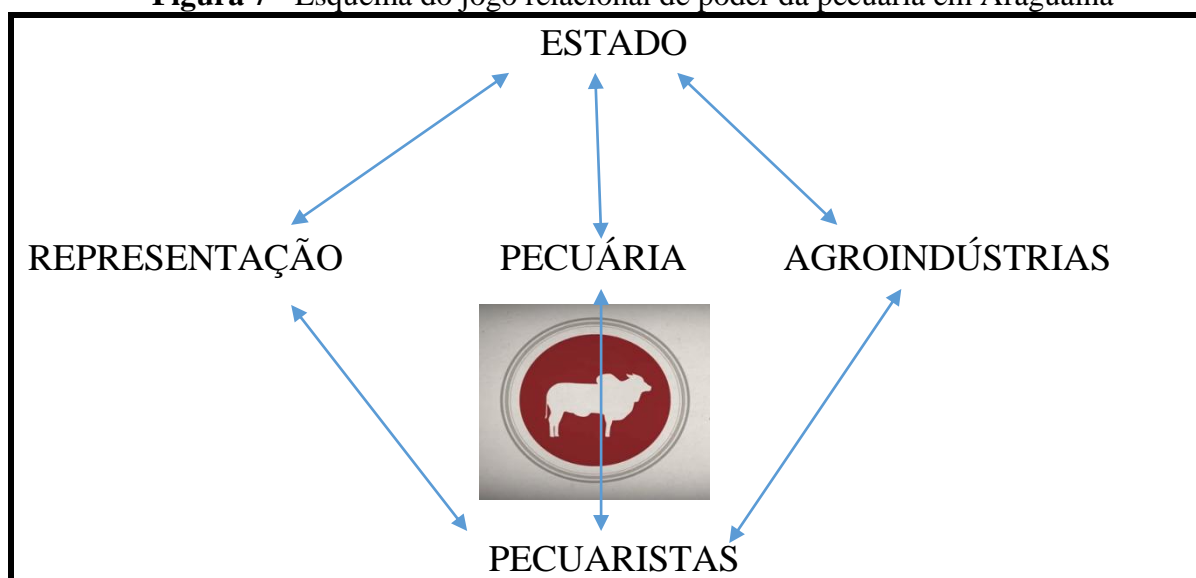
Nota-se, portanto, que com o desenvolvimento das atividades da pecuária no município criou-se uma estruturação que se respalda nas ações que seus atores realizam em favor da mesma. Tais atores têm a decisão de estabelecer o que seja mais favorável para os seus interesses e, a partir disso, usar as tessituras, ou seja, as ligações em rede para garantir melhores resultados a partir das “junções” e impedir os entraves que possam surgir para o impedimento do desenvolvimento, as chamadas “disjunções”.

Assim, é possível verificar uma organização desses pecuaristas a partir de sua representação sindical no sentido de pôr em prática uma série de ações que lhes traga benefícios e conseqüentemente possa lhes assegurar maior representação na ocupação do território, pois, conforme menciona Raffestin (1993, p. 150): “É interessante destacar a esse respeito que nenhuma sociedade, por mais elementar que seja, escapa à necessidade de organizar o campo operatório de sua ação”. Dessa forma, o sindicato de forma organizada tem primado pelos interesses de seus filiados, mesmo em muitos casos sendo contrários a outros setores da economia e também àquilo que o Estado defende.

A figura 7 demonstra relação estabelecida pelos atores da pecuária no município de Araguaína. Em seu jogo relacional de poder fica evidente o processo de interação entre os pecuaristas através de suas ações com objetivo de garantir a territorialização de suas práticas por meio da representatividade da pecuária no município.

A mesma figura (7) ainda expõe a ligação entre os campos e a pecuária, onde a mesma se destaca como um ponto central da representação atribuída pelos atores com objetivos claros de respaldar a energia empregada para a consolidação dessa atividade. Tal atividade, a partir de seu processo de desenvolvimento, agrega uma série de elementos importantes para seu progresso, especialmente com as agroindústrias, neste sentido tem o Estado como um elemento de grande força de poder e de um significado preciso para manter as engrenagens dessa prática sempre ativas, tendo o controle ou defesa do território, de mercados em níveis diferenciados, de recursos naturais como água e solo, além da questão política e econômica.

**Figura 7** - Esquema do jogo relacional de poder da pecuária em Araguaína



Organizado pelo autor (out/2018), organização: MARINHO, Jaison R. (2018).

Nessa lógica, a pecuária figura como uma atividade com grande potencial para o desenvolvimento econômico do município devido ao seu poder de fornecer umas das matérias-primas onde tudo se aproveita, ou seja, o boi. Neste sentido, a atividade se configura como uma “[...] atividade econômica em constante crescimento, e que se mantém praticamente imune a todo tipo de crise” (GANCHO E TOLEDO, 1990, p.10).

Isso demonstra o porquê de a pecuária bovina ter sido tão fomentada enquanto atividade de destaque no município de Araguaína, especialmente pelo seu contexto de desenvolvimento que quando comparada a outras atividades apresenta melhor rentabilidade, sobretudo no que diz respeito aos investimentos iniciais que qualquer atividade necessita, outra questão importante diz respeito ao aproveitamento do boi.

Do boi ou da vaca tudo é aproveitado. Da ordenha de vacas, que pode ser mecânica ou manual, é tirado o leite, consumido ao natural ou transformado em queijos, manteiga, iogurtes, coalhadas, etc. Do boi abatido ou morto obtém-se carne fresca sob várias formas: do bife aos miúdos (bofe, bucho, rins, fígado, etc.). A carne bovina também é consumida seca (carne-de-sol,

charque). São aproveitados ainda: os chifres para a confecção de objetos ornamentais, os ossos para se fazer ração, o couro para a fabricação de vários objetos (calçados e móveis), o sebo para sabão, a urina e as fezes como adubo (GANCHO E TOLEDO, 1990, p. 11).

O processo de estruturação do reconhecimento e representação do agronegócio da pecuária bovina no município passa a apresentar uma ligação bem sugestiva com o papel desenvolvido pelas agroindústrias, pois as mesmas acabam por complementar a importância da pecuária para o município, uma vez que tal atividade se estabelece como motor principal para o surgimento dessas agroindústrias e o fortalecimento da economia. É essencial destacar que, de acordo com aquilo que Raffestin (1993) sugere quando aborda o processo de representação de um espaço para o ator, essa representação não finaliza o miolo desse espaço, pois, a mesma traz toda uma significação dos interesses dos sujeitos em questão. A partir disso, há um gasto de energia por parte dos atores interessados pela questão que culmina na formação de uma rede, neste caso, a pecuária passa ser uma atividade integradora dessa ligação.

A esse respeito, a pecuária se estabelece como um elo, ora os atores estão buscando novas alternativas com o Estado em favorecimento de suas atividades, ora estão ligados a outros setores da economia com a intenção de conseguir mais lucro financeiro. Dessa forma, a representação da pecuária ganha cada vez mais destaque. Assim, é possível pensar o desenvolvimento da pecuária no município de Araguaína como uma articulação em rede, com o envolvimento de diversos atores, ligados diretamente e indiretamente na produção. As agroindústrias são bastante relevantes para estabelecer essa ligação em rede.

As agroindústrias são unidades empresariais onde ocorrem as etapas de beneficiamento, processamento e transformação de produtos agropecuários *in natura* até a embalagem, prontos para a comercialização. Em agronegócios existem dois grupos distintos de agroindústrias: agroindústrias não alimentares: como fibras, couros, calçados, óleos vegetais não comestíveis e outras; agroindústrias alimentares: voltados para a produção de alimentos (líquidos e sólidos), como sucos, polpas, extratos, lácteos, carnes e outros (ARAÚJO, 2005, p. 93).

Observa-se dessa forma, ocorre a organização do território a partir da solidificação da atividade da pecuária bovina no município, haja vista que a implantação dessas agroindústrias permite entender o processo de diversas ações dos atores na busca de atribuir importância as suas atividades. A pecuária se apresenta como atividade que mobiliza diversos atores e pode ser enquadrada dentro do sistema territorial apresentado por Raffestin (1993) que propõe a construção de redes a partir das ações dos sujeitos por parte de sua representação.

A partir de uma representação, os atores vão proceder à repartição das superfícies, à implantação de nós e à construção de redes. É o que se poderia

chamar de “essencial visível” das práticas espaciais, ainda que malhas, nós e redes não sejam sempre diretamente observáveis, pois podem pura e simplesmente estar ligados a decisões. Mesmo que não sejam discerníveis têm existência com a qual é preciso contar, pois intervêm nas estratégias (RAFFESTIN, 1993, p. 150).

Pensando assim, a questão da representatividade do agronegócio da pecuária bovina no município tem estabelecido uma rede que se liga entre os diversos atores no intuito de fortalecer a presença do boi como uma matéria-prima especial para atração de novas agroindústrias para a região, devido, especialmente, ao grande efetivo bovino que a microrregião de Araguaína apresenta. Ainda em relação à representatividade da pecuária bovina no município, é perceptível uma rede de relações entre as cidades que compõem a microrregião pelo potencial de prestação de serviços consolidada ao longo dos tempos, sendo referência para aqueles que necessitam adquirir os mais diversos produtos no segmento do agronegócio.

Desta maneira, Araguaína se estabelece como um município de médio porte com um aparato de destaque para o segmento do agronegócio e, em conjunto com os municípios vizinhos, vem ganhando destaque com a atividade da pecuária. Isso se deve à forma como a pecuária é tratada na região, especialmente devido aos incentivos oferecidos pelos governos estadual e municipal que abraçam a atividade favorecendo assim o seu maior desenvolvimento.

Neste jogo relacional, o município de Araguaína que se liga em rede com outros municípios de sua microrregião tem se tornando referência e detentor dos maiores “benefícios” que a pecuária bovina apresenta. Isso se explica, conforme menciona Raffestin (1993), de acordo com as decisões que são tomadas pelos atores numa busca de estabelecer o que seja mais importante para os seus interesses.

No caso do município de Araguaína, o mesmo possui uma estrutura mais consolidada se comparado aos demais municípios, além de contar com as principais agências reguladoras dos governos estadual e federal, bem como, com um comércio bem estruturado e especializado para o segmento rural. Neste sentido, o município de Araguaína tem se projetado em linhas gerais, a partir do desenvolvimento da atividade da pecuária e das relações de poder provenientes de sua prática.

A partir daí, é possível verificar o grau de articulação dos atores da pecuária de corte no que diz respeito à comercialização desse gado na microrregião de Araguaína, pois, o município conta com o aparato de grandes frigoríficos que têm uma demanda muito grande

por essa matéria-prima e uma elevada movimentação, destacando assim o crescimento da pecuária de corte no município de Araguaína.

Ressalta-se ainda, conforme a tabela 3, o grande efetivo bovino da microrregião de Araguaína que coloca a mesma com uma grande representatividade na pecuária bovina. Conforme a tabela 3 percebe-se a soma do efetivo bovino da região e como a mesma tem sido importante para atrair diversas agroindústrias voltadas para esse segmento.

Para fins de análise, é importante destacar a hegemonia de Araguaína em relação aos demais que compõem a sua microrregião, tanto no que se refere ao seu efetivo bovino, 237.591 cabeças de gado, quanto ao elevado número de habitantes, 175.960. Com relação a sua população, o município sozinho apresenta maior quantidade de habitantes que de todas as demais cidades de seu entorno.

**Tabela 3 - Efetivo bovino X população da microrregião de Araguaína – 2017**

| <b>MUNICÍPIOS</b>         | <b>EFETIVO BOVINO (2017)</b> | <b>POPULAÇÃO ESTIMADA (2017)</b> |
|---------------------------|------------------------------|----------------------------------|
| Aragominas                | 90.216                       | 5.865                            |
| Araguaína                 | 237.591                      | 175.960                          |
| Araguanã                  | 74.135                       | 5.645                            |
| Arapoema                  | 132.778                      | 6.756                            |
| Babaçulândia              | 52.420                       | 10.752                           |
| Bandeirantes do Tocantins | 151.306                      | 3.500                            |
| Carmolândia               | 36.094                       | 2.555                            |
| Colinas do Tocantins      | 117.721                      | 34.839                           |
| Filadélfia                | 100.399                      | 8.893                            |
| Muricilândia              | 62.128                       | 3.409                            |
| Nova Olinda               | 82.839                       | 11.715                           |
| Palmeirante               | 61.900                       | 5.859                            |
| Pau D' Arco               | 96.199                       | 4.853                            |
| Piraquê                   | 94.564                       | 3.044                            |
| Santa Fé                  | 120.373                      | 7.402                            |
| Wanderlândia              | 29.321                       | 11.677                           |
| Xambioá                   | 99.126                       | 11.683                           |
| <b>TOTAL</b>              | <b>1.639.110</b>             | <b>314.407</b>                   |

Fonte: IBGE (2017), organizado pelo autor (out/2018)




Conforme a tabela 3 percebe-se o elevado efetivo bovino da região, cinco vezes superior ao número da população, dividindo esse número de bovinos, cada habitante dessa microrregião teria direito a 5,2 cabeças de gado. Ainda conforme a tabela 3 é notável que a representação da pecuária enquanto atividade bastante presente em todos os municípios da microrregião de Araguaína, faz com que esta seja uma área de forte influência para atrair as agroindústrias voltadas para o segmento da pecuária bovina. Dessa forma, a mesma tem uma

forte representação nesse espaço e faz com que sua territorialização seja bastante efetiva através das ações dos diversos atores que atuam neste campo.

Dentro dessa estruturação e grande representatividade da pecuária na microrregião de Araguaína, é importante perceber a instalação de algumas agroindústrias que trabalham especialmente com a matéria-prima oriunda do boi, destacando a importância do mesmo para o fortalecimento da economia dos diversos municípios que compõem a microrregião. A exemplo disso, a figura 8 traz uma ideia do que seja a ligação dessas agroindústrias com a pecuária e como a mesma consegue dentro dessa rede de articulação ser importante para o surgimento dessas das mesmas enaltecendo o discurso de progresso e crescimento econômico respaldado pelo surgimento de postos de trabalhos ofertados por essas agroindústrias.

O quadro 4 destaca o processo de ligação em rede através da pecuária. O boi se configura como uma matéria importante, logo depois do seu abate nos frigoríficos as demais partes que não são processadas nos mesmos vão para outras agroindústrias que se encarregam de agregar valor às mesmas, evidenciando assim a importância do boi como um todo, dentro do mercado interno e externo.

**Quadro 4** - Exemplo de algumas agroindústrias instaladas na microrregião de Araguaína

| <b>Agroindústria</b>  | <b>Município</b>  | <b>Atividade exercida</b>                           |
|---|-------------------|---|
|  | Araguaína – TO    | Agroindústria de fabricação de nutrição animal.     |
|  | Wanderlândia – TO | Agroindústria curtidora de couros.                  |
|  | Araguaína – TO    | Agroindústria de fabricação de gelatina e colágeno. |

Fonte: Organizado pelo autor (out/2018).

Isso em grande parte está associado ao grande efetivo bovino que essa região possui (conforme a tabela 3), bem como com as ações que os atores da pecuária têm desenvolvido no intuito conseguir junto ao Estado atrair mais agroindústrias e, conseqüentemente, fortalecer a rede de articulação da pecuária. Neste sentido, a figura do boi passa a atrair um grande aparato de serviços para o seu exitoso aproveitamento.

Com a implantação dessas agroindústrias ocorre a ligação do setor da pecuária com outros setores da economia de forma a estreitar as relações e desenhar uma rede que é fortalecida, sobretudo, a partir da comercialização do boi para o abate com diversas formas de

aproveitamento. Neste sentido é que os defensores do agronegócio, especialmente da pecuária de corte no município, defendem, através do discurso, a importância dessa atividade para a economia local e, assim, favorecem o processo de representatividade da pecuária na região.

As atividades desenvolvidas por essas agroindústrias têm um papel imprescindível para o desenvolvimento do agronegócio e em consequência disso, para os que estão diretamente ligados às atividades da pecuária no município. Quanto mais intensas forem as atividades das agroindústrias, mais incentivos as mesmas terão. Neste contexto, a implantação dessas agroindústrias segue toda uma série de questões que vão desde a escolha do seu segmento, alimentícia ou não, até a parte burocrática de instalação de equipamentos e de emissão de documentação para o funcionamento das mesmas, conforme demonstra a figura 8.

**Figura 8** - Passo a passo para criação e implantação de agroindústrias



Fonte: Araújo (2005), organização: MARINHO, Jaison R. (2018).

Pensar no processo de desenvolvimento do agronegócio no município de Araguaína através da atividade da pecuária é perceber as tramas que são executadas pelos seus atores, bem como perceber o processo de articulação na ocupação do território a partir do desenvolvimento da atividade da pecuária. Nos últimos anos, o Estado tem sido o grande fomentador das políticas voltadas para o crescimento do agronegócio, conseqüentemente, o município de Araguaína se apresenta como um grande polo da pecuária e tem atraído algumas empresas do segmento do agronegócio como, por exemplo, algumas agroindústrias.



Cabe, portanto, destacar o grau de representação atribuído à pecuária a partir das ações dos pecuaristas, bem como, a articulação dos mesmos com o Estado no sentido de ter suas reivindicações atendidas. Dessa forma, a mesma avança como atividade econômica e ganha mais espaço pela sua rede de articulação com os outros setores da economia, propiciando a instalação de novas empresas voltadas para o segmento agrário.

Assim, a territorialidade do agronegócio da pecuária de corte tem movimentado o município e estreitado as relações de poder entre os empresários da pecuária e o Estado, isso pode ser destacado a partir da proximidade desses atores que têm defendido em discurso a importância desse setor para a economia local. Muito embora, em alguns casos a elite pecuarista não seja o tempo todo coesa, tem-se buscado a união para continuar com maior grau de poder e influência junto ao Estado e assim conseguir ter suas solicitações atendidas.

Diante disso, os atores da pecuária no município têm se respaldado no “grande momento” pelo qual o agronegócio tem passado, especialmente, pela forte midiatização que o mesmo vem recebendo e que fortalece suas ações, o próprio marketing de capital do boi gordo traz todo um empoderamento ao município como sendo um grande produtor de carnes bovinas, e aponta a relevância de que o “agro é pop”, de que o mesmo tem carregado a economia, no entanto, existem várias controvérsias a isso, especialmente no que toca o sustento do meio ambiente e a ocupação do território.

Segundo Freitas (2015), o território é lugar das manifestações das políticas públicas implementadas pelo Estado. Trata-se, pois, de conceber o território como um lugar onde se materializam as relações de poder sendo o Estado responsável imediato por fazer com que as políticas públicas possam ser executadas com a inclusão de todos, do pequeno ao grande produtor rural.

Portanto, quando se fala do agronegócio da pecuária de corte no município de Araguaína é preciso perceber a grande relação dessa atividade com as políticas públicas criadas no passado e que vêm sendo sustentadas até o momento atual, especialmente, pelo esforço contínuo dos atores que representam essa atividade e também devido à ligação dos mesmos com os dirigentes do Estado. No entanto, uma coisa faz-se necessária: que o Estado fomenta o desenvolvimento das atividades do agronegócio, mas, seja responsável também pela questão ambiental em relação aos usos do território.

### **3 – PECUÁRIA DE CORTE: SÍMBOLO DE PODER EM ARAGUAÍNA**

Ao longo dos últimos anos a pecuária foi se consolidando no município de Araguaína como uma importante atividade. Analisando o processo de seu desenvolvimento é possível perceber que a mesma passa a se incorporar no município como uma atividade de poder, exatamente, pelo viés que os pecuaristas foram lhe atribuindo ao longo desse tempo, um poder simbólico através da figura do boi que tem movimentado o município e a microrregião à sua volta por conta do grande efetivo bovino apresentado.

Nessa lógica, o poder da pecuária em Araguaína se sustenta exatamente pela força da atividade enquanto seu potencial agregador e pela ordem de discurso proferido pelos seus dirigentes no sentido de enaltecer a atividade como uma das principais fontes de renda para a economia local. Com base nisso, cabe pensar, conforme apresenta Foucault (1996), nas questões que controlam os discursos proferidos em determinada localidade e por um determinado grupo na busca de se apoderar de algo material e imaterial através de suas lutas.

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si (FOUCAULT, 1996, p. 49).

Neste sentido, o discurso proferido pelos protagonistas da atividade da pecuária tem o intuito de trazer legitimação para o desenvolvimento da prática dessa atividade para o município e mais ainda, volta-se para o favorecimento do “jogo” que traduz as lutas e também como essas lutas acontecem favorecendo assim alguns grupos organizados sob essa ordem de discurso para alcançar seus feitos através das práticas materializadas pelos mesmos. A partir

do fortalecimento desse discurso por parte de seus protagonistas e com grande destaque dado pela mídia, tem-se fortalecido o poder da pecuária na microrregião de maneira a conseguir o viés simbólico do poder. Por conseguinte, ao longo dos anos definiu-se um poder simbólico atribuído ao boi (elemento chave da pecuária) num campo estrutural onde se evidencia a figura dos que exercem esse poder e os que estão sujeitos a ele (BOURDIEU, 1989).

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a acção sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica, graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer, ignorado como arbitrário. Isto significa que o poder simbólico não reside nos <<sistemas simbólicos>> em forma de uma <<illocutionary force>> mas que se define numa relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a *crença*. O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras (BOURDIEU, 1989, p. 14 e 15).

Observa-se, como o município de Araguaína foi ganhando destaque na pecuária recebendo, partir da década de 1980, o título de capital do boi gordo, que vem sendo defendido através dos discursos proferidos com o objetivo de favorecer a atividade da pecuária no município. Desta forma, há em certa medida o poder simbólico se constituído a partir da presença da pecuária e numa relação entre fazendeiros e peões, bem como, entre aqueles que se influenciam pela pecuária no sentido de assumirem o discurso da importância da mesma para o desenvolvimento econômico e cultural do município.

Nesta perspectiva, neste capítulo faz-se uma abordagem com relação ao poder da pecuária em Araguaína a partir de sua trajetória, a questão cultural como eixo agregador, evidenciando a EXPOARA e a cavalgada como elemento mais notável desse poder simbólico da pecuária e, ainda, percebendo as articulações que foram se estabelecendo a partir da movimentação do boi, a influência dessa atividade no município, o poder dos pecuaristas, bem como o cenário atual da pecuária em Araguaína e alguns dos seus desafios.

### **3.1 – Expansão e trajetória da pecuária em Araguaína**

O processo de expansão e trajetória da pecuária em Araguaína assemelha-se com o avanço da pecuária em todo o país, mas em certa medida apresenta algumas particularidades especiais exatamente pelo fato do município ter sido considerado como uma importante rota de entrada para a Amazônia brasileira e, assim, ter recebido um número bastante expressivo

de migrantes vindos de diversas partes do país, com a promessa de encontrarem grandes áreas “desabitadas” prontas para serem ocupadas pelas diversas atividades. Neste momento, a pecuária já se apresentava como uma atividade bem sugestiva para tal feito.

Dessa forma, a atividade na região Norte do país, na qual o município de Araguaína se integra, é bem mais antiga, remetendo ao século XVII. “A criação de gado na Amazônia brasileira começou no século XVII, nos primórdios da colonização portuguesa quando navegantes trouxeram os primeiros animais [...]”. (VEIGA, et al., 2004, p. 16). Como ponto de partida, o elevado número de migrantes propiciou à região uma grande diversidade em vários aspectos, bem como o desenvolvimento de algumas atividades já desempenhadas em outras regiões brasileiras, como é o caso da pecuária. Desta forma, a região acabou sendo uma área bastante propícia para o desenvolvimento da pecuária devido ao desmatamento que a mesma sofrera no processo de ocupação territorial registrando. Assim, como consequência, houve a implantação de áreas de pastagens que foram ocupando as áreas desmatadas provenientes de outras atividades, tal como, a exploração a todo custo da madeira.

Entretanto, poder-se-ia pensar que a grande diversidade encontrada na Amazônia, em vários aspectos, se traduziria numa grande diversidade de uso da terra. A grande diversidade climática, cultural, social, econômica, política e outras deveria favorecer o uso de sistemas agropecuários bastantes diferenciados. Portanto, nota-se a predominância de pastagem ocupando mais de 80% da área desmatada. Ou seja, no início do século XXI, 10% da Amazônia está coberta por pastagem. (VEIGA, et al., 2004, p. 16).

Neste sentido, isso demonstra a força dessa atividade na região amazônica e como a mesma vem ganhando destaque até os dias atuais. Nesta perspectiva, a pecuária se apresenta como uma fomentadora do surgimento de diversas fazendas na região e, no caso do município de Araguaína, houve grande ocupação de suas áreas territoriais para a formação de pastagens destinadas à criação do gado de corte. Desde então, essas fazendas de gado têm uma ligação com as fazendas de cana-de-açúcar do período do Brasil colônia, especialmente, por promoverem a grande concentração de terras.

Comparando-se a fazenda de cana-de-açúcar e a fazenda de gado, no período colonial, constata-se como ponto comum o latifúndio – a grande propriedade de terra -, ainda que a extensão territorial da fazenda de gado supere a de cana. As fazendas pecuaristas eram separadas umas das outras por uma faixa de terra pertencente ao Estado (Coroa portuguesa). Muitas vezes, essas faixas de terra ainda desocupadas podiam ser requeridas, isto é, solicitadas às autoridades; caso fossem doadas, poderiam ser registradas pelos interessados. Os limites para estabelecer o tamanho da propriedade eram geralmente as marcas deixadas pelo gado. Ou seja, a propriedade ia até onde o gado deixasse marcas. Daí podemos notar a extensão do latifúndio nas fazendas de gado do sertão. (GANCHO E TOLEDO, 1990, p. 17).

Ressalta-se, que o município de Araguaína foi emancipado politicamente somente a partir do final da década de 1950, no entanto, essa região aonde se localiza o município já era uma área de disputas de interesses, especialmente pelos grandes latifundiários que se instalaram no local, aumentando o processo de disputa pelo território. Acresce-se a isso o processo de criação do estado do Tocantins, que apresentou um forte grupo aspirante ao poder que manifestava no sangue a vocação pela atividade. Amaral (1988) destaca que a UDR, através de seus representantes, já colocava o mais novo estado como um território propício às atividades da pecuária ligada aos políticos. Nesse sentido, o então presidente da Federação da Agricultura de Goiás (Faeg), Aroldo Rastoldo, declara: “Somos um Estado de vocação agropecuária e aqui só vai se eleger quem estiver identificado conosco” (AMARAL, 1988, p. 5).

A partir da década de 1980, houve um crescimento considerável da atividade da pecuária na região onde se localiza o município, desde então, o município passou a ser cotado como uma forte área de influência para a pecuária e conseqüentemente para o processo de expansão da pecuária de corte, especialmente por ter uma liderança política ligada a tal atividade. Em consequência, os vastos territórios da região Norte do país onde se localiza o município já estavam de certa forma sendo cotados para o desenvolvimento de atividades primárias da economia, a pecuária foi bastante fomentada enquanto atividade primária neste momento.

Desta forma, a pecuária enquanto atividade provocou e vem provocando grandes transformações no espaço geográfico no viés econômico, físico e social, pois a mesma apresenta um rol muito extenso em seu processo de execução, em diferentes estágios, desde a cria até o momento do abate do gado. Isso possibilita pensar no processo de transformação da pecuária e sua finalidade. No caso do município de Araguaína, a pecuária de corte vai se tornar uma importante atividade econômica.

Dentre os fatores que fomentaram a expansão da atividade da pecuária de corte no município de Araguaína pode-se destacar as ações realizadas pelos atores políticos que se estabeleceram na região, tal como a defesa dessa atividade como forma de movimentar a economia local e atrair investimentos. Nessa perspectiva, a pecuária de corte se tornava importante, exatamente pela necessidade da implantação de novos frigoríficos responsáveis pelo abatimento do rebanho em franca expansão, bem como, as agroindústrias que iriam beneficiar as outras partes do gado. Assim, o processo de expansão da pecuária de corte se estabelecera, em grande parte pela implantação dos frigoríficos que passaram a fortalecer a economia com a geração de novas vagas de trabalho, ao passo que também se articulava ao

processo de obtenção de lucros pelos pecuaristas com o uso da matéria-prima do boi para o vasto ramo da indústria.

Neste aspecto, é pertinente destacar o processo de articulação dos pioneiros da pecuária e a sua força no sentido de fomentar essa atividade no município e, em certa medida, na microrregião em seu entorno,

De forma geral, a microrregião de Araguaína tem na pecuária o elemento fundamental de sua produção socioeconômica, relacionada, sobretudo, à ocupação dessa região por meio ao estímulo à agropecuária e ao povoamento das margens dos rios Tocantins e Araguaia e que posteriormente foi dinamizado com o avanço da fronteira econômica induzido pela implantação da rodovia BR-153 e de vias transversais. (GUEDES E BRITO, 2014, p. 102).

Em grande parte, os primeiros pecuaristas do município de Araguaína e, em consequência, os da microrregião da qual o mesmo faz parte tiveram uma grande influência das políticas implementadas pelo Estado para o fortalecimento da pecuária. A partir de então, os pioneiros da pecuária passaram a desenvolver essa atividade com uma maior expectativa e numa visão de obtenção de lucro, uma vez que a mesma já se configurava naquele momento como uma atividade organizada e contava com a atuação de lideranças políticas em sua defesa.

Nessa perspectiva, as lideranças da microrregião de Araguaína já se articulavam em prol de promoverem o desenvolvimento dessa atividade, usando também sua influência de forma a lhes garantir vantagens. Isso evidencia, conforme menciona Amaral (1988), o poder de articulação dos ruralistas desde a criação do estado do Tocantins e o papel que cada um ocupava no cenário político daquele momento.

No entanto, essa questão das lideranças políticas estarem ligadas com a atividade da pecuária não ficou somente no passado, muitos políticos continuam sua atuação nesse campo promovendo ações visando garantir recursos necessários para a modernização de tal atividade. Dessa forma, conforme aborda Raffestin (1993), é importante conhecer bem o esquema de representação de um espaço para cada ator, neste sentido, como o mesmo aborda, esse espaço não se trata do “espaço” físico, mas de um espaço construído pelo ator que articula suas relações e dessa forma materializa suas ações no território.

Deste modo, cada ator tem desempenhado suas ações com vistas a garantir que sua representação possa lhe render algo satisfatório, isso passa pela conquista do território e o desempenho de suas atividades. Certamente, no caso da pecuária a conquista do território se deve ao processo de articulação desses atores visando o seu bem comum com possibilidade de agregar cada vez mais um maior espaço físico para a execução de suas práticas. De maneira

geral, a pecuária ganha maior destaque através da organização dos pecuaristas junto ao sindicato que defende seus interesses, nesse intuito, vai haver um constante movimento, evidenciando a questão dos sujeitos que praticam a pecuária de corte de forma mais tradicional e aqueles que a desenvolvem de forma mais moderna.

A pecuária tem se apresentado com diferentes opções e com respostas diversas para os pecuaristas. Isso pode ser demonstrado através do grau de investimentos de cada produtor e os resultados que os mesmos desejam alcançar com relação à pecuária. Neste sentido, os protagonistas da atividade buscam caminhos que lhes tragam resultados satisfatórios em seus negócios. Isso significa ir ao encontro de soluções e tecnologias que possam contribuir com os seus rendimentos, dessa forma, existem várias técnicas que não podem ficar de fora para o melhor resultado na pecuária de corte.

O quadro 5 traz a demonstração dos coeficientes técnicos especiais que demonstram o grau de envolvimento dos pecuaristas na hora de exercerem suas atividades da pecuária de corte com vistas a aumentar a produção e os lucros. Nesta questão, Araújo (2005, p. 56) destaca que: “Os coeficientes técnicos são números que medem e expressam a eficiência da condução de atividades econômicas de forma parcial ou total, de modo que possam compará-los e acompanhar a evolução dos empreendimentos”.

**Quadro 5 - Coeficientes técnicos na agropecuária**

|  |  |
|--|--|
| <b>Maximização dos lucros</b>                        | Elevação das receitas brutas e diminuição dos custos de produção.  |
| <b>Minimização dos custos de produção</b>            | Cortes de custos supérfluos e melhor eficiência no processo de produção.   |
| <b>Manutenção no mercado</b>                         | Sustentar o negócio, mesmo com pequena margem de lucros.   |
| <b>Satisfação dos empresários e dos consumidores</b> | Obtenção de maiores lucros dos empresários e produtos de qualidade a preços menores.                                     |
| <b>Finalidades dos coeficientes técnicos</b>         | Determinação da produtividade, velocidades de ganhos e medição da qualidade das operações e planejamento das atividades. |
| <b>Determinação da produtividade</b>                 | Verificação da quantidade de bens ou serviços produzidos por unidade de fator de produção utilizado.                     |
| <b>Velocidade de ganho</b>                           | Tempo de produção dos bens ou serviços.  |
| <b>Qualidade das operações</b>                       | Pode ser usada para medir a eficiência do empreendimento.  |
| <b>Planejamento das atividades</b>                   | Maior finalidade dos coeficientes técnicos.  |
| <b>Tipos de exploração agropecuária</b>              | Exploração intensiva, extensiva e semi-extensiva.  |
| <b>Local da produção</b>                             | Influi diretamente na produção, recursos ambientais, como: solo, pluviosidade, luminosidade, umidade, etc.               |

|  |   |
|--|---|
| <b>Fatores de produção disponíveis</b> | Determinam as atividades, os tipos de exploração. |
| <b>Exigências do mercado</b>           | Determinam o que e como produzir.                 |

Fonte: Araújo (2005), organizado pelo autor (dez/2018)

Além disso, é interessante destacar o papel de cada pecuarista na realização de suas ações. Visto que cada um está em busca de garantir bons resultados para a sua produção, uma vez que, existe uma disputa muito grande pelo território em função do aumento de atividades que demandam cada vez mais áreas para sua produção como, por exemplo, a plantação de grãos.

A partir daí há uma organização daqueles que querem continuar no ramo da pecuária de corte e, conseqüentemente, ampliar sua produção em virtude do comércio interno e externo da carne. Essa organização se dá, sobretudo, através da defesa de interesses comuns para o aprimoramento das atividades da pecuária de corte. No entanto, o agronegócio tem avançado cada vez mais no estado do Tocantins e ampliado o número de áreas com a plantação de grãos como o caso da soja que se faz bastante presente.

Esta questão tem ganhado cada vez mais foco a partir da criação do MATOPIBA, região considerada como a mais nova fronteira agrícola nacional da atualidade. O MATOPIBA compreende o bioma Cerrado dos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia e responde por grande parte da produção brasileira de grãos e fibras, além disso, essa fronteira se distingue de outras por estabelecer sua ocupação, sobretudo em espaços já consolidados demograficamente, com menor valor e com disposição para fins agropecuários (BELCHIOR, et. al, 2017). Evidentemente que a dimensão disso tudo é percebida pelos atores da pecuária e por seus aliados.

Neste sentido, não se trata aqui de destacar um cenário de concorrência entre a pecuária e a produção de grãos em grande escala, no entanto, isso em certa medida vem ocorrendo, sobretudo, pelo maior destaque dado às exportações de grãos nos últimos tempos, que vem colocando a região do MATOPIBA em grande evidência, especialmente, pela topografia plana, solos profundos e o clima favorável para o plantio das principais culturas de grão e fibras que em certa medida tem contribuído para a elevação do PIB brasileiro (LORENSINI, et., al, 2015), bem como evidenciado grandes debates com relação aos cuidados com o meio ambiente.

Com efeito, é preciso destacar que o processo de desenvolvimento da região do MATOPIBA depende de uma série de estudos e acordos firmados entre os diversos atores que



nela atuam, bem como a participação de outros segmentos da sociedade para que se possam traçar medidas pautadas e comprometidas com o meio ambiente.

Apesar de ser uma região geograficamente consolidada, são inúmeros os desafios e as perspectivas para o Matopiba. Seu desenvolvimento requer uma estratégia que promova a participação de diferentes instituições na tomada de decisões. Pensando nisso, o governo federal lançou em 2015 o Plano de Desenvolvimento Agropecuário do Matopiba, que tem por finalidade promover e coordenar políticas públicas voltadas ao desenvolvimento econômico sustentável fundado nas atividades agrícolas e pecuárias que resultem na melhoria da qualidade de vida da população da região. O plano prevê a criação de um Comitê Gestor que será responsável, entre outras funções, por implementar programas, projetos e ações que incentivem o desenvolvimento agrícola e pecuário da região. (BELCHIOR, et al., 2017, p. 3).

É evidente que nos últimos anos a produção de grãos tem aumentado vertiginosamente, com isso, verifica-se também um intenso processo de busca por territórios que acaba por desencadear uma série de disputas entre atores distintos. É notório que a pecuária de corte há muito tempo tem ocasionado essas mudanças no território e também desencadeado inúmeros conflitos no campo, sobretudo, devido à posse de grande quantidade de terras para a criação de gado no sistema extensivo.

A esse respeito, os pecuaristas têm defendido o progresso da pecuária de corte e, a partir dessa questão, estão em busca de modernizar sua produção, uma vez que o município tem carregado a bandeira de grande produtor bovino, sendo considerado a capital do boi gordo. Diante desse cenário, Oliveira (2018), em entrevista com o pecuarista e secretário de Desenvolvimento Econômico, Turismo e Meio Ambiente do município de Araguaína, Junior Marzola aborda o seguinte:

Então, hoje, nós temos uma pecuária muito diferente do que era antes; um grande número de confinamentos, bois precoces e estamos cada vez mais em constante melhoria. Por que? Porque os grãos (soja e milho) vêm tomando área da pecuária. Nós não podemos deixar diminuir o rebanho e para não diminuir o rebanho, nós temos que ganhar em produtividade; ganhando em produtividade temos que aplicar tecnologias; aplicando tecnologias você tem que ter resultados compatíveis com os custos para cobrirem investimentos, ou então o prejuízo é real. (OLIVEIRA, 2018, n. p.).

Isso significa dizer que os pecuaristas de Araguaína e sua microrregião têm defendido seus interesses e, em certa medida, evidenciam a importância do boi para essa microrregião como um todo, pois, o boi tem uma representação importante, tanto do ponto de vista cultural, como do ponto de vista do desenvolvimento econômico para o município e o seu entorno. O poder simbólico através da figura do boi é muito forte, de maneira a criar uma relação de poder a partir das relações vividas pelos seus criadores.

A relação de poder estabelecida a partir da pecuária no município de Araguaína (TO) e seus instrumentos incentivam de certa forma a atuação de alguns atores no processo de ocupação do território e mostra a disseminação de poder na busca do monopólio do mesmo. Tal afirmação pode ser esclarecida devido ao envolvimento dos pecuaristas que defendem a importância de suas atividades para o desenvolvimento da economia do município. Neste sentido, os referidos atores através das suas produções humanas, fixos e fluxos, usam a teia de poderes e tramam suas ações no território.

Para começar, de acordo com Raffestin (1993, p. 6), “o poder não é nem uma categoria espacial e nem uma categoria temporal, mas está presente em toda a ‘produção’ que se apóia no espaço e no tempo”. Diante disso, cada organização busca fortalecer suas ações com vistas a obter um melhor resultado frente a outras organizações e assim garantir maior legitimidade no processo de ocupação do território.

Desta forma, a organização que tem respaldado a elite pecuarista do município é o Sindicato Rural de Araguaína (SRA), instituição que busca promover ações no sentido de lhes garantir um posicionamento cada vez mais satisfatório, possibilitando um reforço nas suas atividades, sobretudo, no processo de destacar a pecuária como a grande responsável pelo desenvolvimento econômico do município.

Nessa perspectiva, desde a fundação da instituição SRA (1967) que representa os pecuaristas do município, houve a busca de valorizar as atividades da categoria como grande potencial da economia local, dessa forma, os representantes dessa instituição sempre foram muito próximos do poder político, conforme menciona Raffestin (1993, p. 59), o poder político aparece como uma forma suplementar que possibilita a ação de “prever, ter acesso, neutralizar etc”, o que corresponde ao anseio da elite pecuarista do município.

Dessa forma, o SRA foi criado por alguns produtores rurais com o intuito de fortalecer as atividades da classe, logo em seguida com a expansão dessas atividades o mesmo se estruturou na busca de promover o desenvolvimento de Araguaína como um grande polo agropecuário, sendo reconhecida como capital do boi gordo e através da exposição agropecuária (Expoara) fomentar cada vez mais esse potencial. Ressalta-se ainda a ligação da diretoria com os políticos locais do município o que em certa medida favorece o campo de atuação do sindicato.

Para Costa e Lopes (2017), o fato de Araguaína desde sua criação receber destaque para a pecuária, pode ser explicado sobremaneira a partir de relações que passam pela questão política,

Assim, podemos afirmar que o processo histórico-geográfico de territorialização do agronegócio em Araguaína se deu principalmente por meio de três processos, o primeiro é a implantação da rodovia BR-153 que viabilizou a integração do município com uma significativa parte do território nacional; depois ao papel do Estado como grande incentivador; e por último pela divisão territorial do trabalho que praticamente obriga a região Norte do país a se dedicar à produção primária, enquanto que as regiões Sudeste e Sul se fortificam com indústria e avanços técnico-científicos na ordem da tecnosfera. A região Norte por seu turno recebe apenas ordens a serem cumpridas em favor da economia nacional fortalecendo a psicofera hegemônica do Sudeste e do Sul, que contribui para a produção do desenvolvimento geográfico desigual no território nacional. (COSTA; LOPES, 2017, p. 44).

De maneira geral, é possível verificar que foi criada pela instituição que representa os pecuaristas no município uma homogeneização do boi como força de representação, uma vez que o município vive uma dialética no processo cidade-campo (COSTA e LOPES, 2017), atingindo seu ápice com a Exposição Agropecuária de Araguaína (EXPOARA) ou “pecuária” como popularmente é reconhecida a festa no município. Antes e durante os dias da festa a cidade se dinamiza em torno dessa representação do boi, dessa forma sua figura se fortalece ainda mais e cria-se uma imagem que destaca o meio rural, se tornando um ponto de encontro entre os diversos pecuaristas do município e os demais do seu entorno devido à grande influência que a cidade tem no ramo de gestão das atividades do agronegócio.

A força da pecuária se solidifica através das relações que são materializadas pela união da elite pecuarista que se instalou no município desde a sua criação e que através do tempo tem buscado se respaldar na política, sobretudo para conseguir junto ao Estado autonomia e maior representação nas decisões que vão ao encontro de seus interesses. A partir desse momento, como menciona Raffestin (1993, p. 32), “a organização estatal e a organização sindical são partes privilegiadas na relação, pois delimitam o campo sociopolítico da relação”.

Ainda conforme Raffestin (1993, p. 52), “o poder está em todo lugar; não que englobe tudo, mas vem de todos os lugares”. Desta forma, o poder desenvolvido a partir das atividades da pecuária cria no município uma relação de interesses advindos de diversas partes, tanto do fazendeiro, como do peão, bem como da sociedade que recebe essa influência do meio rural, demonstrando assim a fluidez do poder. Neste caso, é possível falar que todo poder tem sua resistência, existem as micros relações conforme aborda Foucault (1979). Nota-se, portanto, que existe por parte daqueles que comumente estão no poder a vontade de ter o controle e dominar cada vez mais os outros e as coisas, no sentido de obter privilégios sobre o território e os recursos disponíveis no mesmo.

Contudo, se percebe que existe um jogo relacional na busca pelo poder, ou, melhor dizendo, de apossar-se de um maior grau de poder, já que o mesmo está em todo lugar e todos têm acesso a ele. Por conseguinte, os atores evidenciam suas tramas no sentido de conseguir potencializar seus interesses e continuar no grupo daqueles que de certa forma exercem ou têm bastante influência no controle do Estado.

Portanto, a forte presença da pecuária no município de Araguaína se respalda exatamente pela força do SRA e também devido à elite pecuarista do município estar próxima daqueles que exercem o controle do Estado. A ideia de desenvolvimento econômico estabelecido pelos defensores da pecuária evidenciou sua trajetória e expansão, bem como, trouxe à tona as inúmeras disputas pelo território.

Assim, a força da pecuária no município pode ser destacada também através do discurso e ações dos pecuaristas na defesa de suas atividades e apropriação do território com a força da representação do boi, no entanto, existem resistências e a própria economia do município abre possibilidades para questionamentos. Ademais, no processo de desenvolvimento da pecuária o boi tem percorrido caminhos diversos desde o sistema de sua criação, até o processo de seu abate e, conseqüentemente, alcançado tanto o mercado interno, quanto o mercado externo, percorrendo diversos países do mundo através do comércio de exportação da carne, entre outros insumos que o mesmo oferece.

### **3.2 – Caminhos do Boi – Para onde vai o Boi de Araguaína?**

À medida que a pecuária foi se expandindo como atividade econômica no município de Araguaína, houve também um processo acelerado pelas relações econômicas, sociais, políticas e culturais através do envolvimento dos pecuaristas nas muitas atividades envolvendo a figura do boi. Conseqüentemente, o animal tem uma presença marcante na cidade e, a partir do desenvolvimento do trabalho dos pecuaristas, ele tem se destacado percorrendo um caminho bastante diverso desde os pastos até os frigoríficos.

Uma vez que o município de Araguaína passou a ganhar notoriedade no ramo da pecuária, essa atividade passou a ser bem mais representativa economicamente e a partir disso se evidencia todo um destaque para a cidade como sendo uma grande influenciadora da pecuária em sua microrregião. Ora, isso se demonstra pela quantidade de frigoríficos instalados no município e aos outros que estão no raio de mais ou menos 70 km de distância.

O boi tem se consolidado como uma importante fonte de renda para os pecuaristas do município, assim sendo, é importante o cuidado dos mesmos com todo seu rebanho no intuito

de garantir a satisfação do mercado interno, mas, principalmente, no mercado externo. Neste sentido, a cidade de Araguaína se torna uma área de grande avanço das atividades da pecuária,

A cidade de Araguaína concentra as empresas beneficiadoras da produção, comércio e serviços especializados e instituições de apoio à pecuária. Desta forma exerce posição de hierarquia regional com os outros municípios produtores, pois lidera a exportação de carne bovina no mercado externo mundial [...]. (SILVA, 2012, p. 99).

Diante do exposto, pode-se destacar o processo de territorialização da pecuária através da grande influência que o município de Araguaína tem apresentado, sobretudo, a partir da liderança nas exportações de carne, bem como, a sua centralidade com relação aos municípios vizinhos que fazem parte da sua microrregião e também aos estados vizinhos que desempenham a mesma atividade. Assim sendo, o boi tem um caminho bem variado desde a sua criação no pasto até o processo de seu abate no frigorífico, neste sentido, o bem-estar do animal é de suma importância para se alcançar bons resultados na produção. É pertinente destacar os passos desde a alimentação desses animais, seu confinamento, o trato dos mesmos no curral, bem como, o transporte e finalmente o seu abate.

Além disso, pode-se destacar que mesmo após o abate do boi nos frigoríficos, o mesmo ainda percorre outros caminhos em diferentes situações, como no caso das exportações de carnes que diariamente são enviadas para distintas partes do mundo. Nessas condições, o processo de territorialização se faz presente, pois, de acordo com Raffestin (1993), a mesma abastece o poder do território.

Neste sentido, é pertinente falar sobre o poder que a pecuária de corte exerce no território do município de Araguaína, como se apresenta através da mídia e dos discursos em seu favor. O próprio fato de o município carregar essa hegemonia de poder no ramo lhe garante ser caracterizado como um lugar em que a força da pecuária se traduz de forma mais expressiva através dos campos econômico e cultural. Neste caso, a territorialidade acontece com a percepção do poder exercido por um ator ou mesmo um grupo em um dado espaço físico.

Com o fortalecimento da pecuária no município, o boi passa a ter uma representação de destaque. Os defensores da expansão da pecuária na região têm buscado com uma urdidura demonstrar sua posição como categoria organizada e com uma hegemonia frente a outras atividades desenvolvidas no município, especialmente na produção capitalista econômica, bem como na forma cultural.

Em face disso, usa-se a pecuária como ramo da economia com bastante destaque para o PIB do município através de uma midiaticização dos números que a pecuária apresenta para a

economia local. Assim, esse processo de interação e transformação da economia através da pecuária de corte e outras atividades provenientes da expansão do agronegócio na região são questionáveis quando se analisa o PIB do município em seus setores.

Tal fato representa uma aparente contradição em relação ao cognome “cidade do boi gordo”. Merece, portanto, maiores explicações. Primeiro há que se admitir que boa parte da indústria beneficia produtos de origem agropecuária, segundo, boa parte do comércio se destina a insumos primários, a máquinas e implementos agrícolas e pecuários. (SILVA, 2012, p.73).

Para assegurar então essa vantagem da pecuária e conseqüentemente do boi para a cidade, os representantes de tais atividades apontam todo o processo dos seguimentos dos sistemas agroindustriais antes e depois da porteira (ARAÚJO, 2005), elevando assim o rol de serviços que a pecuária dispõe e mostrando a força da mesma diante do mercado econômico. De fato, tal atividade no município de Araguaína pode ser expressa para além da presença física do boi, mesmo que ele esteja distante da cidade, apresenta uma influência bastante significativa no comércio, impulsionando o rol de atividades depois da porteira (ARAÚJO, 2005). Neste sentido, tem-se em parte uma explicação da força da pecuária e a sua contribuição para o PIB do município.

Diante do exposto, o boi recebe um cuidado especial, pois sua saúde e seu peso se configuram como uma fonte de renda importante para os pecuaristas. Ademais, o sucesso da pecuária de corte está em ter um rebanho saudável que possa ser comercializado sem restrições no mercado. A partir dessas relações, a pecuária de corte em Araguaína ganha ainda mais notoriedade, ao passo que o município passa a ser conhecido como capital do boi gordo e a controlar uma série de atividades desempenhadas pela pecuária, bem como, conseguir cada vez mais recursos provenientes de incentivos governamentais.

O discurso de Araguaína como capital do boi gordo é defendido pelo SRA, como uma forma de difundir a imagem de uma cidade rica e próspera e se apropriar de investimentos públicos: “Esse marketing de capital do boi gordo vai durar uma eternidade, nós temos boi gordo o ano inteiro, ninguém vai tirar esse título de Araguaína” (Diretor do SRA). (SILVA, 2017, p. 212).

A imagem de Araguaína como a capital do boi gordo se fortalece especialmente pelo investimento em marketing realizado pelo SRA que promove o município demonstrando assim que a economia dessa região é forte exatamente pelo desenvolvimento da pecuária e pela qualidade do rebanho que é criado em seu território. Neste sentido, o município vem alargando sua fronteira econômica através da pecuária de corte. Desde que tal atividade passou a ter maior representatividade no município, proveniente de diversos fatores, especialmente pela abertura de estradas e o aumento de sua população, “[...] em 1967, foi

instalado o primeiro frigorífico de Araguaína, de propriedade do Grupo Boa Sorte, que até hoje é um dos maiores do Estado com capacidade de abate de 900 cabeças por dia” (SILVA, 2015, p. 98).

O boi gordo de Araguaína começou a percorrer caminhos diferenciados, ultrapassando fronteiras e mostrando o processo de desenvolvimento do mercado da carne. A partir dos anos 1990 esse processo se intensifica ainda mais, e grandes frigoríficos foram instalados no município, dentre eles: Minerva, Másterboi, Boiforte e Associação do Comércio e Varejo de Carnes Frescas de Araguaína - Assocarne. No ano de 2015, o grupo José Batista Sobrinho (JBS) inaugurou uma unidade em Araguaína “com capacidade de abate para 700 cabeças/dia” (DBO, 2015, n. p.), elevando assim as negociações no mercado da carne e favorecendo o processo de “[...] transformação dos territórios nacionais em espaços nacionais da economia internacional” (SANTOS, 2008, p. 47).

A dinâmica da implantação desses frigoríficos no município de Araguaína possibilitou todo o processo de territorialização e aceleração das agroindústrias que fortalecem ainda mais o marketing da capital do boi gordo,

O apoio urbano-regional à agropecuária é concretizado pelas agroindústrias com sede local e de redes nacionais formadas por frigoríficos, laticínios, curtumes, nutrição animal, extração do colágeno do couro bovino para gelatina; comércio e serviços especializados distribuem produtos fornecidos por multinacionais, empresas nacionais e locais; instituições públicas e privadas; as vias de circulação; estrutura normativa com leis e incentivos fiscais; e a apropriação do marketing de capital do boi do gordo. (SILVA, 2012, p.110).

Essa evolução na pecuária de corte no município de Araguaína tem levado o boi a percorrer diversos caminhos demonstrando assim as relações de poder existentes no desenvolvimento e consolidação de tal atividade e a sua correlação com a expansão do território e da territorialidade humana, sobretudo, devido aos diversos processos de mudanças e permanências das redes de circulação, (SAQUET, 2008). O processo de territorialização da pecuária no município fortalece a economia do mesmo e o coloca em grande destaque. Sendo considerado o município mais forte economicamente da região Norte do estado do Tocantins, Araguaína é considerada um polo e conta com uma grande força nas regiões interestaduais (COSTA; LOPES, 2017), especialmente devido à prestação de variados serviços, no ramo da educação, saúde e comércio do segmento rural.

O município de Araguaína tem uma expressividade econômica relevante, que o faz promover uma forte batalha pela polarização juntamente com Marabá (PA) e Imperatriz (MA); isso se deve muito ao setor terciário que faz do lugar um celeiro de oportunidades para aqueles que buscam vender a sua força de trabalho. Entretanto, a localidade se destaca também pelas

atividades do agronegócio, sobretudo em relação à agroindústria frigorífica, sendo esse segmento responsável pelas maiores articulações do município com o mercado nacional e internacional. (COSTA; LOPES, 2017, p.53).

À medida que o comércio de carne foi crescendo, o município foi alargando suas fronteiras no mercado, sobretudo, com o aumento da produção dos frigoríficos e pelo crescimento do mercado consumidor. Isso fica evidenciado através da tabela 4 que demonstra a variedade de países que consomem a carne produzida no município, bem como comprova o processo de globalização do mercado da carne, favorecendo desse modo o discurso de capital do boi gordo. Nesse sentido, a pecuária tem um processo bastante diversificado, desde a cria do gado até o processo final de exportação da carne.

O cenário da economia global de exportação de carnes do Brasil é extremamente relevante para a balança comercial do país, nesse contexto, a economia do município de Araguaína tem apresentado um resultado importante com relação ao mercado global da carne (tabela 4) evidenciando a importância da pecuária de corte para o município e fortalecendo o destaque de capital do boi gordo. Neste sentido, é preciso destacar dois pontos, o primeiro diz respeito ao processo de exportação para diferentes continentes, o segundo aos diferentes valores comercializados nos países parceiros como o caso de Hong Kong na Ásia com o valor superior a 15 milhões de dólares no ano de 2017.

Em função disso, há uma consensualidade entre o desenvolvimento da pecuária e os caminhos percorridos pelo boi criado no município. Isto posto, pode-se observar os lugares para onde têm sido exportadas a carne do gado produzido no município e como os frigoríficos implantados na região têm caráter exportador de carne bovina e seus derivados, conforme demonstrado na tabela 4 que traz os principais parceiros econômicos do município e os valores comercializados no ano de 2017.

**Tabela 4 - Exportações do município de Araguaína (TO) para países parceiros em 2017**

| <b>Continentes/ Regiões</b>     | <b>Países</b>           | <b>Valor comercializado (US\$)</b> |
|---------------------------------|-------------------------|------------------------------------|
| <b>África</b>                   | Egito                   | 7,26 Milhões                       |
|                                 | Argélia                 | 2,41 Milhões                       |
|                                 | Líbia                   | 1, 05 Milhão                       |
|                                 | Angola                  | 71,38 Mil                          |
|                                 | Congo, Rep. Democrática | 13,5 Mil                           |
|                                 | Tunísia                 | 501,92 Mil                         |
|                                 | Costa do Marfim         | 6,61 Mil                           |
| <b>América Central e Caribe</b> | Bahamas                 | 84,8 Mil                           |
|                                 | Bermudas                | 84,07 Mil                          |
| <b>América do Norte</b>         | Estados Unidos          | 753,62 Mil                         |
|                                 | Canadá                  | 114,44 Mil                         |



|                       |                        |                      |
|-----------------------|------------------------|----------------------|
| <b>América do Sul</b> | Chile                  | 9,65 Milhões         |
|                       | Peru                   | 172,61 Mil           |
| <b>Ásia</b>           | Hong Kong              | 15,79 Milhões        |
|                       | Malásia                | 1,35 Milhão          |
|                       | Vietnã                 | 415,27 Mil           |
| <b>Europa</b>         | Turquia                | 103,82 Mil           |
| <b>Oriente Médio</b>  | Líbano                 | 4,58 Milhões         |
|                       | Emirados Árabes Unidos | 3,3 Milhões          |
|                       | Arábia Saudita         | 1,9 Milhão           |
|                       | Iraque                 | 924,09 Mil           |
|                       | Israel                 | 717,52 Mil           |
|                       | Palestina              | 423,43 Mil           |
|                       | Jordânia               | 835,87 Mil           |
|                       | Barein                 | 298,68 Mil           |
| <b>Total</b>          |                        | <b>52,81 Milhões</b> |

Fonte: MDIC, 2017. Organizado pelo autor (dez/2018).

A existência desses grandes mercados consumidores que mantêm relações econômicas com o município tem fortalecido o desenvolvimento da pecuária de corte, bem como tem promovido uma territorialização do boi e conseqüentemente tem servido de atrativo para o desenvolvimento dessa atividade na região e seu entorno.

Ocorre, então, que as exportações de carne do município de Araguaína interessam muito aos grandes pecuaristas da sua microrregião e das áreas próximas, que têm buscado fortalecer suas relações no mercado internacional, isso para atender o processo de globalização que, como menciona Santos (2000), se destaca como sendo o “ápice” da maneira de internacionalização do mundo capitalista. Dessa forma, “para entendê-la, como, de resto, a qualquer fase da história, há dois elementos fundamentais a levar em conta: o estado das técnicas e o estado da política” (SANTOS, 2000, p. 23).

Contudo, não se trata aqui de perceber o processo de globalização em sua totalidade, como algo que não proporciona uma igualdade entre os atores que dela participam, mas como uma forma de fazer uma ligação através das ações de tais atores, no sentido de permitir aos mesmos contentar suas necessidades, e assim, garantir um ganho que seja satisfatório. Assim, as exportações de carnes do município de Araguaína para vários países do mundo têm uma forte influência no processo de territorialização do boi.

A partir desse fortalecimento das exportações da carne, fica evidente como a pecuária de corte no município de Araguaína e seu entorno começam a se enquadrar nos padrões exigidos por tais mercados, especialmente no que tange a questão da sanidade animal. Deste

modo, mesmo com tantas exigências o mercado externo oferece maior segurança ao pecuarista, além de serem comercializados volumes maiores que o mercado interno,

Trata-se de mercado exigente, tanto em padrão, qualidade intrínseca e quantidade elevada do produto, como em pontualidade e assiduidade nas entregas e competitividade. A ausência de apenas um desses requisitos pode inviabilizar qualquer operação comercial de exportação. Porém é um mercado seguro, que paga melhor, e admite grandes volumes comercializados (ARAÚJO, 2005, p.92).

Portanto, nos últimos anos o Brasil se tornou o maior produtor de carne bovina do mundo, (SUL, 2017) tal feito deve-se à implementação de medidas em longo prazo, especialmente uma maior atenção à saúde do boi. Seguindo o cenário nacional, o município de Araguaína, que detém o maior rebanho de gado da região Norte do estado do Tocantins, impõe certo empoderamento proveniente do seu título de capital do boi gordo e mantém o crescimento considerável das atividades da pecuária de corte, ampliando de maneira significativa sua participação no mercado internacional.

É evidente que todo o processo de desenvolvimento das atividades da pecuária de corte no município de Araguaína se sustenta pelo processo argumentativo de seus representantes constantemente destacados na mídia, à questão da tradição dessa atividade na região e a partir do envolvimento do Estado.

Levando-se em consideração esses aspectos mencionados, é importante perceber que o avanço da territorialização da pecuária no município e seu entorno é fundamentado por um processo de marketing que foi sendo implantado desde a criação do sindicato rural que defende os interesses da categoria dos pecuaristas e que promove em certa medida um resultado favorável, especialmente para os criadores de gado de corte. Esse exemplo tem um papel relevante na motivação das pessoas que participam das atividades provenientes da pecuária conforme o tópico a seguir.

### **3.3 – As Motivações da Cavalgada e da EXPOARA para os araguainenses**

Ao longo do desenvolvimento das atividades agropecuárias em Araguaína há uma representação do município com uma expressão mais rural, sobretudo, nas proximidades e durante o desenvolvimento da festa agropecuária realizada anualmente na cidade. Em uma sucinta observação dos eventos realizados no município pode-se notar que outras manifestações culturais, como, por exemplo, o carnaval, não têm grande representatividade no município, ao passo que a exposição agropecuária a cada edição tem se apresentado como uma atividade cultural para o município de Araguaína.

Em grande parte, isso se explica pelo fato do município não possuir outras atividades culturais de grande destaque, bem como ao trabalho de divulgação promovido pelo sindicato rural que conta com o apoio do governo e investimentos da iniciativa privada em favor do crescente processo de globalização da economia do agronegócio e modernização do latifúndio (FERNANDES, 2015). Estes fatos têm suscitado debates importantes, uma vez que para os representantes das atividades do segmento da pecuária no município de Araguaína a mesma tem impulsionado a economia de forma direta e indireta, ao mesmo tempo em que carrega uma tradição cultural com um forte apoio proveniente do discurso que vem sendo externalizado pelos representantes dessa atividade no município.

Diante dessa conjuntura, o processo de influência da pecuária na vida das pessoas que são mobilizadas para participação na festa agropecuária do município é significativo, de maneira que logo que anunciados os atrativos da exposição através de diversas mídias, tais como rádio, TV, portais da internet, outdoor, propaganda volante entre outras, a cidade e sua microrregião entram no agito proporcionado especialmente pelo grande investimento em divulgação a partir da mídia numa forma de garantir resultados satisfatórios com o final da festa. A mobilização do público se estabelece, exatamente graças ao forte papel da mídia em suas mais variadas formas de promover a divulgação dos eventos, promovidos através dos representantes do SRA. No caso do município de Araguaína, a mídia do rádio é bastante forte e presente com a incumbência de informar a comunidade local e a de outros municípios vizinhos sobre os principais acontecimentos, especialmente os do segmento rural no período que antecede e durante todo o evento da EXPOARA.

A EXPOARA é uma festa que acontece todos os anos no município no mês de junho, durante os dias de festa o parque de Exposição Dair José Lourenço local do evento desde a sua primeira edição se transforma numa vitrine do segmento agropecuário com diversos atrativos como a comercialização de produtos do homem do campo, serviços, shows, entre outros recebendo um público diversificado, a cavalgada que ocorre sempre nas principais avenidas do município rumo ao parque marca como sendo a sua abertura oficial, sendo considerada um convite mais interativo para o público participar das atividades da EXPOARA.

Através do auxílio da mídia de rádio, o homem do campo e da cidade ficam bem informados em relação aos principais acontecimentos relacionados com a agricultura e a agropecuária, bem como, as principais atrações do período da festa como os shows, entre outros, recebendo informações sobre produtos relacionados ao segmento rural. Basta observar a programação diária das emissoras de rádio que o município possui, todas se voltam para

promover a integração entre o urbano e o rural, no intuito de impulsionar a identidade rural no município através da pecuária usando, dessa forma, o discurso que se estabelece enquanto uma rede de signos que se articula a outros discursos presentes em uma sociedade.

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2012, p. 8 - 9).

Durante o período que antecede a EXPOARA e até o seu término as emissoras de rádio intensificam sua programação diária voltada, sobretudo, para agradar ao público que tem maior aceitação pela música sertaneja e a comercialização de produtos e vestuários do seguimento rural, fazendo uma grande alusão ao homem que tem uma maior ligação as atividades primárias da economia como a questão da agropecuária. Neste sentido, salienta-se o interesse dos pecuaristas do município em difundir a pecuária como uma tradição cultural importante com vistas a estabelecer uma forte relação entre a cidade e o campo. Estes pontos têm sido as referências para a promoção da festa agropecuária de Araguaína ao longo de sua existência, buscando sustentar uma primazia da pecuária enquanto atividade econômica de grande destaque para o desenvolvimento do município e de sua microrregião.

Aqui se destaca dois importantes eventos que têm na pecuária sua origem, a Cavalgada e a EXPOARA, essas duas atrações fazem parte do cronograma de atividades culturais do município e têm destaque concedido pelos veículos de comunicação, especialmente, por fazerem parte do rol de atividades que o agronegócio apresenta. Como se vê, através do grande investimento do SRA e do apoio do governo municipal, estadual e federal, bem como, ao discurso apresentado pelos pecuaristas da microrregião, há uma influência no processo de favorecer uma identidade às atividades da pecuária ao público que participa desses eventos.

Hall (2001) aponta as relações estabelecidas entre as sociedades e apresenta o sujeito sociológico, que não é independente, uma vez que se forma e tem suas identidades construídas pelas relações que estabelece com outros. Dessa forma, todas as manifestações culturais e os discursos apresentados pelos pecuaristas têm uma grande relevância na formação da identidade de um determinado grupo da sociedade, tanto que promove uma influência significativa na vida dos indivíduos ligados a esse meio.

Nesse caso, os defensores do agronegócio, em especial os pecuaristas da microrregião, mobilizam a questão da identidade a partir de seus posicionamentos e, através do discurso presente na coletividade do grupo que enaltece seus feitos. Um bom exemplo disso é a entrevista do presidente do sindicato rural sobre Araguaína ser destaque na pecuária, bem

como ser reconhecida como capital do boi gordo. Isso mostra a força do sindicato enquanto instituição que usa a linguagem, ou seja, o discurso como ferramenta poderosa de produção de identidade, conforme Raffestin (1993).

Na análise desse processo, destaca-se o papel do SRA no processo de proteger os direitos e representar os interesses da categoria no sentido de assegurar um maior respaldo para todos os pecuaristas usando o discurso de progresso da pecuária para o desenvolvimento econômico do município, bem como, se apropriando desse discurso para fomentar recursos necessários para a classe.

Assim, o processo de influência da pecuária no município de Araguaína se faz presente através das atividades materializadas pelos indivíduos que estão direta e indiretamente ligados a esta questão. Basta verificar a dinâmica vivida pela sociedade antes e durante as duas principais festas realizadas no município. A foto 02 mostra a interação do comércio informal com a realização das atividades culturais do município, a venda de acessórios que são usados com maior frequência no período da festa com o local de exposição totalmente inusitado, uma moto.

**Foto 2** - Interação do comércio informal nas ruas de Araguaína durante a EXPOARA



Fonte: MARINHO, Jaison R. (Jun/2018).

Neste aspecto, a EXPOARA tem sido usada como forma de motivação para potencializar a atividade pecuarista do município e também para mobilizar uma identidade mais voltada para o modo de vida rural, com a presença do boi como um aspecto de integração entre o campo e a cidade.

A elite brasileira sempre se esforçou para criar uma imagem que seja favorável aos seus interesses, no caso do município de Araguaína a elite pecuarista enfatiza a presença do

boi de forma positiva em muitos aspectos, especialmente no que tange a questão econômica e cultural da cidade. A forma com que este grupo efetiva tal concepção, na prática, se dá, sobretudo, através do discurso e do uso da mídia como forma de destacar os aspectos importantes de suas atividades.

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. (HALL, 2001, p. 109)

Em grande parte, a EXPOARA, juntamente com a cavalgada, pode ser destacada como o elemento mais notável do poder simbólico da pecuária no município de Araguaína, uma vez que todos os anos essas festividades têm buscado fortalecer as relações entre o homem do campo e o homem da cidade. Neste aspecto, como trabalho de campo, evidenciou-se *in locu* através da observação da cavalgada/2018 e os demais dias da EXPOARA/2018 através da aplicação de questionários, foi possível acompanhar a interação dos participantes nos eventos, demonstrando o processo de territorialização, identidade, relação de poder, poder simbólico e relações sociais com embasamento teórico nos autores Foucault (1979; 1996, 2012); Bourdieu (1989); Hall (2001); Saquet (2008) e Raffestin (1993). Os mesmos destacam o processo de desenvolvimento de diversas atividades realizadas ao território numa perspectiva de compreender as variadas relações que vão se desencadeando através das ações dos atores no desenrolar de suas tramas, agindo de forma individual ou em grupo.

O ponto de partida da pesquisa a campo se deu através do acompanhamento de reuniões do SRA com seus filiados. No dia 21 de março de 2018 foi acompanhada uma reunião que contou com a participação de 35 pessoas (foto 3), dentre elas, ex políticos e empresários do segmento, bem como, o atual secretário de meio ambiente do município de Araguaína, o Sr. Junior Marzola, a reunião tinha como pauta principal discutir a questão do Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural (Funrural) e outras reivindicações inerentes à classe.

Vale ressaltar a forma como a reunião foi conduzida, num primeiro momento o presidente do sindicato, Roberto Paulino da Silva, fez a abertura com uma fala geral sobre a importância de união da classe na luta por seus direitos, informou aos presentes sobre o ofício encaminhado para o Ministro Blairo Maggi, do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA), ao mesmo tempo, em que destacou o advogado que defende a instituição para esclarecer todas as dúvidas jurídicas oriundas dos itens da reunião. Isso

demonstra a ação dos pecuaristas em grupo, buscando resultados positivos para toda categoria e ao mesmo tempo, o fortalecimento da instituição que os representa.

Com isso, fica evidente o papel institucional de representatividade oriunda do SRA relacionado aos benefícios da categoria, o presidente destacou que somente com a união de todos seria possível alcançar resultados mais satisfatórios, foi falado sobre o cenário político nacional e que a categoria precisava unir estratégias para conseguir o maior apoio possível do Estado. Ainda durante a reunião dos representantes do SRA com seus associados, os mesmos foram advertidos sobre a mudança nos valores de impostos sobre a comercialização do gado do estado do Tocantins para outros estados, dessa forma, o presidente destacou que isso seria uma perda para todos os produtores.

Neste sentido, a organização da classe de pecuaristas através das ações do sindicato rural demonstra a importância de articulação da categoria na busca por uma evolução conjunta para todos. Para Costa (2000, p. 18) “[...] toda sociedade que delimita um espaço de vivência e produção e se organiza para dominá-lo, transforma-o em seu território.” Acrescente-se a isso, o fato de o sindicato rural enquanto instituição se dedicar para conseguir uma maior projeção e gestão de suas atividades na conquista desse território.

**Foto 3** - Reunião com os associados do SRA para discutir assuntos inerentes a categoria



Fonte: MARINHO, Jaison R. (Mar/2018).

Logo em seguida foi aberta uma roda de conversa com todos os associados que desejassem expor suas dúvidas, destacar suas sugestões e pontos de vista. Um fazendeiro fez uso da fala destacando o que seria melhor para a categoria, sempre no intuito de alertar seus

companheiros para uma escolha mais acertada que possa lhes render melhores resultados enquanto pecuaristas. Outro pecuarista, ex-deputado federal pelo Tocantins, destacou: “muitas coisas estamos conseguindo no governo atual, a maioria dos representantes do estado são fazendeiros”. Fazendo a análise do discurso, se percebe a relação estreita de políticos em exercício no estado ligados às atividades da pecuária, o presidente ainda destacou que se houvesse necessidade iria formar uma comitiva para ir fazer a cobrança de seus direitos na capital federal, Brasília. Demonstrando dessa forma, o processo de união dos pecuaristas em prol de seus interesses.

No dia 10 de junho de 2018 foi realizada a 30ª cavalgada do município, considerada a maior cavalgada do mundo, desde a sua primeira edição em 1988, essa festa tem atraído um público diversificado. Dessa forma, como pesquisa *in locu* foi acompanhada a comitiva do Açougue Paulista, o critério de escolha dessa comitiva se deu pela disposição da mesma em responder aos questionários e pela sua tradição na participação do evento. Neste intuito, a mesma foi acompanhada desde cedo, quando ainda se preparava para sair. A foto 4 demonstra o momento de preparação da comitiva do Açougue Paulista para a participação na edição de 2018, pela foto se percebe a organização da equipe com relação ao seu figurino.

**Foto 4** - Preparação da comitiva Açougue Paulista – margem da Av. Bernardo Sayão



Fonte: MARINHO, Jaison R. (Jun/2018).

Eleita a segunda comitiva mais organizada da Cavalgada/2018 com 80 integrantes, a equipe do Açougue Paulista é uma das pioneiras na participação da cavalgada. Durante os últimos ajustes dos cavaleiros e amazonas e de suas tropas fez-se a aplicação de 30 questionários semiestruturado com 10 perguntas abertas e fechadas para os integrantes da

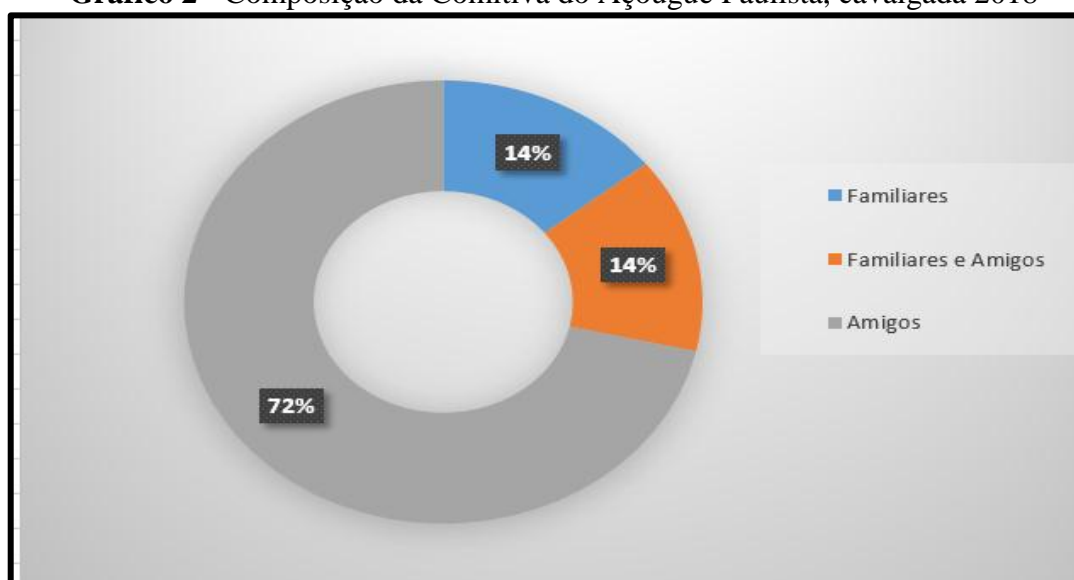


comitiva (Apêndice I), no intuito de obter algumas informações em relação à composição da comitiva.

De acordo com o questionário aplicado aos integrantes da comitiva, (questão 1) dos 30 entrevistados, 17 moram na cidade de Araguaína, 8 moram em chácaras do município, 3 moram na fazenda e 2 em outros municípios. Esse número revela uma considerável participação de pessoas da cidade envolvidas no evento que por dedução estaria ligado ao público do segmento rural. Perguntados sobre quantas edições da cavalgada os mesmos já haviam participado (questão 2), 11 pessoas já participam da cavalgada a mais de 10 anos, 11 pessoas têm a participação no período de 1 a 3 anos, 4 pessoas estão participando no período de 4 a 6 anos, e outras 4 responderam que estão participando no período de 7 a 9 anos. Isso posto demonstra a junção da comitiva entre os membros mais experientes na participação do evento com os

A questão 3 do questionário (Apêndice I) que objetivava saber como era composta a comitiva, tem-se o seguinte conforme o gráfico 2. Dos 30 entrevistados, 72% responderam que a comitiva da qual estava participando era composta por amigos, 14% declararam que a comitiva era composta por familiares e outros 14% que a comitiva era integrada por familiares e amigos.

**Gráfico 2** - Composição da Comitiva do Açogue Paulista, cavalgada 2018



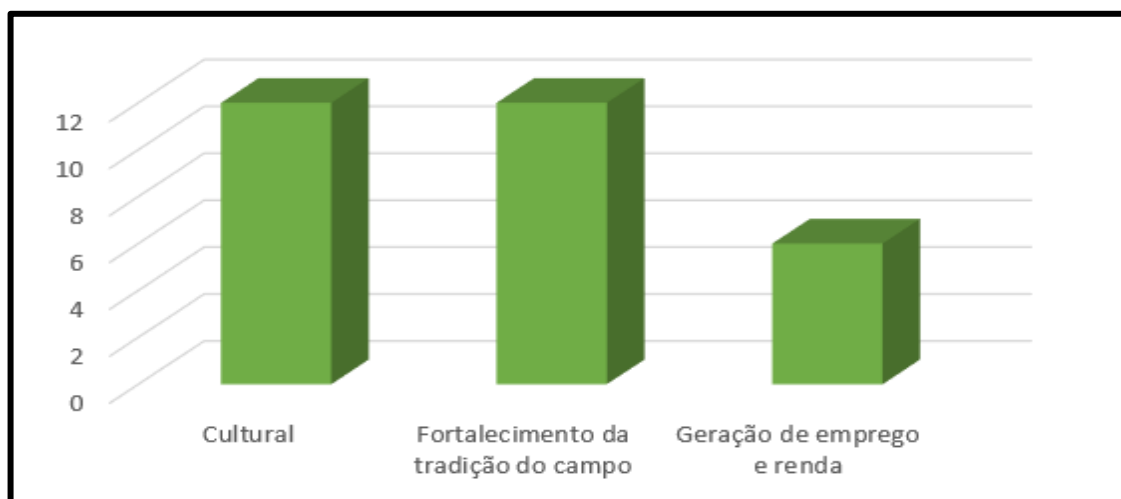
Fonte: MARINHO, Jaison R. (Jun/2018).

Conforme o gráfico 2, fica evidente que a maior parte dos componentes que compõem a comitiva são somente amigos, e uma parte dos mesmos são familiares, com isso fica evidenciado a união dos participantes com relação ao evento da cavalgada. Ainda com relação à questão a comitiva destacou o processo de integração entre o campo e cidade.

A 4ª questão do questionário buscou compreender a forma como era realizado o trato com os animais durante todo o processo da cavalgada, dos 30 entrevistados 16 disseram que o tratamento dos animais durante o processo é considerado ótimo, 14 disseram que o tratamento é bom. No entanto, como apurado com os participantes em geral, alguns abordaram sobre mau trato dos animais, especialmente pelo longo percurso e devido à alta temperatura registrada, especialmente no final do trajeto. Foi mencionada também a questão do atraso para o início do evento comprometendo assim a resistência do animal.

A 5ª questão do questionário (Apêndice I) buscou saber dos participantes da comitiva qual a importância da pecuária para o município de Araguaína. Dos 30 entrevistados, 12 pessoas responderam que a importância é cultural, outras 12 disseram que seria fortalecimento da tradição do campo, 6 pessoas destacaram que a importância da pecuária para o município se deve a geração de emprego e renda, conforme destaca o gráfico 3. Neste ponto, a cavalgada é definida pela comitiva como uma festa cultural que serve para evidenciar a força do campo especialmente a partir do destaque rural que a mesma apresenta. O processo histórico da cavalgada também se revela especialmente pelo processo de relação do sindicato, seus associados e o público em geral, neste sentido, o discurso de integração do campo e da cidade se torna muito latente.

Gráfico 3 - Importância da Pecuária para o município de Araguaína (TO)



Fonte: MARINHO, Jaison R. (Jun/2018).

Ainda em relação ao questionário (Apêndice I), a questão 6 objetivava saber a ligação dos participantes da comitiva com relação a atividade da pecuária, dos 30 entrevistados, 15 pessoas são parentes de fazendeiros, 7 pessoas são fazendeiros, 3 pessoas trabalham na fazenda, outras 3 não tem relação, e 2 pessoas responderam ter outra ligação. Em relação à avaliação da cavalgada juntamente com a EXPOARA (questão 7), 18 pessoas responderam

que a festa é ótima, 10 disseram ser boa, 1 pessoa avaliou como péssima, e 1 fez outro comentário. Em relação ao grau de escolaridade dos participantes da comitiva (questão 8), 11 pessoas responderam ter o ensino médio completo, 8 o ensino fundamental incompleto, 5 possuem nível superior, 3 possuem o ensino médio incompleto, 2 o ensino fundamental incompleto, e 1 possui o nível superior incompleto.

De acordo com o questionário, a questão 9 que buscou saber o nível de renda dos participantes da comitiva, das 30 pessoas, 21 responderam ter uma renda de zero a R\$ 3.000,00, 8 pessoas responderam ter uma renda entre R\$ 3.000,00 a R\$ 6.000,00, e uma pessoa respondeu ter uma renda entre R\$ 12.000,00 a R\$ 15.000,00. Desta forma, de acordo com as respostas às perguntas do Apêndice I, evidenciou-se uma comitiva composta de pessoas em sua maioria da cidade, com boa avaliação do evento, com um grau de escolaridade razoável e uma renda equilibrada, no entanto, pode se destacar também a emoção do participante no auge da festa e como isso influencia o mesmo nas respostas.

No geral, a cavalgada é a considerada a grande abertura da EXPOARA, durante a edição de 2018, houve a participação de mais de 50 comitivas e um número aproximado de 5.000 cavaleiros e amazonas que desfilaram em seus animais pelas principais avenidas da cidade. Durante esse trajeto, a cidade literalmente para e aprecia um pouco daquilo que segundo o SRA é o orgulho da vida do produtor rural como destacou o presidente em entrevista à rádio que fazia a cobertura completa do evento. De certa maneira isso demonstra o poder simbólico da pecuária em seu processo de motivar as pessoas a aderirem à festa (foto 5).

**Foto 5** - Cavalgada/2018, início do trajeto na Av. Bernardo Sayão



Fonte: MARINHO, Jaison R. (Jun/2018).

Diante da realidade até agora evidenciada sobre a aceitação das atividades realizadas pelo SRA no município durante o período da EXPOARA, a ampla divulgação tem sido considerada o fator preponderante para o resultado da festa. Só para esclarecer, no dia 16 de maio de 2018 o presidente do SRA, dava uma entrevista para a TV Anhanguera no telejornal Bom dia Tocantins falando sobre as principais atrações da edição de número 50 da EXPOARA. A figura 9 demonstra a programação da EXPOARA/2018, segundo o SRA consistia em uma super programação em homenagem aos 50 anos do sindicato.

**Figura 9** - Propaganda oficial da EXPOARA/2018



Fonte: Araguaína Notícias (2018), organização: MARINHO, Jaison R. (2018).

Neste sentido, no tocante ao acompanhamento da EXPOARA/2018, foram realizadas visitas ao parque durante as 10 noites do evento e aplicados com o público presente 51 questionários com 12 questões (Apêndice II) para perceber a interação do público com a festa. Mesmo havendo a presença considerável de público durante os dias do evento, a maioria respondendo à questão de número 12 que objetivava ouvir os comentários gerais dos pontos não destacados no questionário, dos 51 entrevistados 31 fizeram observações com relação ao valor do ingresso de entrada no parque, bem como ao alto preço dos produtos comercializados nas dependências do evento.

Em relação ao roteiro de entrevistas aplicado com os participantes da EXPOARA/2018 (Apêndice II) o quadro 6 demonstra o tratamento das questões 1, 2, 3, 6, 8, 9, 10 e 11, as demais questões estão sendo contextualizadas ao longo do trabalho. Destaca-se o que o maior número de pessoas que participam da EXPOARA reside na cidade, bem como, a questão da festa influenciar na moda e regras de comportamento de seus participantes.

**Quadro 6** - Tratamento de questões do roteiro de entrevistas dos participantes da EXPOARA

|                             |         |         |                     |                 |  |
|-----------------------------|---------|---------|---------------------|-----------------|--|
| <b>1- Onde você reside?</b> | Fazenda | Chácara | Cidade de Araguaína | Outro Município |  |
|                             | -       | 3       | 45                  | 3               |  |
| <b>2- Você exerce</b>       | Sim     | Não     |                     |                 |  |

|   |                    |               |              |        |  |
|---|--------------------|---------------|--------------|--------|--|
| alguma atividade no segmento do agronegócio?  | 11                 | 40            |              |        |  |
| 3- Você considera Araguaína uma cidade rural?   | Sim                | Não           | Em parte     |        |  |
|   | 17                 | 17            | 17           |        |  |
| 6- Você tem algum parente ligado às atividades do agronegócio?                              | Sim                | Não           |              |        |  |
|   | 40                 | 11            |              |        |  |
| 8- Você considera que a maior força econômica de Araguaína seja proveniente do agronegócio? | Sim                | Não           | Em parte     |        |  |
|   | 26                 | 4             | 21           |        |  |
| 9- A festa agropecuária dita moda e regras de comportamento?                                | Sim                | Não           | Em parte     | Outros |  |
|   | 25                 | 12            | 11           | 3      |  |
| 11- Relação entre o desenvolvimento do agronegócio e o meio ambiente                        | Relação harmoniosa | Intermediária | De conflitos | Outros |  |
|   | 14                 | 28            | 8            | 1      |  |

Fonte: MARINHO, Jaison R. (Jun/2018).

O quadro 7 demonstra o valor do passaporte para entrada durante os dez dias no parque de exposição nos últimos quatro anos durante a realização da EXPOARA, lembrado que esse valor só permite ao consumidor entrar no parque e assistir aos shows da pista. Acesso aos camarotes, parque de diversão e boates devem ser pagos conforme o acesso e uso dos mesmos.

**Quadro 7 - Valores do passaporte da EXPOARA nos últimos 4 anos**

| Ano  | Valores R\$ |         |         |
|------|-------------|---------|---------|
|      | 1º Lote     | 2º Lote | 3º Lote |
| 2018 | 180,00      | *       | *       |
| 2017 | 150,00      | 150,00  | *       |
| 2016 | 150,00      | *       | *       |
| 2015 | 150,00      | 200,00  | 220,00  |

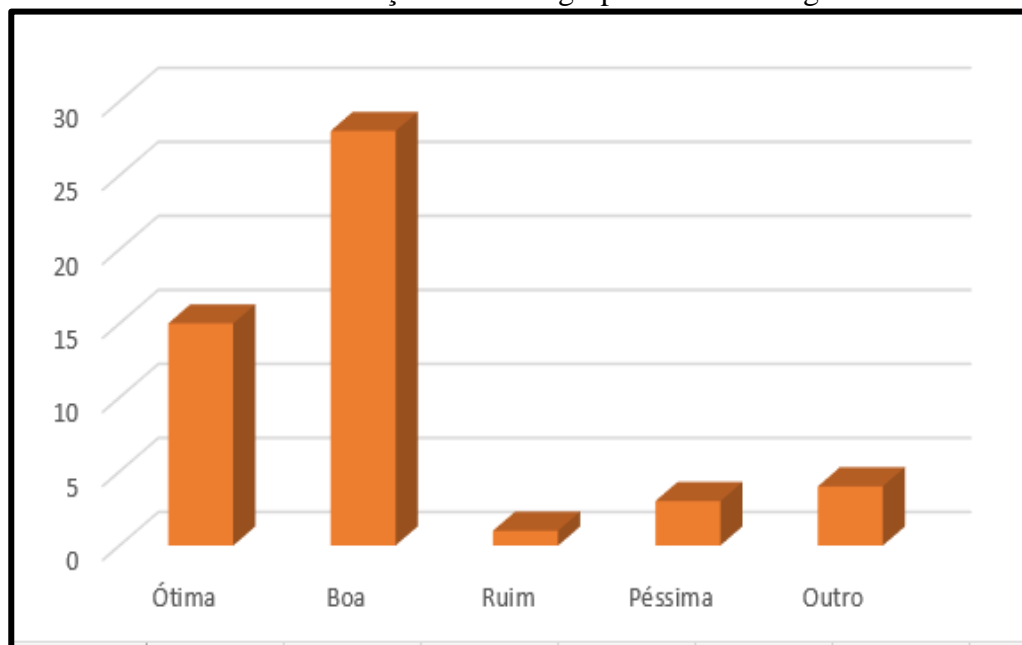
Fonte: SRA (2018), organização: MARINHO, Jaison R. (2019)

\* Não houve divulgação oficial da informação.

Ainda sobre a avaliação da EXPOARA/2018 a questão 4 do questionário (Apêndice II) buscou saber qual a avaliação do público com relação à realização da festa, dos 51

entrevistados que responderam ao questionário, 28 pessoas acharam a festa boa, 15 pessoas disseram que a festa estava ótima, 3 pessoas acharam a festa péssima, 1 pessoa achou a festa ruim e 4 pessoas tiveram outra impressão da festa além das alternativas disponíveis, conforme destaca o gráfico 4.

**Gráfico 4** - Avaliação da festa agropecuária de Araguaína



Fonte: MARINHO, Jaison R. (Jun/2018).

Do ponto de vista do poder simbólico atribuído à atividade da pecuária no município, ficam evidentes como os discursos proferidos pelos pecuaristas têm influenciado as pessoas que a ele são submetidas. Isso se demonstra com a questão 7 (Apêndice II) que pergunta se Araguaína realmente pode ser considerada a capital do boi gordo, dos 51 entrevistados, 48 pessoas disseram que sim e somente 3 pessoas não concordaram com o título que o município carrega.

Ainda em relação ao questionário (Apêndice II) 5ª questão que buscou saber sobre a experiência dos entrevistados com relação ao agronegócio, das 51 pessoas que responderam, 23 disseram que tem sim relação com o agronegócio e 28 pessoas disseram que não. Isso demonstra como as pessoas que participam da festa da exposição, em muitos casos não detêm nenhuma ligação com as atividades voltadas para o segmento rural.

Segundo Bourdieu (1989) o poder simbólico se estabelece a partir da cumplicidade daqueles que não querem saber que são sujeitos a ele ou de certa forma o exerce. Neste sentido, durante a observação da EXPOARA é perceptível a forma desse poder simbólico através do comportamento das pessoas, da forma de se vestir, de se relacionar umas com as outras e pelo discurso que se estabelece.

A EXPOARA/2018 foi a edição de número 50. Desde o início da primeira festa não havia nenhuma pretensão de que a mesma se transformaria em um evento tão popular. No entanto, como destacou o presidente do SRA “hoje a festa tem um grande público, a mídia tem ajudado no processo de divulgação da festa, temos a facilitação dos bancos através das linhas de crédito, temos até o FNO para a recuperação de pastagem”. De um lado existe a força do sindicato em torna cada vez mais essa festa popular, do outro lado, existe a facilidade dos meios de comunicação para proporcionar tal feito.

A EXPOARA para muitos é uma das festas mais aguardada do ano, suas atrações artísticas têm impulsionado sua existência. No início a mesma foi pensada somente para o momento de confraternização entre os pecuaristas e pessoas do segmento rural, mas com o passar dos anos a festa começou a se popularizar e ganhar cada vez mais público independente da ligação com o meio rural. Nos dias atuais a festa conta com a participação de artistas nacionais que estão em alta na mídia, além de promover palestras, entre outras atividades voltadas para o homem do campo. É nesse contexto que a pecuária tem sido representada no município de Araguaína, como uma atividade extremamente forte e agregadora, isso se deve exatamente ao papel que os pecuaristas da região têm desempenhado e o discurso que os mesmos têm estabelecido como forma de mobilizar suas ações no território.

Desta forma, a questão da identidade pecuarista no município de Araguaína está ligada intimamente com a tradição e tem na festa agropecuária todo o seu respaldo, pois, carrega em si um fundamentalismo de uma representação política que justifica sua existência, ao passo que buscam estratégias dentro e fora de seus laços para enaltecer essa identidade como forma de prover meios para a sua efetividade enquanto ação favorável para o município.

Tendo em vista os aspectos mencionados, o processo de identidade do município de Araguaína com as atividades da pecuária tem relevância a partir do marketing da cidade como sendo a capital do boi gordo e pelas manifestações presentes nos discursos dos pecuaristas e da instituição que os defendem. Dessa maneira, o foco no rural evidencia um histórico de representação a partir do desenvolvimento das atividades da pecuária e promove um fortalecimento dessa atividade em toda a microrregião de Araguaína, o que deixa clara a promoção dessa atividade a partir de todo marketing e dos investimentos públicos e privados em prol do desenvolvimento da mesma (SILVA, 2012).

Portanto, a pecuária se tornou no município uma atividade de destaque e vem sendo usada pelos seus defensores como importante para a apropriação do território e uso do mesmo, bem como, de integração dos araguanenses através da tradicionalidade da mesma.

Isso se evidencia pela realização da Exposição Agropecuária de Araguaína (EXPOARA) e da cavalgada que recebem grande marketing ao longo de sua realização, tendo uma aceitação bem relevante de parte dos araguainenses.

Dessa forma, a partir da festa promovida pelo sindicato anualmente é possível perceber a participação de um público diversificado, seja pelos shows e atrações que a festa apresenta, ou pelo fato da identificação com o meio rural. Todo esse marketing tem sido usado pelo sindicato como ponto positivo para continuar seus trabalhos de promover a pecuária como importante atividade para o município de Araguaína, sempre com a defesa do município como capital do boi gordo e garantir a pecuária como símbolo de poder no município.

### **3.4 – A pecuária como símbolo de poder em Araguaína**

Considerada a capital do boi gordo, Araguaína tem uma grande representatividade com relação ao desenvolvimento das atividades relacionadas com a pecuária. Ao longo da trajetória de desenvolvimento do município, o poder simbólico atribuído ao boi é muito presente e desencadeia uma forte relação na disputa econômica e cultural, bem como, evidencia lideranças e acirra as mais diversas disputas para a apropriação e monopólio do território.

Desta forma, no tempo em que a pecuária não apresentava a relevância atual e seu caráter era mais de uma atividade familiar e para atender a demanda de consumo de pequenos grupos, as relações de poder também se apresentavam de forma mais simples. No entanto, com o desenvolvimento das atividades da pecuária de corte um novo cenário começa a se desenhar e neste sentido as disputas vão se acirrar como, por exemplo, a disputa pelo território para a consolidação da pecuária e também entre outros setores da economia e os seus representantes.

Neste contexto, o início da implantação da pecuária no município que teve grande incentivo do governo, favoreceu a chegada de empresários e pessoas que já detinha um envolvimento com as atividades da pecuária e de certa forma, também exerciam uma influência em sua localidade. Isso é bastante comum, pois, no Brasil existe uma grande quantidade de políticos que são pecuaristas e que criam leis e medidas em seu favor.

No centro dessa questão, está o modo como se efetivou, em diferentes momentos históricos, a estruturação de condições desiguais e excludentes de acesso e propriedade da terra mediante processos econômicos e políticos que impulsionaram o poder de grupos sociais dominantes no campo, orientados pelo monopólio fundiário e pela “captura” da renda da terra e do lucro, a



exemplo de grandes proprietários, grandes produtores e empresários rurais. (RIBEIRO, 2009, p.13).

Com isso, verifica-se que ao longo do desenvolvimento das atividades da pecuária no município foi se consolidando um grupo que tem defendido os seus interesses e criado um protecionismo de suas ações com o objetivo de assegurar o poder em detrimento de outros grupos. Esse grupo tem suas ações fortalecidas pelo trabalho do Sindicato Rural de Araguaína (SRA),

Das instituições que têm proporcionado apoio à pecuária a de maior relevância para o setor, sem dúvida, é o Sindicato Rural de Araguaína (SRA) entidade patronal representativa dos produtores pecuaristas de Araguaína e sua influência atuando na definição de estratégias de mercado, divulgando informações por meio de cursos, palestras, mídias, etc. O poder territorial da pecuária no estado e na região, também pode ser expresso pela representatividade de políticos filiados nesta entidade. (SILVA, 2017, p.211).

Para tanto, há uma explicação de porque a pecuária de corte tem uma grande representatividade no município, pois, sabe-se que a maioria dos políticos dessa região tem ligação com as atividades provenientes do agronegócio e que se beneficiam de seus cargos para conseguir uma maior lucratividade e expandir cada vez mais os seus negócios. Os pecuaristas de Araguaína têm os políticos do setor como interlocutores e um “[...] elo necessário atuando na defesa dos interesses de sua classe, da manutenção, ampliação do poder econômico e social historicamente construído. Esta é uma combinação marcante que se torna perversa em Araguaína” (SILVA, 2017, p. 212).

Nesse contexto, é importante destacar que os pecuaristas da região são conhecidos como um seletivo grupo que também participa da gestão do município e se apropriam do território como atores que são tomados por uma relação social de comunicação em busca de fortalecer as relações de poder que estão presentes no desenvolvimento de tal atividade, de acordo com Raffestin (1993). Os defensores da expansão da pecuária na região se tornaram grandes latifundiários e apresentam raízes econômicas e políticas,

A força do avanço do latifúndio, no caso da pecuária, vai além da mera necessidade de pasto. Ela tem raízes econômicas e políticas. Em sua maioria, os políticos e poderosos do país são proprietários de fazendas de gado; em primeiro lugar, porque é uma atividade bastante lucrativa; em segundo, porque possibilita a apropriação de capital na forma da propriedade da terra. (GANCHO; TOLEDO, 1990, p.44)

Razões econômicas e políticas foram determinantes para o avanço da pecuária sobre grandes espaços do cerrado na região, mostrando a força do homem do campo. É importante destacar aqui, que esse não é mais aquele simples homem do campo, mas um indivíduo

beneficiado com incentivos e leis que o protegem e favorecem seu crescimento econômico e a busca por mais terras, desarticulando pequenos produtores e criadores de gado na região, e fundamentando ainda mais as diferenças econômicas.

É nesse contexto que pode-se evidenciar que em meio ao grande desenvolvimento do novo homem do campo amparado pelo grande capital, existe aquele que tem ainda uma pequena produção, ou seja, que não foi beneficiado pelo capital e que tem lutado para conseguir um espaço nesse ramo tão competitivo do agronegócio, especialmente com relação à conquista do território.

As atividades do agronegócio têm se expandido muito nos últimos anos, isso como já mencionado tem provocado uma acelerada busca pelo território e conseqüentemente uma diferenciação no uso do mesmo. No entanto, a pecuária vem sendo uma atividade que em maior ou menor grau está presente em muitas propriedades rurais, neste sentido, para que a mesma seja bem-sucedida os pecuaristas vão em busca de linhas de crédito, entre outros fatores, que possam melhorar o desempenho de suas atividades. De fato, conforme as respostas do roteiro de entrevista destinados aos pecuaristas que participavam da cavalgada 2018 (Apêndice III) dos 7 pecuaristas entrevistados os mesmos apresentaram as diferentes situações na hora de colocar em prática a pecuária, bem como o ser fazendeiro, conforme aponta o quadro 8.

Dentro desse campo de relação de poder, verifica-se ainda a disparidade da classe econômica existente no município, ao passo que enquanto a elite pecuarista se beneficia de seu alto poder aquisitivo proveniente do desenvolvimento das atividades pecuaristas, uma parcela significativa da cidade ainda passa por necessidades financeiras no seu dia a dia, especialmente, no que se refere a segregação econômica à alimentação de qualidade. (LOPES, 2017)

**Quadro 8** - Questionário aplicado com pecuaristas no dia da Cavalgada/2018

|   |                  |           |                     |                 |                |
|---|------------------|-----------|---------------------|-----------------|----------------|
| <b>1- Onde você reside?</b>                   | Fazenda          | Chácara   | Cidade de Araguaína | Outro Município |                |
|   | <b>5</b>         | -         | <b>2</b>            | -               |                |
| <b>2- Há quanto tempo é pecuarista?</b>       | Entre 1 e 3 anos | 4 a 6     | 7 a 9               | Mais de 10 anos |                |
|   | -                | -         | <b>1</b>            | <b>6</b>        |                |
| <b>3- É filiado ao SRA?</b>                   | Sim              | Não       |                     |                 |                |
|   | -                | <b>7</b>  |                     |                 |                |
| <b>4- Quantas cabeças de gado possui?</b>     | 1 a 300          | 301 a 600 | 601 a 900           | 901 a 1.200     | Acima de 1.201 |
|   | <b>6</b>         | <b>1</b>  | -                   | -               | -              |
| <b>5- Sua gestão de pecuarista é moderna?</b> | Sim              | Não       | Em parte            |                 |                |
|   | <b>2</b>         | <b>1</b>  | <b>4</b>            |                 |                |

|  |                       |                 |                    |            |  |
|--|-----------------------|-----------------|--------------------|------------|--|
| <b>6- Seu ponto de vistas sobre as linhas de crédito</b>   | Não são satisfatórias | Atende em parte | Muito burocráticas | Outros     |  |
|  | -                     | 1               | 3                  | 3          |  |
| <b>7- Exerce ou já exerceu cargo político?</b>             | Sim                   | Não             | Qual               |            |  |
|  | -                     | 7               | -                  |            |  |
| <b>8- Importância do agronegócio para o Brasil</b>         | Muito importante      | Importante      | Intermediária      | Outro      |  |
|  | 5                     | 1               | 1                  |            |  |
| <b>9- Tem parente ligado as atividades do agronegócio?</b> | Sim                   | Não             | Qual               |            |  |
|  | 5                     | 2               | -                  |            |  |
| <b>10- Concorda que Araguaína é capital do boi gordo?</b>  | Sim                   | Não             | Em parte           |            |  |
|  | 5                     | -               | 2                  |            |  |
| <b>11- É a favor da modernização da pecuária</b>           | Sim                   | Não             | Em parte           | Outro      |  |
|  | 6                     | -               | -                  | 1          |  |
| <b>12- Quanto ao futuro da pecuária</b>                    | Promissor             | Intermediário   | Sem expectativa    | Outro      |  |
|  | 2                     | 5               | -                  | -          |  |
| <b>13- Relação do agronegócio com o meio ambiente</b>      | Harmoniosa            | Intermediária   | De conflitos       | Outro      |  |
|  | -                     | 6               | 1                  | -          |  |
| <b>14- Quantas pessoas emprega em seu estabelecimento?</b> | 1 a 5                 | 6 a 10          | 11 a 15            | Mais de 15 |  |
|  | 6                     | 1               | -                  | -          |  |

Fonte: MARINHO, Jaison R. (Jun/2018).

É preciso mencionar conforme o quadro 7, que na pergunta de número 3 nenhum dos entrevistados é filiado ao sindicato rural, isso demonstra que mesmo o sindicato tendo uma estrutura importante ainda há muitos pecuaristas para serem sindicalizados. Outro apontamento pertinente, de acordo com a pergunta 7, nenhum dos entrevistados exerce ou já exerceram cargo político. A “magia de grandeza” do desenvolvimento das atividades do agronegócio e, mais precisamente, da pecuária de corte no município e na região não atinge a todos de forma satisfatória, e conseqüentemente acelera a distância entre o patrão e o empregado, ou melhor dizendo, entre o empresário do agronegócio e o peão.

Uma forma de perceber a relação de poder que existe no município em relação ao desenvolvimento das atividades do agronegócio pode ser esclarecida pelo discurso existente na região, especialmente propagado e defendido pelos representantes do sindicato dos pecuaristas de que o agronegócio promove uma integração do homem do campo com o homem da cidade, promovendo assim uma igualdade nas suas relações sociais e econômicas.

Para reforçar tal discurso, destacam as festas anuais que são realizadas no município como sendo um elo importante para consolidação de Araguaína como capital do boi gordo e de certa forma unir as pessoas, conforme Silva (2017),

O SRA se credencia como a maior responsável pela firmação de Araguaína como capital do boi gordo. Realiza dois grandes eventos anuais de finalidade econômica: a Exposição Estadual Agropecuária de Araguaína (EXPOARA) e, junto com outras instituições, a Feira de Negócios, Indústria e Agroindústria do Tocantins (FENIAGRO). A EXPOARA se configura um dos principais eventos e festas de Araguaína e região, com participação de 200 mil pessoas e movimentação de quantia superior a R\$ 30 milhões durante os dez dias de sua realização em 2010 (SRA, 2011). (SILVA, 2017, p.211).

Diante dessa realidade, o que se percebe é que as festas que são realizadas pelo sindicato de certa forma envolvem muitas pessoas, pois sempre há a presença de artistas famosos e atrações diferenciadas que acabam por atrair um público bastante elevado. Além disso, neste período de festas agropecuárias na cidade ocorre algo bastante relevante que talvez seja a efetivação do discurso do sindicato, uma vez que muitas pessoas que não são do meio rural, acabam se influenciando e se caracterizando como se o fossem favorecendo assim a ideia da integração.

No entanto, mesmo no desenvolvimento de tais festas, há uma clara separação daquele que é o empresário do agronegócio e os seus funcionários, mostrando mais uma vez as relações de poder que existem neste campo e que muitas vezes passam despercebidas exatamente pela ideia da integração. Epistemologicamente a ideia da integração seria passar a fazer parte de um mesmo grupo, isso, na prática não ocorre, exatamente pelo fato de mesmo fazendo parte do mesmo ambiente, não se comunga de iguais direitos e privilégios. Na verdade, esse discurso apresentado pela elite pecuarista do município é uma forma de garantir cada vez mais a apropriação e exploração do território e traz toda uma significação de interesses em alargar o processo de dominação a partir de uma representação cristalizada que promove um grupo no poder, sobretudo, pelo discurso pronto e convincente de que é preciso mais progresso para todos.

Portanto, a elite pecuarista de Araguaína tem cada vez mais se fortalecido através de práticas e discursos em seu favor e, ao mesmo tempo, buscando demonstrar a importância do desenvolvimento das atividades do agronegócio para a região, especialmente a pecuária de corte. No entanto, como se sabe a própria dinâmica do território faz com que haja mudanças, porém, tais mudanças têm privilegiado somente um pequeno grupo.

Em virtude do que foi mencionado, o poder da pecuária em Araguaína se efetiva através de atores, políticos em sua maioria, que fazem uso do discurso autorizado para

promover uma representação das interações, bem como buscam tecer uma rede política e econômica no sentido de garantir um resultado satisfatório para o desenvolvimento dos seus negócios. Na maioria das vezes, na busca pelo crescimento desconsideram vários fatores, tais como o social e ambiental.

### **3.5 – O Cenário atual da pecuária em Araguaína e seus desafios**

A pecuária de corte tem expandido muito e suas atividades cada vez mais têm se tornado destaque no mercado econômico, favorecendo assim seu processo de territorialização em busca de mais espaço e conseqüentemente de novas técnicas que possibilitem esse crescimento de forma equilibrada. A evolução da pecuária de corte no município de Araguaína se liga a fatores extremamente políticos que ao longo dos anos foram sendo entrelaçados por atores como o Estado, empresários do agronegócio, pecuaristas, peão, etc. no sentido de afirmar a importância dessa atividade para o desenvolvimento da região e conseqüentemente a ascensão econômica de seus envolvidos.

Dessa forma, desde que a demanda pelo consumo da carne bovina se elevou, o município de Araguaína, que tem grande representatividade nesse mercado, vem melhorando o seu processo de produção, desde a criação do gado até o momento do seu abate, mostrando como a implantação de “[...] novas tecnologias de produção de modernização da gestão rural contribuiu para o aumento da produtividade do rebanho, tendo como grande diferencial a produção de carne bovina a custos competitivos, reforçando a relevância do agronegócio pecuário no Brasil” (LIMA et al., 2012, p.6). As novas tecnologias fazem parte dos arranjos dos quais o processo de desenvolvimento do capitalismo faz uso para o seu pleno desenvolvimento. A partir dessa confraria os atores protagonistas dessas novas estruturas criam condições favoráveis para os pecuaristas desempenharem suas atividades de forma a garantir uma maior rentabilidade em todo o processo que a pecuária dispõe.

Analisando o cenário de evolução da pecuária de corte em Araguaína, a partir da década de 1990 vão ser implantados novos frigoríficos no município demonstrando a relevância dessa atividade no campo econômico. Além disso, por Araguaína liderar o mercado de exportações de carne bovina na região, vai haver cada vez mais incentivos para a consolidação das atividades ligadas a pecuária de corte, bem como, o seu fortalecimento.

Nesse contexto, a pecuária sempre esteve ligada à questão de ocupar grandes faixas do território, evidenciando assim o fato de que a mesma possui domínio sobre a terra, sendo um fator preponderante para o seu desenvolvimento. Com isso, o processo de expansão da

pecuária, no primeiro momento é caracterizado somente pela conquista de mais territórios e no segundo momento, pelo aumento da criação de gado e conseqüentemente com a sua introdução no campo econômico.

No entanto, sabe-se que esse processo de crescimento da pecuária de corte no município desencadeia uma série de fatores negativos ao meio ambiente como, por exemplo, o desmatamento de grandes áreas para a criação de pastagens para a alimentação do gado, bem como o grande consumo de água desde o procedimento de criação até o processo de abate desses animais,

É possível observar que os impactos da pecuária sobre o ambiente são interligados e interdependentes. Os recursos hídricos, por exemplo, além da relação com a perda da biodiversidade devido aos impactos gerados pelos resíduos, o setor agropecuário mundial contribui com cerca de 70% do uso da água, e este uso vem aumentando – no último século o uso da água por esses setores aumentou 5 vezes. Na pecuária especificamente, a exploração da água refere-se ao fornecimento para matar a sede dos animais, para o cultivo das culturas para alimentação animal e, também, nos processos ocorridos nas indústrias que processam a carne (MICHELINI, 2016, p.34).

Neste sentido, verifica-se toda uma sucessão de problemas ambientais que o desenvolvimento da pecuária em grande escala promove. Em consequência disso, faz-se necessário a existência de técnicas voltadas para favorecer o crescimento da pecuária de forma mais equilibrada com o meio ambiente.

O processo de expansão da pecuária vivenciado pelos países da América Latina é tanto uma oportunidade quanto uma ameaça ao desenvolvimento sustentável da região. Pode ser uma oportunidade para a criação de riqueza e redução da pobreza, se as decisões políticas corretas forem tomadas e se sistemas para a pecuária sustentável que respeitem o meio ambiente forem promovidos. Entretanto pode ser uma ameaça, se a expansão da atividade seguir sem considerar os custos ambientais e o efeito em potencial de marginalização dos pequenos produtores. (FAO, 2018).

Diante dessa realidade, o que se percebe é que o desenvolvimento das atividades da pecuária de corte no município deve ser encarado com um olhar mais criterioso no sentido de garantir um maior respeito ao meio ambiente, bem como, fazer com que haja uma melhor distribuição das receitas de forma mais igualitária e que garanta a participação desde o pequeno ao grande produtor. No entanto, não é isso que se observa, pois desde a sua implantação a pecuária já devastou muitas áreas de preservação e mesmo que “[...] o avanço dos pastos sobre reservas ecológicas constitui um crime, isso não impede que continue a ser praticado impunemente, pois muitas vezes os criminosos são aqueles que detêm a lei e o poder a seu favor” (GANCHO; TOLEDO, 1990, p.44).

Especialmente na região amazônica ainda acontecem muitos casos de desrespeito com o meio ambiente, exatamente pela grande quantidade de terra que a mesma apresenta, outro fator relevante para isso, são os recursos hídricos em grande quantidade, algo essencial para o desenvolvimento de qualquer atividade econômica. Paralelo a isso, desde a década de 1990 há um crescimento considerável de efetivo do rebanho bovino na Amazônia Legal sendo explicado pelo número mínimo de abate ou venda de novilhas e a introdução do gado importado de outras regiões (VEIGA, et al., 2004). Além disso, outro fator relevante foi o uso da tecnologia que proporcionou uma melhor assistência para alguns fazendeiros da região.

Algumas fazendas mais avançadas têm usado tecnologias de ponta, inclusive programas de computador para administração de fazendas e manejo de gado, mantendo, pela internet, contatos permanentes com empresas de assistência técnica, centros de pesquisa e mercados de regiões mais desenvolvidas. Isso evidencia o eficiente papel dos atuais meios de comunicação na diminuição do efeito negativo das grandes distâncias e isolamento dos produtores da região. (VEIGA, et al., 2004, p. 103).

No tocante ao acesso de tecnologia para o desenvolvimento das atividades da pecuária de corte, faz-se necessário que a mesma seja incorporada a todo o processo de desenvolvimento da pecuária, de forma que o “encanto” com o desenvolvimento a todo custo não prevaleça sobre as decisões com respeito ao meio ambiente, nem tampouco haja uma apropriação dos recursos naturais de forma perversa sem considerar os processos de interação homem e meio. Consequentemente, conforme menciona FAO (2018) é preciso que os países com alta concentração das atividades pecuarista da América Latina como o caso do Brasil e consequentemente em nível regional, o município de Araguaína possam,

Portanto, melhorar a capacidade de análise e gestão de riscos no setor da pecuária e desenvolver estratégias de produção viáveis, do ponto de vista técnico, econômico, social e ambiental. Isso significa que o setor precisa otimizar a eficiência, a utilização e a sustentabilidade dos recursos, incorporando uma nova visão concentrada na integração setorial. (FAO, 2018).

A evolução das atividades da pecuária de corte no município de Araguaína, com respeito ao meio ambiente, depende, sobretudo, de um consenso entre os atores envolvidos no processo e a forma como os mesmos representam seus interesses. É preciso que se tenha uma visão macro no sentido de alinhar desenvolvimento econômico com práticas sustentáveis ao meio ambiente aliado ao uso e aprimoramento de técnicas que traduzam no resultado mais satisfatório para ambos os lados.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O agronegócio tem motivado cada vez mais debates em relação ao seu processo de desenvolvimento, especialmente no que se refere às grandes transformações provocadas no território. Os impactos apresentados pelo acelerado crescimento do agronegócio são bem visíveis e tem provocado um elevado número de conflitos no uso e ocupação em grandes áreas do Brasil. Dessa forma, como grande destaque do agronegócio, a pecuária tem-se apresentado desde muito tempo como uma importante atividade para o processo de ocupação do território, bem como para a aquisição de grandes faixas de terras.



Neste sentido, esse trabalho teve como foco analisar o processo de territorialização do agronegócio da pecuária de corte no município de Araguaína (TO) a partir do poder simbólico atribuído ao boi, bem como através dos discursos da elite pecuarista que fora se instalando no município e em sua microrregião. Partindo dessa questão, para fundamentar o trabalho utilizou-se o conceito de território de Raffestin (1993) que aponta que o mesmo se estabelece a partir do espaço e demonstra as diferentes relações que vão sendo materializadas pelo poder exercido por diferentes atores.

A justificativa pela escolha de analisar o processo de desenvolvimento da pecuária de corte no município se deve pelo mesmo ser referenciado como a capital do boi gordo e também devido à questão simbólica atribuída à pecuária no município e em sua microrregião, bem como, através de um importante evento realizado pelo sindicato rural, a EXPOARA, que busca fazer uma integração entre o campo e a cidade. Dessa forma, ao longo da construção do trabalho foi se constatando o processo de desenvolvimento da atividade da pecuária no município, o surgimento da mesma se explica devido à pecuária ser uma atividade que não necessitava de grande mão-de-obra e nem de grandes investimentos iniciais, além é claro de ser uma atividade que necessitava de uma considerada faixa de terra, uma vez que a criação do gado era realizada, especialmente na forma extensiva.

No entanto, como o processo de territorialização do agronegócio da pecuária de corte é muito amplo, buscou-se compreender seus desdobramentos a partir de algumas questões importantes, tais como: as heterogeneidades e traços comuns no processo de territorialização da pecuária de corte no município; o papel do Estado no que se refere ao desenvolvimento da pecuária de corte no município e sua relação com o meio ambiente, e; o poder simbólico por trás da pecuária como força de interação com a identidade e a cultura no município. Neste contexto, buscou-se destacar a relevância do PIB do agronegócio para o município, constatando que mesmo ele não sendo tão expressivo, representando somente 2% no ano de 2015, o mesmo tem sido apresentado como influenciador dos outros setores econômicos do município como o caso da indústria e do comércio. É que segundo os defensores do agronegócio do município, especialmente os pecuaristas, a atividade da pecuária concebe todo esse potencial para o favorecimento do agronegócio.

A expansão da atividade da pecuária na região da Amazônia Legal foi promovida em grande parte graças ao papel desempenhado pelo governo federal em busca de fazer a integração dessa região “pouco povoada” com o restante do país. Mediante os incentivos do governo e também da ação dos investimentos da iniciativa privada em pouco tempo vai haver

um acelerado processo de transformação oriunda da ocupação do território para a exploração de muitos recursos disponíveis nessa região.

A pecuária em Araguaína começou a ser intensificada enquanto atividade agregadora a partir da década de 1980, neste período houve a criação do estado do Tocantins e a intensificação de um grupo voltado para desenvolver essa atividade de forma mais efetiva, é também nesse período que Araguaína vai receber o título de capital do boi gordo. A partir desse momento o município tem ganhado um grande destaque com relação ao desenvolvimento da pecuária, sobretudo, a pecuária de corte.

Assim, a consolidação da atividade da pecuária de corte no município vai atrair outras empresas, as agroindústrias que justamente com os frigoríficos implantados no município vão ter uma grande importância para a economia local. No entanto, o avanço da pecuária no município tem desencadeado uma série de problemas ambientais, como o desmatamento para a formação de pastos, o assoreamento de nascentes, efeito estufa, entre outros que tem sido colocado em segundo plano devido ao grande investimento do capital e o grande aparato da mídia em divulgar somente o lado positivo do agronegócio.

Em meio a tudo isso o papel do Estado é muito importante, pois, se configura no fomentador de políticas públicas voltadas para benefício dos mais variados atores e com a incumbência de cuidar do meio ambiente. No entanto, não é isso que vem ocorrendo, pois, o Estado em muitos casos têm sido aliados do grande capital e tem deixado de fora os pequenos produtores que necessitam de um pedaço de terra para tirarem seu sustento.

Os pecuaristas da região desde muito cedo tem buscado sua sustentação nos políticos que também são pecuaristas, dessa forma os mesmos têm fortalecido seus grupos e garantido vantagens no desenvolvimento de suas atividades, uma vez que todas as decisões para melhoria da classe passam pela política.

Partindo do processo de compreender a expansão do agronegócio da pecuária de corte foram realizadas 4 participações em reuniões do SRA com o intuito de obter informações que pudesse respaldar a grande importância da pecuária para o município de Araguaína. Em todas as reuniões a classe apesar de muitos momentos apresentarem opiniões diferenciadas, a mesma demonstrou que a união é que fortalece os seus trabalhos.

Durante a observação das reuniões uma coisa ficou bem clara, a categoria dos pecuaristas sabe onde resolver as suas reivindicações, fazendo jus aquilo que Raffestin (1993) aponta, a necessidade de estar perto de quem pode ajudar no momento da necessidade. O SRA tem sido um grande parceiro do agronegócio no município e já que a pecuária é a

atividade de maior destaque o sindicato tem buscado fortalecer a categoria com incentivos à produção e aumento nos lucros.

Ainda com relação à observação das reuniões, umas das mais bem debatidas ocorreu no dia 21/03/18 que teve a participação de alguns filiados, o que pode se destacar é que alguns estavam bem informados sobre os assuntos que estavam na pauta e para aqueles que estivessem com dúvidas, havia presente um advogado da instituição para fazer os esclarecimentos necessários.

Diante do exposto, o trabalho buscou entender como o poder simbólico existe com relação ao desenvolvimento da pecuária no município, para isso houve a observação da festa durante os 10 dias que a mesma foi realizada. Neste período, a mídia foi bastante enfática em promover a divulgação da exposição. Mesmo o ano de 2018 sendo difícil devido a todo o processo que o país estava passando em sua economia a EXPOARA teve um público bastante relativo, oscilando por causa da atração artística de cada noite.

O público da EXPOARA é bastante diversificado, o presidente do sindicato em todas as suas falas tem defendido a festa como sendo para toda a família, desde as crianças até os idosos, para isso defende uma programação eclética para agradar esse público diverso. Neste sentido como uma forma oficial da abertura da EXPOARA todos os anos é realizada a cavalgada que promove um desfile do homem do campo com seus animais pelas principais avenidas da cidade.

A forma mais evidente da manifestação do poder simbólico da pecuária no município de Araguaína se traduz durante o período da EXPOARA, pois, o público é levado a interagir com a festa, seja de maneira positiva ou negativa, uma vez que aqueles que não gostam da cavalgada tem o desconforto de encontrar algumas ruas bloqueadas durante a realização da mesma, e aqueles que gostam são atraídos para o local de sua realização sem necessariamente haver uma ligação com o campo.

Dentro desse processo de aceitação da festa agropecuária o que pode se destacar é que a mesma desde alguns anos já não tem mais essa tal “integração” do homem da cidade com o homem do campo, uma vez que, a festa já é aguardada anualmente pelo público urbano e que seguramente acontece o encontro do homem da cidade com o homem de outras cidades. Outro aspecto interessante é que mesmo que o valor cobrado na entrada do parque não ser tão baixo, as pessoas não deixam de participar da festa.

Nesta lógica, no dia 10 de junho de 2018 foi realizada a 30ª edição da cavalgada no município, neste dia foi acompanhada a comitiva do Açougue Paulista, comitiva essa que se destaca pela sua organização, bem como, pela sua tradição de participação na cavalgada o que

já lhe conferiu alguns títulos. O critério de escolha da comitiva se deu pela disponibilidade em atender à solicitação. Foram entrevistados 30 participantes da comitiva, dentre as observações mais relevantes de se destacar é o processo de formação da própria comitiva, sendo a maioria de seus membros somente amigos.

Foram observadas também a interação do público que assistia à cavalgada, o mesmo demonstra uma satisfação em ver o desfile dos cavaleiros e amazonas em seus animais, tiram fotos, filmam e interagem com suas famílias. Outro detalhe importante das observações é o comércio informal que gira em torno da realização da festa agropecuária, ambulantes vendendo pen-drives com músicas do momento, óculos, chapéus entre outros numa forma de conseguir uma renda extra. Considerando ainda o grande destaque dado à pecuária no município, existem aqueles pequenos pecuaristas que não fazem parte da estatística da elite pecuarista e também não são associados ao SRA, mas que desempenham suas atividades e estão inseridos nesse processo de territorialização da pecuária no município e também em sua microrregião.

Por fim, através dos resultados obtidos em função do trabalho a campo, pode-se pensar melhor sobre o processo de territorialização da pecuária de corte no município de Araguaína, bem como, o poder simbólico que a mesma exerce. Também ficou claro a influência do SRA através dos seus representantes também o papel da mídia na divulgação das atividades do agronegócio. Verificou-se ainda que de fato a pecuária de corte confere ao município uma vantagem econômica, sobretudo, no que se refere as exportações de carne, no entanto, a presença da pecuária no município se deva mais ao poder simbólico que a mesma desempenha, especialmente, na grande aceitação da festa agropecuária que ocorre anualmente.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Ricardo. **Criação do Estado de Tocantins leva UDR ao poder**. São Paulo: Folha de São Paulo, 1988. p. 5-5.

ARAGUAÍNA, Notícias. **Expoara 2018 começa nesta quinta e vai levar ao palco grandes nomes da música.** 2018. Disponível em: <<http://araguainanoticias.com.br/noticia/43697/expoara-2018-comeca-nesta-quinta-e-vai-levar-ao-palco-grandes-nomes-da-musica-sertaneja/>>. Acesso em: 07 jun. 2018.

ARAGUAÍNA. Prefeitura Municipal. **História de Araguaína.** 2017. Disponível em: <<http://www.araguaina.to.gov.br/portal/paginas.php?p=turismo>>. Acesso em: 01 out. 2018.

ARAÚJO, Claudivan S. **Araguaína – História e Atualidade.** Prefeitura Municipal de Araguaína. 1. ed. 2000.

ARAÚJO, Massilon J. **Fundamentos de agronegócios.** São Paulo: Atlas, 2005. 160 p.

ARAÚJO, Pedro P. P; COSTA, Luzimar P. Impactos ambientais nas atividades de abate de bovinos: um estudo no matadouro público municipal de Caicó - RN. **Revista Halos**, Caicó, n. 1, p. 1-20, 2014.

ARON, Raymond. **Estudos Sociológicos.** Tradução Marcia Cavalcanti. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988. 302 p.

BARROS, Raylinn. João Batista e família. **Jornal do Tocantins**, Araguaína, p. 01-05. nov. 2014. Disponível em: <<https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/estado/jo%C3%A3o-batista-e-fam%C3%ADlia-1.710971>>. Acesso em: 06 out. 2018.

BELCHIOR, Ernandes B; ALCANTARA, Pedro. H. R; BARBOSA, Cláudio F. Perspectivas e desafios para a região do Matopiba. **Embrapa Pesca e Aquicultura**, Palmas 2017. 3 p.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Tradução Fernando Tomaz. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1989.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE. **Fronteira Agrícola – Amazônia Legal.** 2018. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias-novoportal/cartas-e-mapas/mapas-regionais/15976-fronteira-agricola-amazonia-legal.html>>. Acesso em: 11 set. 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério do Meio Ambiente. **Plano Amazônia Sustentável.** 2008. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/florestas/controle-e-preven%C3%A7%C3%A3o-do-desmatamento/plano-amaz%C3%B4nia-s>>. Acesso em: 22 set. 2018.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. **Lei do Crédito Rural de 1965 - Lei 4829/65 | Lei no 4.829, de 5 de novembro de 1965.** 1965. Disponível em: <<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/128609/lei-do-credito-rural-de-1965-lei-4829-65>>. Acesso em: 11 out. 2018.

CASTILHO, Luís. **O agro é lobby: a bancada ruralista no congresso.** 2018. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/o-agro-e-lobby-a-bancada-ruralista-no-congresso/>>. Acesso em: 06 out. 2018.

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição imaginária da sociedade**. Tradução de Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

COSTA, Delismar P; LOPES, Alberto P. A Territorialização do Capital do Agronegócio e a Agroindústria do Município de Araguaína (TO). **Revista Tocantinense de Geografia**, Araguaína, v. 10, n. 10, p.39-58, mai/agost. 2017.

COSTA, Wanderley Ms. **O Estado e as políticas territoriais no Brasil**. São Paulo: Ed. Contexto, 2000.

CUNHA, José M. P. **A migração no Centro-Oeste Brasileiro no período 1970-96: o esgotamento de um processo de ocupação**. Campinas: Unicamp, 2002. 168 p.

DBO, Portal. **JBS inaugura unidade em Araguaína, TO**. 2015. Disponível em: <<http://www.portaldbo.com.br/Portal/Noticias/JBS-inaugura-unidade-em-Araguaina-TO/11631>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

DIAS, Romildo L. Secretaria do Planejamento e Orçamento (Seplan). Superintendência de Planejamento e Desenvolvimento. **Diretoria de Pesquisa e Informações Econômicas**. Gerência Estatística Socioeconômica e Contas Regionais. 2017. Disponível em: <https://central3.to.gov.br/arquivo/340222/>> acesso em: 12/09/18.

DOMINGUES, Mariana S; BERMANN, Célio. O arco de desflorestamento na Amazônia: da pecuária à soja. **Ambient. soc.** São Paulo, v. 15, n. 2, p. 1-22. ago.2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414753X2012000200002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414753X2012000200002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 21 Set. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-753X2012000200002>.

FAO, Organizações das Nações Unidas para Alimentação e a Agricultura. **Pecuária sustentável e mudanças climáticas na América Latina e no Caribe**. 2018. Disponível em: <<http://www.fao.org/americas/perspectivas/ganaderia-sostenible/pt/>>. Acesso em: 28 jan. 2018.

FERNANDES, Bernardo M. **Políticas públicas e Questão Agrária: Bases para o Desenvolvimento Territorial Camponês (Orgs.)**. 1. ed. São Paulo: Outras Expressões, 2015. 280 p.

FILHO, Eraldo S. R. **Estado, políticas e território**. et al., -- 1. ed. – São Paulo: Outras Expressões, 2015. 280 p.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FRANÇA, Andison. SEPLAN-TO (2012), (IBGE,2010); Projeção/ DATUM: Geografica/SAD-69; Elaboração Gráfica (10/18).

FREITAS, André Vieira. **Estado, Território, Ambiente e Políticas Públicas: O Ordenamento Territorial e sua Interface Ambiental.** (Orgs.) – 1. ed. – São Paulo: Outras Expressões, 2015. 280 p.

GANCHO, Cândida V; TOLEDO, Vera V. **Caminhos do boi - Pecuária bovina no Brasil.** 2. ed. São Paulo: Moderna, 1990. 56 p.

GOMES, Horieste. **A produção do espaço geográfico no capitalismo.** – 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1991.

GUEDES, Luciano S; BRITO, Jorge Luis S. Caracterização Socioeconômica da Microrregião de Araguaína (TO). **Observatorium: Revista Eletrônica de Geografia, Uberlândia**, v. 6, p.91-103, out. 2014.

GUIMARÃES, Giem. “Agro é Pop, Agro é Tudo”:os donos do poder e a manipulação da comunicação. 2018.**Conexão Planeta.** Disponível em:<<http://conexaoplaneta.com.br/blog/agro-e-pop-agro-e-tudo-os-donos-do-poder-e-a-manipulacao-da-comunicacao/>>. Acesso em: 12 out. 2018.

HALL, Stuart. **A diversidade cultural na pós-modernidade.** 5ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Produto Interno Bruto dos Municípios.** 2015. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/araguaina/pesquisa/38/47001?indicador=47006&ano=2015>>. Acesso em: 01 out. 2018.

\_\_\_\_\_. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pecuária.** 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/araguacu/pesquisa/18/0>>. Acesso em: 03 out. 2018.

\_\_\_\_\_. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa da Pecuária Municipal.** 2012. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/3939#resultado>>. Acesso em: 03 out. 2018.

\_\_\_\_\_. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa da População.** 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 03 out. 2018

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação.** São Paulo: Cortez, 2004.

KOHLHEPP, G. Conflitos de interesse no ordenamento territorial da Amazônia brasileira. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.16, n.45, p.37-61, 2002.

LEITE, Gisele. Teoria das elites ou elitismo. In: **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, IX, n. 29, maio

2006. Disponível em: <[http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=1135](http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=1135)>. Acesso em out 2018.

LIMA, Alessandra G. D. et al. Produção e Exportação de Carne Bovina no Estado do Tocantins. **Revista Cereus**, Gurupi, v. 4, p.06-20, 2012.

LOPES, Alberto P. A Cidade de Araguaína: porta de entrada e de saída dos trabalhadores aliciados. **Observatório Geográfico da América Latina**, Araguaína, p.1-15, 2015. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiaeconomica/97.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2018.

LOPES, Alberto P. Araguaína-TO: frentes pioneiras e frentes de expansão, a porteira aberta para trabalhadores vítimas do trabalho escravo por dívida. **Interespaço** Revista de Geografia e Interdisciplinaridade, Grajaú, p. 99 a 114, 2017. Disponível em:<<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/interespaço/article/viewFile/6639/4973>>. Acesso em: 02 ago. 2019.

LORENSINI, C. L. et al. Mapeamento e identificação da época de desmatamento das áreas de expansão da agricultura no MATOPIBA. In:\_\_\_\_. **XVII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto**. João Pessoa: INPE, 2015.

MANIERI, Dagmar. **Crença, ideologia e representações coletivas**. 1ª ed. São Paulo: Annablume, 2017.

MARTINS, Rodrigo. O inferno astral da pecuária. **O Estadão**. São Paulo, p. 1-1. 03 jun. 2011. Disponível em: <<https://sustentabilidade.estadao.com.br/blogs/andrea-vialli/florestas-na-telona/>>. Acesso em: 24 set. 2018.

MATOS, Patrícia F. As Tramas do Agronegócio no Cerrado do Sudeste Goiano. In: CHELOTTI, Marcelo C.; SANTOS, Joelma C.; SOUZA, Murilo M. O. (Org.). **Geografia Agrária e Diversidades Territoriais do Campo Brasileiro**. Uberlândia: Assis Editora, 2012. 304 p. p. 215-236.

MDIC. **TO**: Exportação, Importação e Saldo por Municípios. 2017. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/comercio-exterior/estatisticas-de-comercio-exterior/comex-vis/frame-municipio?municipio=1702109>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

MEZA, Jorge. **FAO**: Agronegócio foi responsável por quase 70% do desmatamento na América Latina. Santiago, 2016. Elaborado por: O Estado das Florestas do Mundo 2016 (SOFO). Disponível em: <<http://www.fao.org/americas/noticias/ver/pt/c/425810/>>. Acesso em: 22 set. 2018.

MICHELINI, Janaína. **A Pecuária Bovina de Corte no Brasil**: Significados, Contradições e Desafios em Busca da Sustentabilidade. 2016. 142 f. Tese (Doutorado em Ciência do Sistema Terrestre), Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - Inpe, São José dos Campos, 2016.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n.37, p. 7-32, mar. 1999. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod\\_resource/content/1/Roque-Moraes\\_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf)> Acesso em: 03 dez. 2018.



MÜLLER, Fernando H. C. G. **Amazônia: Expansão do Capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1977. 205 p.

NASCIMENTO, Cláudia P; SILVA, Mauricio; FERREIRA, Manoela B. P. A Pecuária como Atividade Primaz na Amazônia: Uma Discussão acerca dos seus Aspectos Ambientais, das Populações Humanas Envolvidas e do Papel das Instituições na Dinâmica desta Atividade. **Revista de Estudos Sociais**, Cuiabá, v. 17, n. 33, p.207-227. jun. 2015. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/res/issue/view/188>>. Acesso em: 19 set. 2018.

O NORTE (Araguaína). **Governador atende reivindicação de pecuaristas de Araguaína e reduzirá ICMS para venda de gado a outros Estados**. 2017. Disponível em: <<http://www.portalonorte.com.br/estado-83728-governador-atende-reivindicacao-de-pecuaristas-de-araguaína-e-reduzira-icms-para-venda-de-gado-a-out.html>>. Acesso em: 05 out. 2018.

OLIVEIRA, Antônio. **Entrevista/Junior Marzola - Araguaína: de “capital do boi branco”, para polo diversificado de várias cadeias produtivas**. Cerrado Rural - A revista do Matopiba Agronegócios, Palmas, Disponível em: <<http://cerradoeditora.com.br/cerrado/entrevistajunior-mazzola-araguaína-de-capital-do-boi-branco-para-polo-diversificado-de-varias-cadeias-produtivas/>>. Acesso em: 22 dez. 2018.

OLIVEIRA, Ariovaldo U. **A agricultura camponesa no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1996.

PEREIRA, Mirlei F. V; SILVA, Laís R. O Setor Sucroenergético no Triângulo Mineiro: Ações do Estado na Consolidação de uma Região Agrícola Especializada e suas Implicações Territoriais. In: RAMOS FILHO, Eraldo S.; SANTOS, Ana R.; SANTOS, Laiany R. S. **Agrocombustíveis, trabalho e resistências territoriais**. São Paulo: Outras Expressões, 2015. 283 p. p. 55-77.

PETER Rowinski. **Campanha da Globo sobre Agronegócio é valorizada, o que será que a Globo quer com isto?** 2017. Disponível em: <<https://meionorteinfo.blog/2017/06/29/campanha-da-globo-sobre-agronegocio-e-valorizada-oque-sera-que-a-globo-quer-com-isto/>>. Acesso em: 09 out. 2018.

PORTO-GONÇALVES, Carlos W. et al. Os Cerrados e os Fronts do Agronegócio no Brasil. **Conflitos no Campo Brasil**, Rio de Janeiro, p.76-86, 2016. Disponível em: <<https://www.congressods.com.br/arquivos/Os%20Cerrados%20e%20os%20Fronts%20do%20Agronegocio%20no%20Br>>. Acesso em: 22 set. 2018.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, Raphael M. **Questão Agrária e Territórios em Disputa: Embates Políticos entre Agronegócio e Agricultura Camponesa/Familiar – Década de 2000**. 2009. 151 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFU / Uberlândia, 2009.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-científico-informacional**. 5ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SAQUET, Marcos A. **Por uma Abordagem Territorial**. In.: SAQUET, Marcos A. & SPOSITO, Eliseu S. (Org.) Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008, p. 73-94.

SAUER, Sérgio. et al. Terrenos da Desigualdade, Terra, Agricultura e Desigualdades no Brasil Rural. **Oxfam Brasil**, São Paulo, v. 1, p.1-31, nov. 2016. Disponível em: <[https://www.oxfam.org.br/sites/default/files/arquivos/relatorio-terrenos\\_desigualdade-brasil.pdf](https://www.oxfam.org.br/sites/default/files/arquivos/relatorio-terrenos_desigualdade-brasil.pdf)>. Acesso em: 04 out. 2018.

SCHLESINGER, Sergio. **Onde pastar? O gado bovino no Brasil**. Rio de Janeiro: FASE, 2010.

SINDICATO RURAL DE ARAGUAÍNA (TO). **Expoara 2018: Vendas de Passaportes e ingressos – Pontos de Vendas**. Disponível em: <<http://portalsra.com.br/expoara-2018-vendas-de-passaportes-1o-lote-pontos-de-vendas/>>. Acesso em: 05 mar. 2019.

SILVA, Roberto A. **Agropecuária de Araguaína-TO e Novas Centralidades**. 2012. 155 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Programa de Pós-graduação em Geografia, Centro de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012.

SILVA, Roberto A. Centralidade Urbano-Regional da Pecuária de Araguaína-TO: A Capital do Boi Gordo? **Revista de Geografia (recife)**, Recife, v. 2, n. 34, p.194-2015, 24 jun. 2017. Quadrimestral. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/viewFile/229285/23645>>. Acesso em: 28 dez. 2017.

SILVA, Roberto A. Centralidade Urbano-regional da Pecuária de Araguaína -TO: A Capital do Boi Gordo? **Revista de Geografia (recife)**, Recife, v. 2, n. 34, p.194-2015, 24 jun. 2017. Quadrimestral. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/viewFile/229285/23645>>. Acesso em: 28 dez. 2018.

SOARES-FILHO, Britaldo S. et al. **Cenários para a pecuária de corte amazônica**. 1ª ed. Belo Horizonte: Ed. IGC/ UFMG, 2015. 29 p.

SODRÉ, Reges; VASCONCELOS FILHO, João M. As Atuais Formas-Conteúdo de Apoio ao Agronegócio e suas Espacialidades na Cidade de Araguaína-TO. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v.16, n. 54, p.176-191, 27 maio 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/28326>>. Acesso em: 06 mar. 2019.

SOTTO, Arézio. **Memórias de Araguaína, a rainha do Tocantins**. Gurupi: Ed. Veloso 2017, 300 p.

SOUZA, Murilo M. O. A Estrada como Destino: a formação desenraizada do campesinato rondoniense. In: CHELOTTI, Marcelo C.; SANTOS, Joelma C.; MATOS, Patrícia F. (Org.). **Geografia Agrária e Diversidades Territoriais do Campo Brasileiro**. Uberlândia: Assis Editora, 2012. 304 p. p. 29-50.

SUL, Jornal. **O Brasil é o maior exportador de carne bovina do mundo**. 2017. Disponível em: <<http://www.osul.com.br/o-brasil-e-o-maior-exportador-de-carne-bovina-do-mundo/>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

TRE - Tribunal Regional Eleitoral do Tocantins. **Divulgação de candidaturas e Contas Eleitorais**. 2016. Disponível em: <<http://divulgacandcontas.tse.jus.br/divulga/#/>>. Acesso em: 10 out. 2018.

VEIGA, Jonas B. et al. **Expansão e trajetória da pecuária na Amazônia: Pará, Brasil**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004. 162 p.

VESCHI, Josir L. A.; BARROS, Ludmilla S. S.; RAMOS, Edson. M. Impacto ambiental da pecuária. In: BRITO, L. T. de L.; MELO, R. F. de; GIONGO, V. (Ed.). Impactos ambientais causados pela agricultura no Semiárido brasileiro. **Embrapa Semiárido**, Petrolina: 2010. cap. 6, p. 171-187.

WALKER, Robert. et al. **A Expansão da Agricultura Intensiva e Pecuária na Amazônia Brasileira**. Disponível em:<[https://daac.ornl.gov/LBA/lbaconferencia/amazonia\\_global\\_change/5\\_A%20Expansao\\_Agricultura\\_Walker.pdf](https://daac.ornl.gov/LBA/lbaconferencia/amazonia_global_change/5_A%20Expansao_Agricultura_Walker.pdf)> Acesso em: 18 set. 2018.

**APÊNDICE I – Roteiro de entrevista para Cavaleiros e Amazonas - Cavalgada**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS – UFT  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE CULTURA E TERRITÓRIO -  
PPGCULT

**ROTEIRO DE ENTREVISTA DESTINADO AOS CAVALEIROS E AMAZONAS  
PARTICIPANTES DA EXPOSIÇÃO AGROPECUÁRIA DE ARAGUAÍNA –  
EXPOARA**

Iniciais do Entrevistado: \_\_\_\_\_  
Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2018

**1-** Onde você reside?

( ) Fazenda ( ) chácara ( ) cidade de Araguaína ( ) outro município

**2-** Há quanto tempo você participa da cavalgada?

( ) entre 01 e 03 anos ( ) entre 04 a 06 anos ( ) entre 07 e 09 anos ( ) mais de 10 anos

**3-** Como é composta a sua comitiva da cavalgada?

( ) familiares ( ) amigos ( ) somente pessoas ligadas a pecuária ( ) não tem relação direta ( ) outros: \_\_\_\_\_

**4-** Como você observa o tratamento dados aos animais?

( ) Ótimo ( ) bom ( ) ruim ( ) péssimo – comente: \_\_\_\_\_

**5-** Qual a maior importância da pecuária para o município de Araguaína(TO)?

( ) cultural ( ) fortalecimento da tradição do campo ( ) Geração de emprego e renda ( ) produção de alimentos ( ) Outros: \_\_\_\_\_

**6-** Qual sua relação com a pecuária?

( ) Fazendeiro ( ) parente de fazendeiro ( ) trabalha na fazenda ( ) vendedor ou proprietário de lojas de produtos agropecuários ( ) não tem relação  
Outros: \_\_\_\_\_

**7-** Qual a sua avaliação da festa agropecuária de Araguaína , EXPOARA?

( ) Ótima ( ) boa ( ) ruim ( ) péssima ( ) outros: \_\_\_\_\_

**8-** Qual o seu grau de escolaridade?

( ) Ensino fundamental incompleto ( ) ensino fundamental ( ) ensino médio incompleto ( ) ensino médio ( ) nível superior incompleto ( ) nível superior  
Outros: \_\_\_\_\_

**09-** Qual o seu nível de renda?

( ) R\$ 0,00 a 3.000,00 ( ) R\$ 3.001,00 a 6.000,00 ( ) R\$ 6.001,00 a 9.000,00 ( ) R\$ 9.001,00 a 12.000,00 ( ) R\$ 12.001,00 a 15.000,00 ( ) acima de R\$ 15.000,00

**10-** Algum comentário que gostaria de fazer? \_\_\_\_\_

**APÊNDICEII – Roteiro de entrevista para os participantes da EXPOARA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS – UFT  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE CULTURA E TERRITÓRIO -  
PPGCULT

**ROTEIRO DE ENTREVISTA DESTINADO AOS PARTICIPANTES DA  
EXPOSIÇÃO AGROPECUÁRIA DE ARAGUAÍNA – EXPOARA**

Iniciais do Entrevistado: \_\_\_\_\_  
Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2018

- 1-** Onde você reside?  
( ) Fazenda ( ) chácara ( ) cidade de Araguaína ( ) outro município
- 2-** Você exerce alguma atividade no segmento do agronegócio atualmente?  
( ) Sim – Qual? \_\_\_\_\_ ( ) não
- 3-** Você considera a cidade de Araguaína uma cidade rural?  
( ) Sim ( ) não ( ) em parte
- 4-** Qual a sua avaliação da festa agropecuária de Araguaína, EXPOARA?  
( ) Ótima ( ) boa ( ) ruim ( ) péssima ( ) outro: \_\_\_\_\_
- 5-** Você tem alguma experiência na área do agronegócio?  
( ) Sim ( ) não
- 6-** Você tem algum parente ligado às atividades do agronegócio?  
( ) Sim ( ) não
- 7-** Você concorda que Araguaína é a capital do boi gordo?  
( ) Sim ( ) não
- 8-** Você considera que a maior força econômica de Araguaína seja proveniente das atividades do agronegócio?  
( ) Sim ( ) não ( ) em parte
- 9-** A festa agropecuária de Araguaína dita moda e regras de comportamento?  
( ) Sim ( ) não ( ) em parte ( ) outro: \_\_\_\_\_
- 10-** Em sua opinião como a mídia influencia para o avanço do agronegócio na região de Araguaína?  
\_\_\_\_\_
- 11-** Qual a relação do desenvolvimento do agronegócio e o meio ambiente na região de Araguaína?  
( ) Relação harmoniosa ( ) relação intermediária ( ) relação de conflitos ( ) outros: \_\_\_\_\_
- 12-** Algum comentário que gostaria de fazer? \_\_\_\_\_

### APÊNDICE III – Roteiro de entrevista para os Pecuaristas

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS – UFT  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE CULTURA E TERRITÓRIO -  
PPGCULT

#### ROTEIRO DE ENTREVISTA DESTINADO AOS PECUARISTAS

Iniciais do Entrevistado: \_\_\_\_\_  
Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2018

**1-** Onde você reside?

( ) Fazenda ( ) chácara ( ) cidade de Araguaína ( ) outro município

**2-** Há quanto tempo exerce a atividade de pecuarista?

( ) entre 1 e 3 anos ( ) entre 4 a 6 anos ( ) entre 7 a 9 anos ( ) mais de 10 anos

**3-** Você é filiado ao Sindicato Rural de Araguaína?

( ) sim ( ) não

Há quanto tempo?

( ) entre 1 e 3 anos ( ) entre 4 a 6 anos ( ) entre 7 a 9 anos ( ) mais de 10 anos

**4-** Quantas cabeças de gado você possui atualmente?

( ) de 01 a 300 ( ) 301 a 600 ( ) de 601 a 900 ( ) de 901 a 1.200 ( ) acima de 1.201

**5-** Você considera a sua gestão de pecuarista moderna?

( ) sim ( ) não ( ) em parte

**6-** Qual a sua visão com relação às linhas de crédito liberadas pelo governo para o desenvolvimento da pecuária?

( ) não são satisfatória ( ) atende as necessidades em parte ( ) muito burocrático de consegui ( ) outros: \_\_\_\_\_

**7-** Você exerce ou já exerceu algum cargo político?

( ) sim ( ) não

Qual: \_\_\_\_\_

**8-** Qual a importância do agronegócio para a economia brasileira?

( ) muito importante ( ) importante ( ) intermediária ( ) outro: \_\_\_\_\_

**9-** Você tem algum parente ligado às atividades do agronegócio?

( ) Sim ( ) não

Qual atividade: \_\_\_\_\_

**10-** Você concorda que Araguaína é a capital do boi gordo?

( ) Sim ( ) não ( ) em parte

**11-** Você é a favor da modernização da pecuária de corte?

( ) Sim ( ) não ( ) em parte ( ) outro: \_\_\_\_\_

**12-** Como você enxerga o futuro da atividade de pecuarista?

( ) promissor ( ) intermediário ( ) não tem muita expectativa ( ) outro: \_\_\_\_\_

**13-** Qual a relação do desenvolvimento do agronegócio e o meio ambiente na região de Araguaína?

( ) Relação harmoniosa ( ) relação intermediária ( ) relação de conflitos ( ) outros: \_\_\_\_\_

**14-** Quantos trabalhadores em geral você possui no desenvolvimento de sua atividade de pecuarista?

( ) 01 a 05 ( ) 06 a 10 ( ) de 11 a 15 ( ) mais de 15

**15-** Algum comentário que gostaria de fazer?

**APÊNDICE IV – Roteiro de entrevista para o presidente do SRA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS – UFT  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE CULTURA E TERRITÓRIO -  
PPGCULT

**ROTEIRO DE ENTREVISTA DESTINADO AO PRESIDENTE DO SINDICATO  
RURAL DE ARAGUAÍNA - SRA**

Nome do entrevistado: \_\_\_\_\_  
Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2018

- 1- Qual a representatividade atual do agronegócio para a economia de Araguaína?
- 2- Atualmente qual o número de filiados do sindicato?
- 3- Quantos dos filiados ao sindicato exercem cargo político?
- 4- Durante a operação da Polícia Federal intitulada Carne Fraca, houve algum prejuízo para a economia da cidade?
- 5- Para onde vai a o boi gordo de Araguaína?
- 6- Quais são as formas que o sindicato tem usado para atrair as pessoas para participar da Exposição Agropecuária de Araguaína – EXPOARA?
- 7- Qual o papel do sindicato frente ao avanço do agronegócio e o seu impacto ao meio ambiente?
- 8- Como você avalia o desenvolvimento do agronegócio na região nos últimos 10 anos?
- 9- Como você interpreta o PIB do agronegócio em Araguaína?
- 10- Com relação ao avanço tecnológico na pecuária, como o sindicato tem trabalhado nisso?
- 11- Quais são as perspectivas de mercado com relação à pecuária de corte?
- 12- Algum comentário que gostaria de fazer?